

An aerial photograph of the state of Maranhão, Brazil, with a semi-transparent map overlay. A specific region in the northern part of the state is highlighted in a darker shade, indicating the study area. The text is centered over the map.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PGLetras

EDSON LEMOS PEREIRA

**PELOS CAMINHOS DAS ÁGUAS: UM ESTUDO DA HIDRONÍMIA DA
MESORREGIÃO NORTE MARANHENSE**

SÃO LUÍS

2017

EDSON LEMOS PEREIRA

**PELOS CAMINHOS DAS ÁGUAS: UM ESTUDO DA HIDRONÍMIA DA
MESORREGIÃO NORTE MARANHENSE**

Dissertação do Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Descrição e Análise do Português Brasileiro.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Conceição de Maria de Araujo Ramos.

SÃO LUÍS

2017

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo (a) autor (a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

PEREIRA, Edson Lemos.

PELOS CAMINHOS DAS ÁGUAS: um estudo da hidronímia da
Mesorregião Norte Maranhense / Edson Lemos Pereira. - 2017.
109 p.

Orientador(a): Conceição de Maria de Araujo Ramos. Dissertação
(Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras/CCH,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

1. Hidronímia. 2. Línguas Indígenas. 3. Onomástica.
4. Toponímia. I. Ramos, Conceição de Maria de Araujo.
II. Título.

Capa: Adaptada do Caderno da Região Hidrográfica Atlântico Nordeste Ocidental

**PELOS CAMINHOS DAS ÁGUAS: UM ESTUDO DA HIDRONÍMIA DA
MESORREGIÃO NORTE MARANHENSE**

EDSON LEMOS PEREIRA

Banca Examinadora

Membros Titulares

Profa. Dra. Conceição de Maria de Araujo Ramos

Orientadora/ Presidente

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo

Examinador externo

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra

Examinador interno

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Membro Suplente

Profa. Dra. Heloísa Reis Curvelo Matos

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

São Luís, 20 de abril de 2017.

Les noms de cours d'eau présentent un intérêt très particulier toutes: ils renferment, parmi toutes les catégories de toponymes, la plus forte proportion des noms les plus anciens, la rivière, nous l'avons vu, étant particulièrement rebelle aux substitutions.

Albert Dauzat

Dedicatória

A Odoyá e ao povo das águas.

Agradeço todas as dificuldades que enfrentei; não fosse por elas, eu não teria saído do lugar. As facilidades nos impedem de caminhar. Mesmo as críticas nos auxiliam muito.

Chico Xavier

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida.

A minha mãe Doralice e meu pai José Maria que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até mais essa etapa de minha vida.

A minha família, em especial a todos os meus irmãos.

À professora Conceição, que sempre confiou na minha capacidade de ir mais além, pelo seu incentivo.

Aos professores José Mendes e Fátima Sopas, pelos vastos ensinamentos e apoio, que levarei para sempre na minha vida.

À professora, Aparecida Negri Isquerdo, pela contribuição e compreensão.

A todos os professores, com os quais convivi, pois eles foram tão importantes na minha vida acadêmica.

Ao projeto ALiMA, pela experiência de compartilhar o mundo da pesquisa e assim atravessar fronteiras, e a toda a equipe que o integra ou integrou e com quem compartilhei do mundo da pesquisa.

A TRUPE, pelas horas compartilhadas de descontração.

Aos colegas que fiz durante todo este percurso acadêmico.

Enfim termino com o texto de Charles Chaplin:

“Hoje levantei cedo pensando no que tenho a fazer antes que o relógio marque meia noite. É minha função escolher que tipo de dia vou ter hoje. Posso reclamar porque está chovendo ou agradecer às águas por lavarem a poluição. Posso ficar triste por não ter dinheiro ou me sentir encorajado para administrar minhas finanças, evitando o desperdício. Posso reclamar sobre minha saúde ou dar graças por estar vivo. Posso me queixar dos meus pais por não terem me dado tudo o que eu queria ou posso ser grato por ter nascido. Posso reclamar por ter que ir trabalhar ou agradecer por ter trabalho. Posso sentir tédio com o trabalho doméstico ou agradecer a Deus. Posso lamentar decepções com amigos ou me entusiasmar com a possibilidade de fazer novas amizades. Se as coisas não saíram como planejei posso ficar feliz por ter hoje para recomeçar. O dia está na minha frente esperando para ser o que eu quiser. E aqui estou eu, o escultor que pode dar forma. Tudo depende só de mim.”

PELOS CAMINHOS DAS ÁGUAS: UM ESTUDO DA HIDRONÍMIA DA MESORREGIÃO NORTE MARANHENSE

A ocupação de determinado espaço físico pelo ser humano e a necessidade de se localizar no ambiente geográfico fazem com que o homem nomeie esses espaços, garantindo assim sua sobrevivência. Desse modo, por meio dos estudos toponímicos, área do conhecimento que compõe a Onomástica, verifica-se a relação que se estabelece entre o ato de nomear e a cultura e a história. A Toponímia se ocupa do estudo dos nomes de lugares, cidades, aldeias etc., além de elementos geográficos. Esta pesquisa se volta, portanto, para a toponímia maranhense, com foco precisamente na hidronímia de origem indígena relativa à região compreendida pela Mesorregião Norte Maranhense que se situa dentro da Região Hidrográfica do Atlântico Nordeste Ocidental, na parte maranhense. Essa área, também conhecida como Frente Litorânea de expansão do espaço maranhense, reúne uma densa rede hídrica (rios, lagos, lagoas, riachos, igarapés, brejos) que permitiu/permite o deslocamento e a sobrevivência do homem na região. O Maranhão, como parte integrante do território que pertenceu, no século XVIII, ao Estado Colonial do Maranhão, possuía uma população indígena formada por cerca de 30 povos, aproximadamente 250.000 indivíduos, sendo assim um dos centros brasileiros de maior densidade de falares indígenas pertencentes a dois troncos linguísticos – Macro-Jê e Tupi-Guarani ou Macro-Tupi. Atualmente o Maranhão conta com uma população autodeclarada indígena de 37.272 indivíduos (IBGE, 2010). Considerando essa realidade, objetivamos delinear tendências gerais da hidronímia maranhense, com ênfase nos nomes de origem indígena que se inserem na área delimitada para este estudo. Para coleta dos dados realizamos, pesquisa indireta, nos acervos públicos do Estado do Maranhão, com vista à recolha de mapas antigos. Ainda, em documentos e em *sites* oficiais, para a busca de mapas atuais. Para obtenção do *corpus*, foi realizado o levantamento de: (i) a hidronímia da Mesorregião Norte Maranhense, por meio de mapas atuais do IBGE (2010) e (ii) da hidronímia em mapas do território maranhense dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX, e em trabalhos de cronistas, como Claude d'Abbeville, Yves d'Évreux e Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres Maranhão. Os estudos de Dauzat (1926), Vasconcelos (1931), Dick (1990, 1992, 1999, 2000, 2001, 2004, 2007), Isquerdo (2006, 2009, 2011), Seabra (2006, 2008, 2012), Isquerdo e Seabra (2010), Rosselló i Verger (2010) e Mujika Ulazia (2010) fundamentaram esta pesquisa. Com esse material constituímos o *corpus* da pesquisa com: (i) mapas atuais que estão inseridos em seis microrregiões e somam 60 municípios maranhenses e corresponde a um total de 823 hidrônimos, sendo 233 de origem indígena (mais especificamente tupi – LT), 551 de origem portuguesa (LP) e 38 de origem desconhecida, que foram por nós considerados como não encontrados (NE), e (ii) mapas antigos cujos dados revelam uma considerável presença indígena na hidronímia maranhense da região investigada. Alguns exemplos bastante emblemáticos podem ser notados em Itapecuru-Mirim, Icatu, Pindaré e Mearim. Os dados ainda apresentaram as taxionomias Fitotopônimos e Zootopônimos, de natureza física, como as mais recorrentes. Desse modo a influência do ambiente (vegetais e animais) foi significativa na nomeação dos hidrônimos coletados. Com base nesses dados, foi possível entender a relação que o homem estabelece com a língua, a cultura e o ambiente, uma vez que o topônimo, como parte do léxico de uma língua, reflete valores e crenças de uma comunidade linguística.

Palavras-chave: Onomástica. Toponímia. Hidronímia. Línguas Indígenas.

BY THE WATERWAYS: A STUDY OF THE HYDRONYMIA OF THE NORTHERN MARANHENSE MESOREGION

The occupation of determined physical space by the human being and the need of localization in the geographic space perform that the man names spaces, ensuring his survival. So, by means of toponymic studies, knowledge which composes the Onomastic, it is verified the relationship established between the naming and culture and the history. The Toponymy occupies it studies in the names of places, cities, villages etc., besides of geographical elements. The research approaches the toponymy from the Brazilian State of Maranhão, specially focused in the hydronymia from indigenous origin related to the region comprised for the North Mesoregion from Maranhão that is located inside the hidrographic region of the western northeast ocidental. This area, also known as *Frente Litorânea de expansão do espaço maranhense*, represents a dense water network (rivers, lakes, lagoons, streams, igarapes, swamps) that allowed/allows the displacement and the survival of the man in the Maranhão territory, as integrant part of the territory which belonged, in the eighteenth century, to the Maranhão Colonial State which possessed an indigenous population composed by 30 peoples, approximately 250.000 individuals, being one of the Brazilian centers with a huge density of indigenous speaks which belongs to two language trunks – Macro-jê and Tupi-Guarani or Macro-Tupi. Currently, Maranhão has an indigenous self-declared population of 37,272 individuals (IBGE, 2010). Considering this reality, we aim to delineate general trends of the Maranhão hydronymy, with emphasis on the names of indigenous origin that fall within the area delimited for this study. For collecting the data, we performed na indirect research in the public collection, intending to collect old maps, besides of research in documents and official sites, for the search of current maps. To the achievement of the *corpus*, it was realized the survey of: (i) the whole hydronymia of the mesoregion from the North of Maranhão, by means of current maps from IBGE and (ii) hydronymia in maps from the territoty of Maranhão from seventeenth, eihteenth, nineteenth and twentieth centuries and in works of chroniclers as Claude d'Abbeville, Yves d'Évreux and Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres Maranhão The studies of Dauzat (1926), Vasconcelos (1931), Dick (1990, 1992, 1999, 2000, 2001, 2004, 2007), Isquerdo (2006, 2009, 2011), Seabra (2006, 2008, 2012), Isquerdo e Seabra (2010), Rosselló i Verger (2010) and Mujika Ulazia (2010) based this research. With this material we constitute the corpus of the research with: (i) current maps that are inserted in six microregions and total 60 municipalities in Maranhão and correspond to a total of 823 hydrographies, of which 233 are of indigenous origin (more specifically Tupi - LT), 551 (NE), and (ii) ancient maps whose data reveal a considerable indigenous presence in the Maranhão hydronymy of the region investigated. Some rather emblematic examples can be noticed in Itapecuru-Mirim, Icatu, Pindaré and Mearim. The data presented the phytotopyms and zootopony taxa of physical nature as the most recurrents, so that the influence of the environment (vegetables and animals) was significant on the nomination of the hydronymies collected. According to the data, it was possible to understand the relationship that the man establishes with the language, culture and environment, since the toponym, as a part of the lexicon of a language, reflects values and beliefs of a linguistic community.

Keywords: Onomastic. Toponymy. Hydronymia. Indigenous Language.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES/FIGURAS

Figura 1 – Frentes de expansão do Maranhão30

Figura 2 – Região Hidrográfica do Atlântico Nordeste Ocidental37

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Povos e Poluções Indígenas no Maranhão	34
Tabela 02: Regiões Hidrográficas do Maranhão.....	38
Tabela 3: População Total das bacias hidrográficas localizadas na Mesorregião Norte Maranhense.....	39
Tabela 04: número de taxionomia mais recorrentes de origem tupi em relação ao número total de hidrônimos.....	90
Tabela 05: Número de fitotopônimos recorrentes por microrregião.....	92
Tabela 06: Número de zootopônimos recorrentes por microrregião.....	93
Tabela 07: Número de hidrotopônimos recorrentes por microrregião.....	94

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Divisão da Mesorregião Norte Maranhense.....	35
Quadro 02: Taxionomias de natureza Física.....	51
Quadro 03: Taxionomias de natureza Antro-Cultural.....	51
Quadro 04 – Hidrônimos da microrregião Aglomeração Urbana de São Luís, conforme IBGE (2010)	53
Quadro 05: Hidrônimos dos municípios da microrregião Baixada Maranhense coletados nos mapas dos IBGE (2010)	54
Quadro 6: Hidrônimos dos municípios da microrregião Itapecuru Mirim coletados nos mapas dos IBGE (2010)	62
Quadro 7: Hidrônimos dos municípios da microrregião Lençóis Maranhenses coletados nos mapas dos IBGE (2010)	66
Quadro 08: Hidrônimos dos municípios da microrregião Litoral Ocidental Maranhense coletados nos mapas dos IBGE (2010)	72
Quadro 09: Hidrônimos coletados nos municípios da microrregião Rosário nos mapas dos IBGE (2010)	76
Quadro 10: Registro dos hidrônimos coletados nos relatos dos viajantes	85
Quadro 11: Registro dos hidrônimos coletados nos mapas	86

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Percentual total das origens dos Hidrônimos	80
Gráfico 02: Percentual total das taxionomias.....	81
Gráfico 03: Taxionomias de natureza Física	82
Gráfico04: Taxionomias de natureza Antropo-cultural	82
Gráfico 05: Estrutura Morfológico dos hidrônimos	83
Gráfico 06: Estrutura morfológica dos hidrônimos tupi	88
Gráfico 07: Percentual total das taxes	89
Gráfico 08: Percentual por natureza dos hidrônimos	90

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANA – Agência Nacional de Águas

APEMA – Arquivo Público do Maranhão

ATEMS – Atlas Toponímico de Mato Grosso do Sul

BHRI – Bacia Hidrográfica do Rio Itapecuru

BHRMa – Bacia Hidrográfica do Rio Maracaçumé

BHRMe – Bacia Hidrográfica do Rio Mearim

BHRMu – Bacia Hidrográfica do Rio Munim

BHTR – Bacia Hidrográfica do Rio Turiaçu

BPBL – Biblioteca Pública Benedito Leite

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

DSG – Diretoria de Serviços Geográficos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INGMA – Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão

LE – Língua Espanhola

LP – Língua Portuguesa

LT – Língua Tupi

MMA – Ministério do Meio Ambiente

MNM – Mesorregião Norte Maranhense

NC – Não Classificada

NE – Não Encontrada

NUGEO – Núcleo Geoambiental

PNRH – Política Nacional de Recursos Hídricos

PPGT – Programa de Planejamento e Gestão Territorial

SHIM – Sistema Hidrográfico das Ilhas Maranhense

SHLO – Sistema Hidrográfico do Litoral Ocidental

SRH/MMA – Secretaria de Recursos Hídricos do Ministério do Meio Ambiente

UEMA – Universidade Estadual do Maranhão

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	24
2.1 Léxico, língua, cultura e ambiente	24
2.2 Onomástica	26
2.3 Toponímia.....	27
2.4 Hidronímia	29
MESORREGIÃO NORTE MARANHENSE: Aspectos geo-históricos e culturais	31
3.1 O processo de povoamento.....	31
3.1.1 As frentes de povoamento.....	31
3.1.2 A Frente Litorânea: suas ramificações e os povos que a habitavam	32
3.2 Aspectos geográficos	35
3.2.1 A Região Hidrográfica do Atlântico Nordeste Ocidental	37
3.2.2 Os Sistemas hidrográficos	38
3.3 Aspectos socioculturais.....	39
METODOLOGIA	42
4.1 A constituição do corpus	43
4.1.1 As fontes: os mapas	43
4.1.2 As fontes: a literatura dos viajantes	44
4.2 Os achados nas fontes: definição dos termos.....	45
4.3 Procedimentos para registro e arquivamento dos dados	47
4.4 Classificações dos topônimos: a proposta das taxionomias de Dick	50
APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	53
5.1 Apresentação dos dados	53
Quadro 09: Hidrônimos coletados nos municípios da microrregião Rosário nos mapas dos IBGE (2010)	76
5.2.2 Taxionomias predominantes	80
5.2.3 Natureza dos hidrônimos.....	81
5.2.4 Estrutura morfológica.....	83
HIDRONÍMIA INDÍGENA	84
6.1 Registro do percurso onomástico	84
6.1.1 O que mostram os relatos dos viajantes	84
6.1.2 O que mostram os mapas	85
6.2 A hidronímia indígena: uma análise quantitativa	87
6.2.1 Estruturas morfológicas predominantes nos hidrônimos indígenas	87

6.2.2 Taxionomias predominantes nos hidrônimos indígenas.....	88
6.2.3 Naturezas dos hidrônimos	90
6.2.4 Análise dos fatores extralinguísticos dos hidrônimos	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS	96
Anexos.....	102

INTRODUÇÃO

O ato de nomear os espaços sempre acompanhou o ser humano ao longo de sua história. Esse ato encontra-se conectado diretamente com sua intuição, no que concerne à necessidade de nomear o que existe ao seu redor, e com a sua capacidade de compor o conjunto de relações que se constituem entre as pessoas, as coisas e o espaço. Com isso, percebemos que, antes mesmo do ser humano erguer sua moradia ou fundar um povoado, ele tem a preocupação de nomear os elementos físicos – rios, riachos, córregos, montanhas – que ali existem, originando assim os *topônimos*, verdadeiros objetos culturais que, além de se constituírem como elementos fundamentais de referência geográfica, são também instrumento de comunicação (MUJIKÁ ULAZIA, 2010). São, em última análise, uma síntese das informações que se acumulam numa simples palavra com a qual batizamos os elementos físicos, os lugares que nos rodeiam (MORALA, 2010), pois o homem, ao nomeá-los, não o faz de forma aleatória; geralmente, utiliza-se do próprio ambiente como elemento motivador de tal ato. Nessa perspectiva, a ação de nomear se tornou uma ação comum, imprescindível para a estruturação do mundo e, conseqüentemente, para a categorização da nossa experiência. (BIDERMAN, 2001).

Dessa forma, o enfoque do léxico de qualquer cultura exige que aclaremos como esse componente é concebido no âmbito da língua. Seguindo essa orientação, convém observar as considerações que faz Biderman (2001, p. 13) sobre o tema em questão. Segundo a autora,

Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas.

Portanto, é por meio das unidades lexicais que o ser humano individualiza e dá nomes a tudo que o cerca, impondo seu domínio e perpetuando sua cultura. Considerando essa perspectiva, a Toponímia, entendida como a disciplina que tem como foco o produto do ato de nomear – lugares, elementos físicos – constitui-se como uma das possibilidades de exprimir pensamentos, diferenciar as coisas do mundo e preservar a cultura.

Dick (1990a) destaca que a Toponímia, como parte da Onomástica, objetiva investigar a origem dos nomes de lugares, levando em conta os aspectos geo-históricos, socioeconômicos e antro-po-linguísticos. Desse modo, a Toponímia não se limita apenas ao

estudo linguístico, pois um topônimo está consecutivamente atrelado à história e à cultura de uma localidade, fazendo uma interface com outras áreas do conhecimento, como a Geografia, a História, a Etnolinguística. Por isso, a autora situa a Toponímia como uma disciplina vinculada à ciência linguística, por oferecer parâmetros ao léxico toponímico.

Segundo Seabra (2007, p. 96), a “Toponímia tem um compromisso com a língua como voz, ferramenta e fundamento da experiência humana, transmitindo informações e refletindo a história de um povo.” Nesse sentido, quando realizamos um estudo toponímico, não fazemos apenas uma verificação etimológica visível dos nomes dos espaços geográficos e/ou dos elementos físicos; fazemos bem mais: buscamos um conhecimento **aprofundado** acerca do ambiente físico e da história, e da língua(gem) do homem.

Assim, tendo em vista que os topônimos fazem parte do léxico de uma língua e que por meio dele podemos chegar a elementos da vida sociocultural de um povo, selecionamos como objeto de estudo desta dissertação os hidrônimos maranhenses, com foco principal naqueles de base indígenas, localizados na Mesorregião Norte Maranhense.

Vale ressaltar que, no Maranhão, ainda há muito por fazer em se tratando do estudo de sua toponímia, principalmente se considerarmos as pesquisas que a enfocam sob a perspectiva linguística. O acompanhamento do percurso dos estudos toponímicos no Estado evidencia, num primeiro momento, o interesse de estudiosos, notadamente da área das Ciências Sociais – advogados, bibliotecários – que se preocupavam com a história e a cultura do Maranhão e que se propuseram estudar a toponímia maranhense. Dentre eles, destacamos Lopes (1947, 1950), que deu início à elaboração de um dicionário de topônimos tupis no Maranhão, que, infelizmente, por conta de sua morte, não foi concluído¹; Vieira Filho² (1971 [1962]), com a obra *Breve história das ruas e praças de São Luís*, e Melo³ (1990), com o *Índice toponímico*

¹ O advogado e pesquisador maranhense, natural de Viana, Antônio Lopes, publicou, em 1947, na *Revista de Geografia e História do Maranhão*, os tomos de seu dicionário relativos às letras A e B e, em 1950, publicou na mesma revista o tomo correspondente à letra C.

² O também advogado e folclorista Domingos Vieira Filho, na obra citada, examina a denominação de 99 ruas, 22 praças, 10 avenidas, seis becos, três largos, duas travessas e um parque, totalizando assim 143 logradouros de São Luís. Organizados em ordem alfabética, os topônimos compõem verbetes, que apresentam, geralmente, as seguintes informações: o nome do logradouro; onde começa e termina o logradouro; o documento legal que autoriza a denominação e a motivação toponímica.

³ A bibliotecária Magnólia Sousa Bandeira de Melo fez o levantamento toponímico do centro histórico de São Luís, com base em pesquisas bibliográficas, em cartas cartográficas, entrevistas com pesquisadores e moradores, além de visitas em campo. A pesquisa propõe o resgate dos nomes atribuídos a ruas, praças, becos, travessas, avenidas, parques, largos, ladeiras, com o objetivo de facilitar o serviço de referência para pesquisadores e turistas. A pesquisa abrangeu a divisão urbana de São de Luís, pondo em evidência os bairros com maior

do centro histórico de São Luís, que se voltam para a microtoponímia urbana de São Luís, apresentando nomes de ruas, praças, becos, fontes, largos, portos, travessas, avenidas, parques, lagos, rampas e ladeiras da cidade, com foco na história.

No que diz respeito a estudiosos da área da linguagem e seguindo ainda a cronologia dos estudos toponímicos maranhenses, temos o trabalho de Pereira (2003), intitulado *Arari: caracterização geográfico-histórico-social e toponímia*, um estudo monográfico de conclusão de curso de graduação em Letras, que enfoca a microtoponímia de Arari, município da microrregião Baixada Maranhense, que fica localizado a 154,4 km da capital do Estado.

Ramos et al. (2005), por sua vez, no artigo intitulado *A presença das línguas indígenas na toponímia maranhense*, abordam a presença indígena na formação histórico-cultural e linguística do Maranhão, tendo como ponto de partida a toponímia. Os autores ilustram o texto com a apresentação de 19 topônimos que se referem a rios, bairros, ruas e avenidas, destacando a significativa frequência de fitotopônimos em São Luís, isto é, de topônimos de índole vegetal.

No âmbito da pós-graduação, há a dissertação de Curvelo (2009), *Topônimos maranhenses: testemunhos de um passado ainda presente*, que investiga a macrotoponímia dos 217 municípios maranhenses; a tese de Castro (2012), *Maranhão: sua toponímia, sua história*, que também objetiva fazer a caracterização toponímica dos municípios maranhenses, e, finalmente, a tese de Curvelo (2014), intitulada *Análise toponímica de 81 bairros de São Luís – MA*, que buscou investigar a motivação toponomástica, considerando, para tanto, quatro períodos sincrônicos ao longo dos 401 anos da cidade de São Luís, idade da capital maranhense à época em que a tese foi escrita.

Nosso trabalho, diferentemente dos estudos ora mencionados, aborda a microtoponímia maranhense numa perspectiva rural, mais precisamente a hidronímia da Mesorregião Norte Maranhense. A área em estudo, situada na área compreendida pela Região Hidrográfica do Atlântico Nordeste Ocidental, na parte maranhense, é ainda pouco estudada do ponto de vista linguístico e em particular de sua toponímia. A reduzida produção de trabalhos relacionados com a toponímia no Estado, e em especial com a hidronímia, e a escassez de estudos voltados para as línguas indígenas somam-se aos pontos elencados, justificando assim a pesquisa que propomos.

concentração de mudanças na denominação: Remédios, São Pantaleão, Apicum, Camboa, Praia Grande e Diamante.

Desta forma, continuando os estudos toponímicos no Maranhão e adotando as ideias propostas por Dick (2004, p.126-127), que entende os hidrônimos como “nomes dos acidentes hidrográficos em geral não importando a natureza linguística do objeto nomeado, e evidenciado pela denominação, se humano ou não, animado ou inanimado, nem a natureza dos campos semânticos envolvidos”, justificamos a escolha da Região Hidrográfica do Atlântico Nordeste Ocidental, também conhecida como Frente Litorânea de expansão do espaço maranhense, por representar uma densa rede hídrica (rios, lagos, lagoas, riachos, igarapés, brejos) que permitiu/permite o deslocamento e a sobrevivência do homem na região.

Vale destacar, ainda, que estudos acerca do processo de ocupação do espaço maranhense, dentre eles o de Trovão (2008), mostram a importância desse sistema hidroviário no processo de ocupação do espaço maranhense. Partindo então da Ilha de São Luís – localizada entre a baía de São Marcos, para onde convergem os rios Mearim, Pindaré e Grajaú, e a baía de São José, onde desaguam os rios Itapecuru e Munim –, o colonizador, nos séculos XVII, XVIII, fez do rio o seu caminho. Eram, pois, os cursos d’água sua principal via de acesso e de penetração no interior do território, sua via de comunicação e de sobrevivência. São esses cursos d’água, hoje, que nos proporcionam informações valiosas sobre a região, pondo em evidência questões relativas a seu povoamento, à sua história, economia, cultura, toponímia.

Como vimos, o sistema hidroviário deu suporte ao processo de povoamento, proporcionou estabilidade e crescimento a várias regiões, ratificando assim a ideia de Dick (1990b, p.196), quando afirma que “A água sempre foi o fator de equilíbrio em um determinado meio. Grandes civilizações nasceram e se desenvolveram junto aos oceanos, rios e zonas ribeirinhas”.

Quanto ao foco concernente à origem dos topônimos, convém ressaltar que o Maranhão, como parte integrante do território pertencente, no século XVIII, ao Estado Colonial do Maranhão, possuía uma população indígena formada por cerca de 30 povos, correspondendo, aproximadamente, a 250.000 indivíduos, sendo assim um dos centros brasileiros de maior densidade de falares indígenas pertencentes a dois troncos linguísticos – Macro-Jê e Tupi-Guarani ou Macro-Tupi (ELIA, 1979). Atualmente, o Estado conta com uma população de 37.272 indivíduos que se autodeclaram indígenas, segundo dados do IBGE (2010).

Considerando essa realidade histórica, étnica e linguístico-cultural do Maranhão, cremos que a presença significativa do índio no território maranhense tem deixado marcas

incontestes no léxico toponímico do Estado, razão por que se faz necessário investigar essas marcas, o que nos possibilitará dar uma contribuição às investigações linguístico-culturais concernentes à formação do português brasileiro e, em particular, à variedade falada no Estado.

Em virtude dessa presença e do papel do sistema hidroviário no processo de ocupação do espaço maranhense, esta pesquisa tem como objetivos:

Geral:

- Delinear tendências gerais da hidronímia maranhense, com ênfase nos nomes de origem indígena que se inserem na área delimitada para este estudo.

Específicos:

- Inventariar os hidrônimos coletados;
- Analisar os hidrônimos, considerando o ambiente cultural em que se encontram inseridos e segundo as categorias: origem, taxionomia e estrutura morfológica;
- Analisar as variações (ortográficas), as modificações (fonéticas) e as retenções linguísticas nos hidrônimos coletados.

É, então, num movimento do presente (coleta de dados contemporâneos em mapas do IBGE) para o passado (recolha de dados em mapa dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX) e de volta ao presente, que situamos nossa pesquisa e que buscamos responder às questões que a norteiam, dentre as quais destacamos: (i) Na densa rede hidrográfica maranhense, é significativo o número de topônimos de origem indígena? (ii) No âmbito da hidronímia, verifica-se a manutenção ou a substituição da denominação mais antiga? (iii) Qual a natureza toponímica que predomina na denominação da rede hídrica? e (iv) Existe relação entre a nomenclatura geográfica, no que concerne à toponímia, e as características geofísicas, culturais, ambientais do espaço maranhense?

As respostas a essas perguntas nos ajudarão a melhor entender a relação que o homem estabelece com o meio, uma vez que o hidrônimo, como parte do léxico de uma língua, reflete valores e crenças de uma comunidade linguística, constituindo-se, pois, como elemento caracterizador do pensamento e, em alguns casos, do anelo do nomeador.

Buscando responder aos nossos questionamentos, estruturamos esta dissertação na forma descrita a seguir.

Nesta introdução, situamos a pesquisa no âmbito da Toponímia, em particular da hidronímia, além de apresentarmos os objetivos e os questionamentos que norteiam este estudo.

No capítulo II, discutimos os pressupostos teóricos, enfocando questões concernentes ao léxico e à Toponímia, mais especificamente relacionadas com a hidronímia, campo de estudo em que se insere esta pesquisa.

O capítulo III versa sobre alguns dados históricos e geográficos relativos ao estado Maranhão, em especial aos municípios da Mesorregião Norte, resgatando fatos que marcaram a história social da região, como a colonização maranhense. O capítulo aborda ainda aspectos culturais referentes a esses municípios.

O capítulo IV, dedicado à metodologia, apresenta os fundamentos metodológicos da pesquisa, destacado os procedimentos adotados para a coleta dos dados e o modelo teórico usado para a classificação dos hidrônimos.

No capítulo V, dedicado aos dados, apresentamos os hidrônimos distribuídos por microrregiões e segundo as categorias usadas para análise. Apresentamos, ainda, a análise quantitativa, para verificação de percentual de hidrônimos segundo sua língua de origem, taxionomia, natureza (física e antropocultural) e estrutura morfológica.

O capítulo VI aborda a toponímia indígena, buscando estabelecer a relação língua, cultura e ambiente, tendo como ponto de partida os hidrônimos indígenas.

No capítulo VII, dedicado às considerações finais, apresentamos uma síntese das principais ideias discutidas ao longo desta dissertação.

CAPÍTULO II

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo são apresentados os pressupostos teóricos que deram embasamentos para a pesquisa toponímica. Para tanto, fizemos uma breve abordagem de léxico, língua, cultura e ambiente; em seguida apresentamos as ideias dos teóricos da área da Onomástica e da Toponímia que dão sustentação a este trabalho, para finalizarmos elencando os estudos sobre hidronímia.

2.1 Léxico, língua, cultura e ambiente

Léxico, língua, cultura e ambiente formam um quarteto cujos elementos se interseccionam e se enriquecem mutuamente. Evidenciando em primeiro plano o elemento central de nossa pesquisa – o léxico –, podemos entendê-lo como

um componente que, ao cumprir o papel maior de denominação e designação do mundo do humano, torna-se expressão de identidade pessoal e coletiva, manifestada ao longo da história já que é um sistema aberto e dinâmico. E, como tal, renova-se funcionando como o pulmão das línguas, mas também assegura a permanência do pilar comum de palavras, condição necessária à comunicação, independente de tempos, regiões e de outras peculiaridades do uso das línguas. (KRIEGER, 2010, p. 169-170).

Segundo Sapir (1961, p. 45), “O léxico da língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social. O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de tôdas as idéias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade”. Considerando o lugar central que o léxico ocupa na língua, o autor crer que, se tivermos conhecimento desse tesouro patrimonial de um determinado grupo social, conseguiremos fazer inferências acerca de aspectos do ambiente físico e de características culturais de determinado grupo. Nessa mesma perspectiva, Biderman (2001, p. 13) afirma que o léxico “de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo.”.

Ainda na perspectiva de intersecção dos elementos, observamos, apoiados em Sapir (1961, p. 59), que, na relação léxico, língua e ambiente, o ambiente exerce uma expressiva influência sobre o léxico, seja por meio de fatores físicos, que compreendem os aspectos geográficos, como a topografia de uma região (planaltos, planícies, chapadas, costa, vale ou montanha), o clima, e a base econômica que abarca a fauna, flora e os recursos minerais; seja por meio de fatores/forças sociais como a religião, a política, padrões éticos e a arte.

Vale, contudo, não perder de vista, como ressalta o próprio autor, que “(...) a língua sofre materialmente a influência do quadro ambiental em que se acham os seus falantes.” e que “A rigor (...) o ambiente físico só se reflete na língua na medida em que atuaram sobre êle as forças sociais”. (SAPIR, 1961, p. 44-45).

Já em relação à língua/cultura, antes de tomamos Sapir, cuja ideias orientam nosso trabalho, convém ressaltar que não desconhecemos a complexidade e as controvérsias que se fazem presentes quando trabalhamos com a noção de cultura (*cf.* DURANTI [1997], 2000). Entretanto como destaca o próprio Duranti que analisa seis diferentes perspectivas da cultura – cultura como algo diferente da natureza; cultura como conhecimento; cultura como comunicação; cultura como um sistema de mediação; cultura como um sistema de práticas; cultura como um sistema de participação –, todas essas perspectivas teóricas assumem que a língua(gem) desempenha um papel importante no âmbito da noção de cultura. Ainda segundo o autor, “Cada teoria pressupõe um plano de pesquisa próprio, porém todas elas juntas formam um amplo conjunto de orientações para o estudo da cultura e para análise da língua como ferramenta social e conceitual, ao mesmo tempo produto e instrumento da cultura.”. (DURANTI, [1997], 2000, p. 81).⁴

Retomando Sapir (1961, p. 60), observamos que, em se tratando da relação língua/cultura, ele postula que essas duas entidades podem, até certo ponto, ser concebidas em “constante estado de interação e em associação definida por um largo lapso de tempo.”. De tal modo, existe

uma forte tendência a atribuir muitos elementos da cultura humana à influência do ambiente em que se acham situados os praticantes dessa cultura, e há até os que tomam a posição extremada de praticamente reduzir tôda as manifestações da vida e do pensamento humano a influências ambientais. (SAPIR, 1961, p. 43).

Desconsideradas as posições extremistas, como assinala Sapir (1961), podemos afirmar que a nomeação de um topônimo geralmente revela marcas da cultura e/ou do ambiente.

Em consonância com a ideia defendidas por Sapir (1961) – a influência do ambiente sobre o léxico, seja por fatores físicos seja por fatores sociais – Dick (1995) trabalha com o pressuposto de que existem dois mecanismos ordenadores da nomenclatura: a espontaneidade

⁴ Tradução livre de: “Cada teoría supone un plan de investigación propio, pero todas ellas juntas forman un amplio mandato para el estudio de la cultura y para el análisis de la lengua como herramienta social conceptual, a la vez producto e instrumento de la cultura.”

e a sistematização dos batismos. Ainda segundo a autora, os mecanismos espontâneos resultam da percepção que tem o nomeador do ambiente nomeado no que diz respeito a suas características particulares como cor, forma, tamanho, animais, frutas, entre outros elementos que remetem à cultura matéria e espiritual. Já os mecanismos sistemáticos são consequência de uma “política administrativa de nomeação, do agir consciente da comunidade ao eleger determinados padrões de designação como os seus paradigmas (...)” (1995, p. 63), sendo pois, geralmente, dedicatório, devocional, comemorativo, bajulatório.

Dessa forma é perceptível que a relação do fator social defendido por Sapir é o mesmo que Dick estrutura como aspectos sistemáticos, assim percebemos que os aspectos extralinguísticos se fazem presentes no momento da nomeação de determinado espaço.

2.2 Onomástica

A Onomástica é parte da Linguística que se ocupa do estudo da etimologia, das modificações, do que é característico dos nomes próprios ou de lugares. Conforme Zamariano (2012, p. 351-352),

Um tema a ser considerado em um estudo com dados toponímicos é a própria definição de signo linguístico, sobretudo a natureza do nome próprio, questão teórica que tem se constituído, ao longo do tempo, numa grande preocupação de estudiosos da Filosofia, da Lógica e da Linguística. Essa discussão acerca do estatuto do nome próprio abrange sua definição, as classificações propostas por lógicos, filósofos e linguistas e a denominação utilizada por eles em seus estudos.

Nesse contexto, segundo a autora, a questão do nome já era pauta na Grécia, mesmo não ocorrendo naquele momento a diferenciação entre a definição de nome próprio e nome comum, como na atualidade se faz. Assim, o conceito de *onoma* era posto para distinguir os indivíduos, as ações humanas e os objetos.

Vasconcelos (1931, p. 3) conceitua Onomástica como “o ramo da Glotologia que estuda os nomes próprios.” e que engloba as seguintes partes:

1. *Antroponímia* (expressão que empreguei a primeira vez em 1887, na *Revista Lusitana*, 1, 45), ou estudo dos nomes individuais, como o dos sobrenomes e apelidos;
2. *Toponímia*, ou estudo dos nomes de sítios, povoações, nações, e bem assim de rios, montes, vales, etc., - isto é, os nomes geográficos;
3. *Vários nomes próprios*, isto é, que não estão contidos nas duas classes precedentes, por exemplo, de entidades sobrenaturais, de astros, ventos, animais, de coisas (espadas, navios, sinos)). Nos nomes de entidades estão contidos os de divindades: um ramo especial do estudo seria pois a *Teonímia* (Theonymia), e aqui pertence um livro que H. Usener publicou em 1896 com o título de *Götternamen* outros nomes poderíamos formar, como *Zoonímia*, *Astronímia*, e assim por diante.

Dauzat (1938, p. 513), que contribuiu para o início dos estudos sobre nome na França, aponta que onomástica, segundo d'Aubigné, vem do grego *onomastikos*, e faz referência ao nome (próprio). Por Antroponímia (1938, p. 763), a ciência dos nomes de pessoas, do grego *anthrôpos*, homem, e *onoma*, nome. (1938, p. 773). Já Toponímia, ciência dos nomes de lugar, variante toponomástica, segundo o autor, vem do grego *topos*, lugar, e *onoma*, nome. E Hidronímia, o estudo dos nomes dos cursos d'água, lagos, lagoas, provém do grego *hudôr*, água.

Seabra (2004, p. 37) afirma que a toponímia e antroponímia:

Apesar de se constituírem em campos semânticos de dimensões variáveis da Onomástica – pessoa e lugar – têm na mesma uma relação de inclusão, uma vez que se encontram no onoma, em uma área de intersecção: o vocábulo ao deixar o seu uso pleno na língua, transitando para o uso onomástico, reveste-se de caráter denominativo – em uso dêitico ou anafórico – e passa a ser referencializado como topônimo ou antropônimo, seguindo direções opostas e complementares.

Dick (1990a, p.30) afirma que:

Ora, o homem, em sua qualidade de membro de um agrupamento, representa, por força da introjeção de costumes e de hábitos generalizados, senão integralmente, pelo menos uma parcela significativa do pensamento coletivo. É a resultante de uma modelagem constantemente burilada pelo próprio dinamismo das paralelas línguosociológicas em que se movimenta. Suas idéias e manifestações de espírito, suas atitudes e condutas – conscientizadas, ou não, diante de situações concretas reguladas pela necessidade humana de sobrevivência – e seu próprio existir, enfim, tornam-no a “personalidade histórica” a-temporal e a-espacial, por excelência.

Por meio das colocações de Seabra e Dick, no ato da nomeação o vocábulo, ao migrar do uso geral da língua para o universo particular da onomástica adquire matizes da vida material e espiritual do grupo social que o adotou.

2.3 Toponímia

Como vimos, a Toponímia tem relação direta com os nomes de lugares. Para Dauzat (1946, p.09), a Toponímia como ciência,

“(…) constitui sobretudo um capítulo precioso da psicologia social. Em nos ensinar como foram nomeados, em outras épocas os espaços, as cidades e povoados, os domínios e os campos, os rios e as montanhas, ela nos faz melhor compreender o espírito popular, as tendências místicas ou realistas, os modos de expressão.”⁵

⁵ Tradução livre de: (...) constitue d'abord un chapitre précieux de psychologie sociale. Em nous enseignant comment on a désigné, suivant les époques et les milieux, les villes et villages, les domaines et les champs, les rivières et les montagens, ele nous fait mieux comprendre l'âme populaire, ses tedances mystiques ou realistes, ses moyens d'expression.

Nessa perspectiva, Dick (1990b, p. 22) aponta que “a toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal. [...] Torna-se, pois, a reminiscência de um passado talvez esquecido, não fôra a sua presença dinâmica.”.

Dick (1990a, p.19) afirma ainda que:

A história dos nomes de lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes. Diante desse quadro considerável dos elementos atuantes, que se entrecruzam sob formas as mais diversas, descortina-se a própria panorâmica regional, seja em seus aspectos naturais ou antropoculturais.

Exatamente por contemplar um vasto conjunto de conhecimento e saberes, a Toponímia, segundo a autora, constitui-se como “(...) um imenso complexo línguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não exclusivamente” (DICK, 1990a, p. 35-36). Assim, analisar o léxico toponímico em seus aspectos linguísticos e extralinguísticos é um trabalho complexo, pois através dessa análise coletamos muitas informações que se correlacionam. Então, desse ponto de vista, não realizamos somente pesquisas linguísticas, mas também interrelacionamos e lançamos mão de conhecimentos históricos, geográficos e socioculturais. Assim, Zamariano (2012, p. 367) esclarece que

Na Onomástica, mais especificamente no nome de lugar, a função simbólica ou representativa do topônimo, isto é, o vínculo do significado do nome a determinada localidade ou acidente, indica, necessariamente, que se pergunte o que esse nome simboliza e o que esse nome representa ou denomina. Embora a sociedade sofra mudanças ao longo do tempo, o topônimo permanece na língua, e o sistema de referência extralinguístico pode ou não se perder. Nessa conservação ou perda, a rede referencial se torna opaca, constituindo-se, portanto, uma referência exata: a pessoa identifica alguém ou determinada localidade sem, contudo, atribuir-lhe um significado, preserva o referente, mas não a informação e, assim, os topônimos e antropônimos permanecem na língua.

Nesse caso, compreender o significado dos topônimos nos permite entender a história do lugar estudado e, ao mesmo tempo, conhecer a história desse espaço; isso nos permite entender ainda mais o significado dos nomes, assim:

Exercendo na toponímia a função de distinguir os acidentes geográficos na medida em que delimitam uma área da superfície terrestre e lhes conferem características específicas, os topônimos se apresentam, da mesma maneira que os antropônimos, como importantes fatores de comunicação, permitindo, de modo plausível, a referência da entidade por eles designada. [...] Chega, muitas vezes, a se espalhar além de seu foco originário, dilatando, conseqüentemente, as fronteiras políticas, e criando raízes em sítios distantes. Torna-se, pois, a reminiscência de um passado talvez esquecido, não fora a sua presença dinâmica. (DICK, 1990b, Prefácio).

Desse modo, o estudo dos hidrônimos indígenas revela muito sobre a cultura, e o ambiente do Brasil Colônia. Rodrigues (1986, p. 21) destaca a importância da herança linguística do léxico indígena, dizendo que é “notável a quantidade de lugares com nomes de origem Tupinambá, quase sem alteração de pronúncia, muitos deles dados pelos luso-brasileiros dos séculos passados a localidades onde nunca viveram índios Tupinambá.”

Tendo em vista essa realidade, os primeiros estudos de toponímia no Brasil foram realizados com base nos nomes indígenas, por meio da “iniciativa pioneira do professor Ayrosa ao propor a introdução dos estudos toponímicos na Universidade de São Paulo, consolidados, depois, pela perseverança do professor Carlos Drummond” (Dick, 1994, p.439), com suas pesquisas sobre o Tupi e a Toponímia Brasileira.

Ainda nessa perspectiva da abordagem indígena, destacamos as contribuições de Teodoro Sampaio, *O Tupi na geografia nacional (1902)*, e a obra de Armando Levy Cardoso, *Toponímia Brasileira (1961)*

É evidente, assim, a contribuição das línguas indígenas para a nomeação dos espaços e dos elementos físicos. Segundo Ilari e Basso (2006, p. 68), “Só no Dicionário histórico das palavras de origem tupi, de Antônio Geraldo Cunha, que é especificamente dedicado aos termos de origem tupi, registram-se cerca de três mil vozes.”. Tendo em vista que uma parte considerável do léxico relativo à fauna, à flora e às cozinhas regionais brasileiras tem sua origem no Tupi(nambá), é notável a contribuição desse léxico no que diz respeito à toponímia, em especial aos hidrônimos, que se referiam aos elementos que, antes de serem o acesso de várias frentes de povoamento do homem branco, eram os locais de onde os índios tiravam sua sobrevivência.

2.4 Hidronímia

A água sempre esteve presente na vida humana desde o início do surgimento da terra, e deu subsídios para vários mitos e histórias que acompanham a vida dos homens. Os rios foram uns dos primeiros elementos a serem nomeados. Esse fato é constatado no livro sagrado dos cristãos, a Bíblia, em seu primeiro livro, Gênesis, quando da narração da criação do mundo. Ali, aparecem os nomes de quatro braços de rio que tinham sua nascente no Jardim do Éden – Pison (ou Fison), Ghion (ou Geon, Tigre (ou Tigris) e o Eufrates (ou Euphrates).

Sobre a importância dos cursos d’água para a sobrevivência humana, Dick (1990b, p. 196) aponta que em “épocas remotas da história da humanidade, a água sempre foi o fator de equilíbrio em um determinado meio. Grandes civilizações nasceram e se desenvolveram junto

a oceanos, rios e zonas ribeirinhas.”. Dado esse espaço que ocupa a água na vida do homem, vários estudiosos, dentre eles Dick e Seabra, assinalam que:

Águas e rios, religião e fé, desde o início da ocupação da terra, consubstanciaram os mitos dos homens. Signos ou símbolos de uma linguagem recriada, formaram os paradigmas de uma ampla rede onomástica, seguindo os percursos onomasiológicos mais flagrantes para a composição dos designativos (DICK; SEABRA. 2001, s.p.).

Percebemos que antes do ser humano erguer sua moradia ou fundar um povoado ele tinha a preocupação de nomear os acidentes físicos, rios, riachos, córregos, montanhas, que ali existiam e ficavam gravados na memória de um povo.

Dentro dos estudos da Toponímia, à água se dedicou um campo específico denominado *hidronímia* que, segundo Isquierdo e Seabra (2010, p. 88), no campo da Onomástica, é “o conjunto de acidentes geográficos que designam correntes hídricas (rios, córregos, corixos, lagoa, baía, salto, cachoeira...)”. Vale ressaltar que no campo da Onomástica, os hidrônimos são os que menos sofrem mudança.

No que concerne aos estudiosos da área da linguagem que abordam a hidronímia brasileira, temos estudos de Dick e Seabra (2001), *Caminho das águas, povos dos rios: uma visão etnolinguística da toponímia brasileira*; Dick (2004), *Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira*; Isquierdo e Seabra (2010), *Apontamentos sobre hidronímia e hidrotoponímia na fronteira entre os estados de Mato Grosso do Sul e Minas Gerais*. Temos, ainda, teses, dissertações e artigos científicos.

CAPÍTULO III

MESORREGIÃO NORTE MARANHENSE: Aspectos geo-históricos e culturais

Neste capítulo são abordados, de forma sintética, aspectos históricos, geográficos e culturais da Mesorregião Norte Maranhense. Para tanto, dividimos o capítulo em três tópicos: *O processo de povoamento, Aspectos geográficos e Aspectos socioculturais.*

3.1 O processo de povoamento

Neste tópico apresentamos informações gerais sobre o processo de colonização e povoamento com enfoque na Frente de Povoamento Litorânea, tendo em vista a importância dessa frente para compreensão da realidade histórica, social, econômica, linguística do Estado.

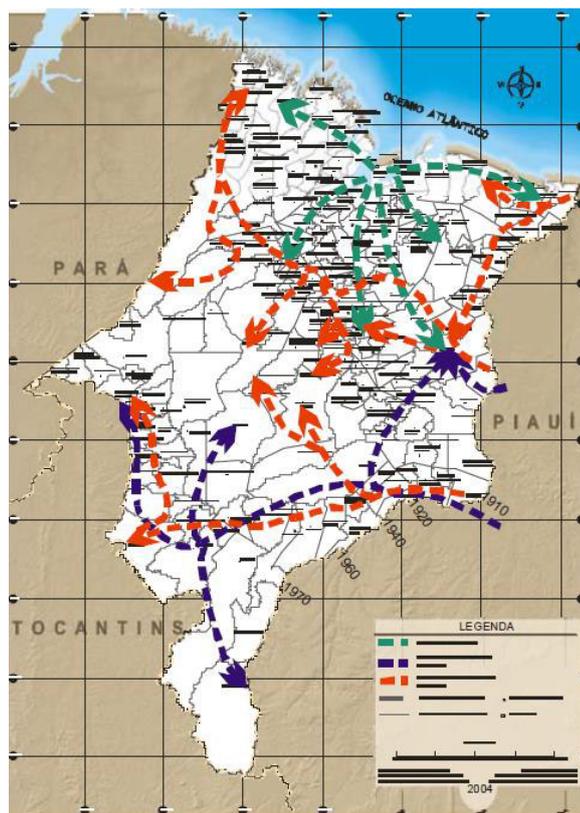
3.1.1 As frentes de povoamento

Estudos acerca do processo de ocupação do espaço maranhense, dentre eles o de Trovão (2008) e Cabral (2008), mencionam que o processo de ocupação do território maranhense se deu por meio de dois movimentos/duas frentes de expansão, como vemos a seguir na figura 1.

A primeira partiu de Pernambuco em 1614, em direção ao Maranhão e foi comandada por Jerônimo de Albuquerque, com o propósito de expulsar os franceses e dar início à povoação do local. Esse movimento acabou com o sonho dos franceses, que pretendiam implantar a França Equinocial no Maranhão. Após derrotarem os franceses na Batalha de Guaxenduba, os portugueses deram início ao processo de povoamento do Maranhão e norte do Brasil, esse processo conhecido como Frente Litorânea, teve como ponto de partida a Ilha de São Luís e se distribuiu em seis direções rumo ao interior, utilizando o mar e o grande conjunto de rios caudalosos e perenes que compõem a hidrografia maranhense.

Já a segunda frente, conhecida como Pastoril, cujo origem foi a pecuária, teve seu começo a partir de 1730. Advinda da Bahia, essa frente, composta por vaqueiros que atuavam por iniciativa própria e “(...) sem contar com o apoio direto e decisivo do Estado e da Igreja.” (CABRAL, 2008, p.51), ocupou os campos do sul do Maranhão que foram batizados, genericamente, com o nome de Pastos Bons (cf. CABRAL, 2008, e TROVÃO, 2008). Sua principal via de penetração se deu pelo Vale do Médio Parnaíba.

Figura 1 – Frentes de expansão do Maranhão



Fonte: Trovão (2008, p. 13).

3.1.2 A Frente Litorânea: suas ramificações e os povos que a habitavam

Partindo da ilha de São Luís e comandada/capitaneada pelos portugueses com a ajuda dos índios, a Frente Litorânea adentrou o interior do Maranhão por meio do mar e dos rios, descrevendo diferentes traçados, que são assim sintetizados por Trovão (2008):

- duas ramificações/ traçados se deram ao longo do litoral por via marítima e fluvial;
- outra seguiu pelo litoral e pela costa oriental e, “[...] além de ter sido planejada para o desenvolvimento da pecuária e exploração de salinas tinha também como finalidade a comunicação com Ceará e Pernambuco.” (p. 14);
- outra seguiu à montante do rio Itapecuru, sendo “[...] a mais importante a ponto de tornar o referido rio a principal via de penetração em direção ao interior do Estado.” (p. 15) e a outras capitanias. Às suas margens foram implantadas as primeiras fábricas açucareiras, servindo, portanto, de assentamento dos açorianos;
- o rio Mearim, mais uma via da frente de ocupação do litoral, possibilitou o surgimento às suas margens de engenhos e fazendas, o que lhe rendeu o título, segundo

Cabral (1992 apud TROVÃO 2008, p. 16), de “Príncipe Soberano de Todos os Rios da Capitania do Maranhão”;

- o rio Pindaré, diferentemente da ramificação do rio Itapecuru, que foi considerada importante, deixou um saldo negativo: em 1616, o capitão Bento Maciel Parente, auxiliado pelos jesuítas, deu início a uma guerra mortífera contra os índios Guajajaras que habitavam a região;

- o rio Munim, por sua vez, também possibilitou mais uma via de ocupação, principalmente por sua “[...] proximidade com o Piauí [...], assim como [por garantir] a segurança do transporte do ouro que, oriundo das áreas de mineração, utilizava esse caminho hídrico para alcançar São Luís” (p. 16-17).

Com toda essa extensa rede hídrica, a região abrangida pela Frente Litorânea era à época um espaço adequado para a habitação/concentração de povos indígenas. De acordo com os registros históricos, essa área era povoada por vários povos indígenas. Conseqüentemente, quando da chegada da expedição liderada por Daniel de La Touche, Senhor de La Ravardière, em 1612, existia na ilha do Maranhão, segundo o padre D’Abbéville, 27 aldeias, nas quais habitavam em algumas de 200 a 300 ou de 500 a 600 índios, e em outras muito mais, chegando ele à soma de que na Ilha existiam cerca de 10 a 12 mil índios.

Tendo em vista que na Ilha havia essa população de Tupinambá, D’Abbéville registou também os mesmo índios no continente, na localidade conhecida na época como Tapuitapera, a oeste da ilha, hoje cidade de Alcântara, onde havia 10 aldeias. Nas terras próximas ao rio batizado de Cumá pelos índios, existiam ainda em torno de 15 a 20 aldeias, que superavam o número de habitantes da Ilha do Maranhão. Conforme D’Abbéville (2008, p. 201), todos os Tupinambás das três localidades eram *amigos e aliados* “formando uma só nação, uma confederação unida na guerra às demais nações inimigas.”.

Além da Ilha Grande, Tapuitapera e Comá, D’Abbéville cita ainda a existência, a oeste da Ilha, de cerca de 20 a 24 aldeias em Caiete, próximo ao Rio Grande do Pará, onde viviam também os Tupinambás. Já em relação a outros povos, ele informa que:

As demais terras e regiões circunvizinhas são muito misturadas; umas são habitadas por tapuias, outras por tabajaras, tremembés, nômades ou pacajaras, jurapupires, uianãs, aracuís, e outros que residem no país por ser ele extremamente agradável em virtude da temperatura, da fertilidade e da beleza. (D’ABBÉVILLE, 2008, p. 202).

A expulsão dos franceses das terras maranhenses e o processo de povoamento do Estado pelos portugueses, através da costa e rios, ocasionaram “o afugentamento e redução de

vários grupos indígenas, como os Tupinambás, Tremembés, Guajajaras, Uruatis, Guanáres, Guanazes, Barbados, Gamelas, Aranhis que habitavam essa área.” (CABRAL, p. 51-52, 2008). Para a autora, logo que os portugueses chegaram, eles entraram em combate com os Tupinambás que habitavam a Ilha e com os do litoral ocidental. Desse modo, as várias nações que habitavam o Estado, com o passar do tempo, foram reduzidas; de algumas, inclusive, desaparecem todos os indivíduos.

Atualmente, tem-se conhecimento da existência de nove povos indígenas no Maranhão segundo a FUNAI (2011), que somam uma população de quase 27 mil pessoas, distribuídas entre os povos Guajá/Awá-Guajá, Guajajara/Tenethara, Ka’apor/Urubu-Kaapor e Tembé/Tenethara, pertencentes ao tronco linguístico Tupi-Guarani, e Gavião/Pukobiê do Maranhão, Canela/Timbira, Krikati/Timbira, pertencentes ao tronco Macro-Jê, e Ticuna pertencentes ao tronco linguístico Ticuna (Tabela 1). Esses dados divergem dos dados do IBGE que totaliza 35.272⁶ habitantes.

Tabela 1. Povos e populações indígenas no Maranhão

Etnia	Família/Língua	População
Guajajara	Tupi Guarani	20202
Ka’apor	Tupi Guarani	1384
Awá-Guajá	Tupi Guarani	350
Timbiras Krêpun Kateyê	Jê	230
Gavião/Pukobyê	Jê	916
Krikati	Jê	1000
Timbira-Canela	Jê	2700
Timbira Krenyê	Jê	50
Ticuna(em processo de identificação)	Ticuna	46
Fonte: FUNAI (2011)		

Segundo a FUNAI (2011), existem no Maranhão, demarcadas e homologadas, 16 terras indígenas, havendo outras tantas que não foram reconhecidas ainda. Essas áreas indígenas distribuídas entre 23 municípios. No entanto nenhum desses municípios faz parte da

¹ Dados do censo populacional realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

MNM, *locus* de nosso trabalho. Esses dados ratificam assim a relevância do trabalho em fazer o resgate dos nomes próprios, na área da hidrografia maranhense.

3.2 Aspectos geográficos

Neste tópico, as considerações a respeito da geografia da Mesorregião se voltam para a Bacia Hidrográfica do Nordeste Ocidental, *locus* desta pesquisa. O tópico foi desenvolvido com base no *Caderno da Região Hidrográfica Atlântico Nordeste Ocidental*, elaborado pelo Ministério do Meio Ambiente e Secretaria de Recursos Hídricos. Entretanto, convém esclarecer que não usamos, neste estudo, aos dados numéricos fornecidos pelo Caderno, tendo em vista estes são do censo de 1998. Usamos, então, os dados do IBGE, censo de 2010.

Antes de focalizarmos particularmente a Bacia Hidrográfica do Nordeste Ocidental, convém observarmos a constituição da Mesorregião Norte Maranhense. Essa mesorregião é constituída de 60 municípios, agrupados em seis microrregiões: Aglomeração Urbana de São Luís, Baixada Maranhense, Itapecuru Mirim, Lençóis Maranhenses, Litoral Ocidental Maranhense e Rosário (quadro 1).

Quadro 01: Divisão da Mesorregião Norte Maranhense

MESORREGIÃO	MICRORREGIÕES	MUNICÍPIOS	TOTAL
Norte Maranhense	Aglomeração Urbana de São Luís	Paço do Lumiar Raposa São José de Ribamar São Luís	04 municípios
	Baixada Maranhense	Anajatuba Arari Bela Vista do Maranhão Cajari Conceição do Lago-Açu Igarapé do Meio Matinha Monção Olinda Nova do Maranhão Palmeirândia Pedro do Rosário Penalva Peri-Mirim Pinheiro Presidente Sarney Santa Helena São Bento São João Batista São Vicente Ferrer Viana Vitória do Mearim	21 municípios
	Itapecuru-Mirim	Cantanhede Itapecuru-Mirim Matões do Norte Miranda do Norte Nina Rodrigues Pirapemas	08 municípios

		Presidente Vargas Vargem Grande	
	Lençóis Maranhenses	Barreirinhas Humberto de Campos Paulino Neves Primeira Cruz Santo Amaro do Maranhão Tutóia	06 municípios
	Litoral Ocidental Maranhense	Alcântara Apicum-Açu Bacuri Bacurituba Bequimão Cajapió Cedral Central do Maranhão Cururupu Guimarães Mirinzal Porto Rico do Maranhão Serrano do Maranhão	13 municípios
	Rosário	Axixá Bacabeira Cachoeira Grande Icatu Morros Presidente Juscelino Rosário Santa Rita	08 municípios

Geomorfologicamente, o território maranhense se caracteriza por um conjunto de formas de relevo, representadas por feições litorâneas – como planícies litorâneas, extensos campos de dunas e costões rochosos; planícies fluviais ao longo dos seus rios –, e por formas interioranas, com um relevo de planaltos e depressões.

Em se tratando mesorregião Norte Maranhense, *locus* de nossa pesquisa, é predominante, segundo Feitosa (2006, p.3), a planície litorânea que é “modelada por agentes e processos marinhos e fluviomarinhas que dão origem às praias, mangues, vasas, pântanos, apicuns, lagunas e falésias, enquanto na área de fluxo indireto, maré dinâmica, ocorrem os pântanos e campos inundáveis.”.

É ainda um elemento característico dessa região a planície fluvial que para Feitosa (2006, p.9), corresponde “Às morfoesculturas modeladas pelos rios, nos seus baixos cursos. Apresenta largura variável de oeste para leste e maior penetração para o interior acompanhando os vales dos rios, notadamente os que desembocam no Golfão Maranhense.”. O autor aponta ainda os baixos cursos dos vales dos rios Itapecuru, Mearim, Grajaú e Pindaré, como algumas das áreas de planícies fluvial mais expressivas do Estado do Maranhão.

3.2.1 A Região Hidrográfica do Atlântico Nordeste Ocidental

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e com Conselho Nacional de Recursos Hídricos (CNRH), o Brasil possui 12 grandes Regiões Hidrográficas. No Maranhão⁷, *locus* de nossa pesquisa, faz-se presente a Região Hidrográfica do Atlântico Nordeste Ocidental, que tem como seus principais rios o Gurupi, o Pericumã, o Mearim, o Itapecuru, o Munim e o Turiaçu. Os 268.897km² de drenagem dessa região hidrográfica compreendem áreas do Maranhão (91%) e do Pará (09%), que abarcam 263 municípios no Maranhão e 49 no Pará, somando uma população de 5.490. 100 habitantes.

Figura 2: Região Hidrográfica do Atlântico Nordeste Ocidental



Fonte: Agência Nacional de Águas

Fazem parte dessa região hidrográfica o total de dois Sistemas hidrográficos e sete Bacias hidrográficas (*cf* Tabela 2).

⁷ Encontra-se ainda a região Hidrográfica do Parnaíba e região Hidrográfica do Tocantins-Araguaia.

Tabela 2: Regiões Hidrográficas do Maranhão

	Regiões Hidrográficas do Maranhão	Área (km²)	% sobre a área Estadual
	<i>Domínio Estadual</i>		
	<i>Subtotal</i>	216.034,34	65,07
Região Hidrográfica do Atlântico Nordeste Ocidental (PNRH/MMA-ANA 2006)	Sistema Hidrográfico do Litoral Ocidental	10.226,22	3,08
	Sistema Hidrográfico das Ilhas Maranhense	3.604,62	1,09
	Bacia Hidrográfica do Rio Mearim	99.058,68	29,84
	Bacia Hidrográfica do Rio Itapecuru	53.216,84	16,03
	Bacia Hidrográfica do Rio Munin	15.918,04	4,79
	Bacia Hidrográfica do Rio Turiaçu	14.149,87	4,26
	Bacia Hidrográfica do Rio Maracaçumé	7.756,79	2,34
	Bacia Hidrográfica do Rio Preguiças	6.707,91	2,02
	Bacia Hidrográfica do Rio Peria	5.395,37	1,62

Fonte: Adaptado de PPGT/NUGEO 2011

3.2.2 Os Sistemas hidrográficos

Os sistemas hidrográficos da Região Hidrográfica do Atlântico Nordeste Ocidental são dois e localizam-se em uma área que corresponde 4,17% do Estado do Maranhão e possui uma população total de 1.692.671 habitantes que significa 25,8% da população do Estado, que se concentram 74,2% na zona urbana e 25,8% na rural. Vale ressaltar que essa grande porcentagem na zona urbana se explica em virtude de São Luís, capital do Estado, encontrar-se nessa área.

O primeiro sistema hidrográfico é o do Litoral Ocidental, composto pela área de drenagem dos rios Pericumã, Aurá e Uru, e ainda de rios perenes. De características amazônicas, todos esses rios desaguam na costa de inúmeras rias e sofrem constante influência das marés, que acabam influenciando também na vida da população do local. Apresentam ainda, grande largura perto de suas fozes e têm em sua orla uma vasta vegetação de mangue.

O segundo sistema hidrográfico é o das Ilhas Maranhenses, que é constituído por 219 ilhas que se distribuem ao longo de todo o litoral maranhense; a maioria delas faz parte do Delta do Parnaíba, onde se encontra a foz do rio Parnaíba, composta de mais de cinco canais ou braços de seu leito.

Como parte dos sistemas hidrográficos, temos as bacias hidrográficas que, segundo o PPGT/NUGEO (2011, p.06) “(...) são definidas como áreas drenadas por um rio ou um sistema conectado de rios, de maneira que toda a vazão efluente seja descarregada através de uma única saída (foz).”.

As Bacias Hidrográficas do Maranhão localizam-se em uma área que corresponde a 60,90% do território maranhense, com uma população total de 3.482.882 habitantes, o que, em termos percentuais, corresponde a 53,0% da população do Estado. Desses habitantes, 53,9% se concentram na zona urbana e 46,1%, na rural.

Tabela 3: População Total das bacias hidrográficas localizadas na Mesorregião Norte Maranhense

Regiões Hidrográficas do Maranhão	População por área		População Total
	Urbana (km ²)	Rural (km ²)	
Bacia Hidrográfica do Rio Mearim	872.660	808.647	1.681.307
Bacia Hidrográfica do Rio Itapecuru	640.909	378.489	1.019.398
Bacia Hidrográfica do Rio Munin	164.908	155.093	320.001
Bacia Hidrográfica do Rio Turiaçu	77.704	101.508	179.212
Bacia Hidrográfica do Rio Maracaçumé	75.144	47.391	122.535
Bacia Hidrográfica do Rio Preguiças	26.807	69.572	96.379
Bacia Hidrográfica do Rio Periaá	18.409	45.640	64.049

Fonte: (IBGE 2010)

3.3 Aspectos socioculturais

Neste tópico, nossa atenção se volta para os aspectos socioculturais da Região Hidrográfica que compõe a mesorregião estudada. Vale destacar que todos esses aspectos, além de contribuir para o conhecimento da área em estudo, também fornecem subsídios para a análise dos hidrônimos.

Com relação aos aspectos socioculturais da Região Hidrográfica do Atlântico Nordeste Ocidental, vale ressaltar que são bem diversificados.

Dos 22 municípios que compõem o SHIM, 15 encontram-se na MNM. Nessa região concentra-se a maior densidade populacional, pois compreende a microrregião Aglomeração Urbana de São Luís, formada pelos municípios de Paço do Lumiar, Raposa, São José de Ribamar e São Luís. A área desse sistema é bem complexa do ponto de vista socioeconômico, pois abriga a cidade de São Luís, capital do Estado, que tem sua importância político-administrativa e portuária, e por ser o centro de maior parte da comercialização e industrialização da produção maranhense.

Em relação ao SHLO, estão inseridos nessa área 23 municípios, dos quais 13 localizam-se na MNM. Essa região é predominantemente de terras devolutas tomadas por posseiros; nela ocorrem geralmente conflitos resultantes de grilagem. Há, também, muitos programas de assentamento rural na região; em alguns casos as áreas destinadas aos assentamentos são tomadas por grandes proprietários que as transformam em projetos agropecuários e madeireiros. Embora isso ocorra, essa área ainda é ocupada por muitas florestas, pastagens e agricultura.

Na costa litoral, há muitas vilas de pescadores espalhadas pelas rias, o que contribui para a existência de grandes estoques pesqueiros, sendo essa área apontada como bastante diversificada em tipos de cardumes. O extrativismo nos mangues (cata de crustáceos e mariscos) é explorado na área do litoral do Maranhão, que também abriga em áreas de alagamento atividades pecuárias com espécies rústicas, como o búfalo.

Na maior parte do espaço rural, encontram-se as atividades agropastoris e ligadas à pecuária; já as atividades agrícolas localizam-se no sul e leste do Estado, com projetos de plantio de arroz e soja. No município de Rosário, localizado na BHRMu, desenvolvem-se as atividades agropecuárias; na BHRMe, a pecuária é predominante, com um sistema de criação semi-intensivo.

Em relação ao extrativismo de madeira, nas margens do rio Pindaré, registra-se um grande desmatamento, que fez com que muitas indústrias, serrarias e madeireiras finalizassem seus trabalhos ou se transferissem para outros municípios. Com esse avanço da frente madeireira, ficam para trás pequenos povoados, com pequenas moradias de madeira, e uma inteira desestrutura no que diz respeito às situações sociais e econômicas.

A atividade de extração de babaçu na BHRI e BHRMe, apesar de economicamente não ser uma atividade lucrativa, mostra-se de grande importância social, pois várias famílias de baixa renda dessas regiões sobrevivem dessa fonte de renda alternativa. Vale ressaltar que, com a existência dessa cultura, há então nessas áreas a presença de vegetação secundária.

Outras atividades são realizadas nessas regiões, como a exploração de cana-de-açúcar e a mineração, estando contundo centralizadas nas BHMM e BHMT.

A BHRMe é formada por 50 municípios dos quais 17 fazem parte do *locus* de nossa pesquisa. A região apresenta problemas no educacional, pois há um desequilíbrio entre o número de estabelecimentos e o de matrículas nos níveis fundamental e médio. Todos os municípios possuem abastecimento d'água tratada, mas o número de estabelecimentos atendidos ainda é pequeno, predominando assim a captação d'água em poços e nos rios, por parte da população ribeirinha.

Em relação à energia elétrica, ainda existe três municípios que não são atendidos pelo sistema de distribuição.

Seus principais produtos agrícolas são arroz, feijão, mandioca, milho, soja, banana e castanha de caju. No âmbito da produção pecuária, têm destaque os rebanhos bovinos, caprinos, equinos, ovinos e suínos, e as aves.

A BHRMu é composta por 27 municípios, sendo 10 localizados dentro da MNM. A economia da região é voltada para a pecuária bovina rudimentar, registrando ainda do cultivo de arroz, feijão, mandioca, milho, soja, banana, castanha de caju e coleta de babaçu. Mais recentemente, incluiu entre suas atividades a produção de carvão vegetal.

Essa Bacia vem sofrendo com o processo de ocupação desordenado, afetando assim o meio ambiente, principalmente os recursos hídricos.

A BHRT abriga 16 municípios, dos quais seis estão na MNM. Essa bacia possui uma concentração de 40% de área de pastagem e ainda de coberturas de áreas agrícolas, onde se observa um grande desenvolvimento do plantio de abacaxi. Essas coberturas dão ainda espaço para a produção de banana, coco e laranja. Existe ainda na região o extrativismo de frutos da juçara (*Euterpe oleracea Mart.*), madeira, lenha e produção de carvão. Existe na BHRT o extrativismo de amêndoas de babaçu; no entanto essa atividade não exerce papel socioeconômico muito relevante como acontece em outras regiões do Estado, em função da pouca ocorrência de babaçuais nos municípios costeiros pré-amazônicos. Na pecuária, encontram-se rebanhos bovinos, suínos, equinos, asininos, muares, ovinos, caprinos e bubalinos, além de criação de galinhas.

CAPÍTULO IV

METODOLOGIA

Tendo em vista o objeto deste estudo, a hidronímia da Mesorregião Norte Maranhense, o desenvolvimento desta pesquisa foi pautado no percurso metodológico indutivo, já que a indução nos possibilita partir de dados particulares ou mesmo menos gerais para chegar a conclusões mais amplas. Em síntese, em palavras de Dick (1999), o emprego do método indutivo de análise, no âmbito dos estudos onomásticos, contribui para a construção de hipóteses de trabalho que se baseiam em fatos particulares. Em se tratando de nossa pesquisa, os dados coletados nos 60 municípios poderão ajudar-nos a propor princípios gerais, válidos para a mesorregião estudada ou para uma área mais ampla como o próprio estado do Maranhão.

Como procedimento metodológico inicial deste trabalho, realizamos o levantamento bibliográfico de autores que focam a Toponímia: Dauzat (1926), que dá início aos estudos toponímicos na França; Vasconcelos (1931), com estudos sobre a toponímia portuguesa; Dick (1990, 1992, 1999, 2000, 2001, 2004, 2007), com estudos sobre Toponímia, em geral, e trabalhos sobre a hidronímia brasileira; Isquierdo (2006, 2009, 2010, 2011), também com estudos sobre Toponímia e hidronímia; Seabra (2006, 2008, 2010, 2012), que realiza estudos com base na Toponímia sincrônica; Rosselló i Verger (2010), que aborda a Toponímia, explorando a relação entre os mapas, a(s) língua(s) e o território, tomando como ponto de partida a cartografia; Mujika Ulazia (2010), que enfoca a interdisciplinaridade entre Toponímia, cartografia e história em uma comunidade bilíngue, tendo como cenário o País Vasco, entre outros autores.

A leitura desse material evidenciou que a maioria dos autores se apropria dos mapas como fonte de coleta de dados. Como fontes primárias – cartas geográficas estaduais e municipais com escalas de 1:50.000; 1:100.000 ou mesmo outras – os mapas, segundo Dick (2006, p. 97),

permitem desdobramentos possíveis do ponto de vista analítico; por exemplo, a construção de uma cadeia sintagmática de ocorrências, em sincronias criadas. Permitem, também, fixar a duração das ocorrências tempo-espaciais, em projeção sócio-histórica (períodos demarcados ou em fluxos contínuos).

Convém, contudo, lembrar que o pesquisador, ao trabalhar com mapas, sejam estes históricos/antigos ou atuais, não deve perder de vista que essas fontes toponímicas têm suas limitações. Os históricos, como destaca Rosselló i Verger (2010), carecem, em geral, de

escala, o que tem consequência no detalhamento e precisão das informações. Com relação aos mapas atuais, o problema não reside na ausência de escala, mas sim no dimensionamento desta, pois os de escala inferior a 1:100.000 deixam, muitas vezes, de registrar informações importantes para a pesquisa toponímica. Nesse sentido, a qualidade dos mapas é de fundamental importância para uma boa recolha de dados toponímicos, pois são essas fontes que funcionam como suportes da referência geográfica, isto é, do topônimo. Nesse sentido, Mujika Ulazia (2010, p. 76), ao discorrer sobre a relação de essencialidade de mão dupla que se estabelece entre a Toponímia/mapa/Toponímia, afirma, como base no Guia Toponímico do Quebec, que “o mapa constitui o veículo por excelência para a difusão dos topônimos”⁸ e acrescenta que “os nomes geográficos se convertem, uma vez escritos, em um elemento vital dos mapas.”⁹

Dada a importância dos mapas e a relação destes como a Toponímia, selecionamos mapas antigos e atuais, que cartografam a área delimitada para nossa pesquisa, como uma de nossas fontes toponímicas.

4.1 A constituição do corpus

Para a obtenção de nossos dados, trabalhamos com dois tipos de fontes – *mapas*, antigos e atuais – e *textos*. Estes últimos compõem a literatura dos viajantes que estiveram no Maranhão na primeira metade do século XVII.

4.1.1 As fontes: os mapas

Realizamos pesquisas indiretas buscando fontes bibliográficas nos acervos públicos da Biblioteca Pública Benedito Leite – BPBL, do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão – IHGMA e do Arquivo Público do Estado do Maranhão – APEMA, com vista à recolha de mapas antigos. No que diz respeito à recolha dos mapas atuais, realizamos pesquisas em *sites* oficiais do IBGE, da Agência Nacional de Águas – ANA e do Governo do Estado do Maranhão. Realizamos, também, pesquisas no IBGE, visando à catalogação de documentos oficiais.

Dessa forma, para a obtenção do *corpus*, foi realizado o levantamento de toda a hidronímia da Mesorregião Norte Maranhense, em mapas atuais do IBGE (2010) com escala

⁸ Tradução livre de: “el mapa constituye el vehículo por excelencia para la difusión de los topônimos”

⁹ Tradução livre de: “los nombres geográficos se convierten, una vez escritos, en un elemento vital de los mapas.”

de 1:50.000; 1:100.000, e da hidronímia em mapas do território maranhense dos seguintes séculos:

- XVII (1629) – *Pequeno atlas do Maranhão e Grão-Pará*, elaborado pelo cartógrafo da Casa da Mina e Índia João Teixeira Albernaz I (cf. Anexo 1);
- XVIII (1761) – *A Carta Geográfica da capitania do Piauí, e parte das adjacentes*, elaborada por João Antônio Galuci (cf. Anexo 2);
- XIX (1819) – *Mappa Geographico da Capitania do Maranhão, que pode servir de Memoria sobre a População, Cultura, e Couzas mais notaveis da mesma Capitania*, elaborado pelo Capitão Francisco de Paula Ribeiro (cf. Anexo 3);
- XX (1972) – *Mapa da Diretoria de Serviços Geográficos – DSG*, elaborado pelo Exército Brasileiro (cf. Anexo 4);
- XXI (2010) – Mapas dos 60 municípios da Mesorregião Norte, elaborados pelo IBGE¹⁰ (cf. Anexo 5).

4.1.2 As fontes: a literatura dos viajantes

Examinamos a literatura dos viajantes que passaram pelo Maranhão entre os anos de 1613 e 1614 e que fizeram descrições/observações sobre diversos aspectos do território que compunha o Maranhão de então, com registros em suas crônicas acerca do meio geográfico e social, da história, dos grupos indígenas que aqui habitavam. Essas descrições e observações feitas “de passagem” constituem um importante acervo documental que se torna indispensável para a compreensão do Maranhão. Dentre os viajantes que por aqui passaram, selecionamos os padres capuchinos, que estiveram no Maranhão atendendo a um pedido da Rainha regente, Maria de Médici, para propagar a fé cristã entre os “infieis” americanos. São eles: Claude d’Abbeville, com a obra *História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas* (2002 [1614]), Yves d’Évreux, com a obra *Viagem ao norte do Brasil feita nos anos de 1613 a 1614* (2002 [1615]), e o Frei Português Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres Maranhão, com a obra *Poranduba maranhense* (2012 [1891]).

¹⁰ Disponíveis em <http://downloads.ibge.gov.br/downloads_geociencias.htm>

Esses materiais, dentre outros igualmente importantes, deram-nos os subsídios necessários para que pudéssemos, segundo o dizer de Dick e Seabra (2002), ir alcançando, por meio dos estudos toponímicos da região, a “‘verdade do nome’, e juntamente com ele, a história real de uma sociedade” e assim, por meio do “momento sincrônico de análise, que se busquem outros planos de apreensão do objeto em exame, em épocas anteriores, descrevendo-se ou recuperando-se o *continuum demonstrativo* daquela nomenclatura.” (DICK, 1999, p. 132).

Com esse material constituímos o *corpus* da pesquisa que abrange seis microrregiões e 60 municípios maranhenses e corresponde a um total de 823 hidrônimos, sendo 233 de origem indígena (mais especificamente tupi – LT), 551 de origem portuguesa¹¹ (LP) e 38 de origem desconhecida, que foram por nós considerados como não encontrados (NE). Dentre os hidrônimos de origem indígena, foco de nosso estudo, há hidrônimos cuja estrutura é o resultado da composição de um elemento indígena com um elemento da língua portuguesa.

4.2 Os achados nas fontes: definição dos termos

O *corpus* da pesquisa é constituído pelos nomes antigos e atuais de elementos hidrográficos maranhenses, coletados nas fontes selecionadas. Nessas fontes, coletamos os seguintes elementos físicos – *braços, barras, baixas, baixões, córregos enseadas, lagos, lagoas, brejos, grotas, estreitos, rios, riachos, ribeirões, grotas e igarapés* – que se encontram aqui definidos de acordo com o *Glossário dos termos genéricos dos nomes geográficos utilizados no mapeamento sistemático do Brasil*¹².

- ✓ “Baixa – Ocorre em áreas rurais de algumas Unidades da Federação brasileira, como: Bahia, Maranhão, Minas Gerais e Rio Grande do Norte. Caracteriza-se por depressões do terreno ou fundo de vales, com regime hidrológico intermitente, com pouca declividade. As baixas alagam na época das chuvas e normalmente se ligam com a rede hidrográfica local [...]” (p.13).

¹¹ Para efeito deste trabalho e considerando nosso objetivo maior – delinear tendências gerais da hidronímia maranhense, com ênfase nos nomes de *origem indígena* –, tomamos como parâmetro, no que concerne à questão da língua de origem dos hidrônimos, a ideia de Mattoso Câmara Júnior (1973, p. 168-169) sobre os itens lexicais estrangeiros – “empréstimos vocabulares não integrados na língua nacional, revelando-se estrangeiros nos fonemas, na flexão e até na grafia (...)”. Nessa perspectiva, consideramos como vocábulos portugueses todos aqueles, com exceção dos de origem indígena, que, embora oriundos de outras línguas, a exemplo de *Estiva* (do italiano *stiva*), *Mocambo* (do quicongo *mukambu*), dentre outros, fazem parte de nosso cotidiano, estão em nosso falar, enfim, estão integrados na língua portuguesa, em sua variedade brasileira, tanto no que diz respeito aos fonemas, à flexão e à grafia.

¹² Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv88835_v1.pdf>

- ✓ “Baixão – O mesmo que Baixa, quando referido às ocorrências em áreas sedimentares do Estado do Piauí, e o mesmo que Baixo em áreas existentes no Estado do Tocantins.” (p.14).
- ✓ “Barra – [...] entrada de um porto, foz de um rio [...]” (p. 14).
- ✓ “Braço – Trecho de rio ou de mar que adentra na terra [...]” (p. 14).
- ✓ “Brejo – Terreno normalmente planificado, pantanoso, encharcado, com ocorrências nas cabeceiras dos rios, ou a partir do transbordamento dos mesmos, com registros nos Estados da Bahia, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Piauí e Tocantins.” (p. 14).
- ✓ “Córrego – Curso de água corrente de pequeno porte. Ocorre em todas as regiões fisiográficas brasileiras, na maioria das Unidades da Federação.” (p.16).
- ✓ “Estreito – Passagem relativamente mais apertada de um curso de água [...]. Existem duas ocorrências no Estado do Maranhão, nos Municípios de São Luís e Rosário.” (p.17).
- ✓ “Grota – Depressão úmida nas encostas [...]” (p.18).
- ✓ “Igarapé – Canal natural estreito e navegável por pequenas embarcações, que se forma entre duas ilhas fluviais ou entre uma ilha fluvial e a terra firme [...]” (p.18).
- ✓ “Lago – Depressões do solo produzidas por causas diversas e cheias de águas confinadas, mais ou menos tranquilas, pois dependem da área ocupada pelas mesmas. As formas, as profundidades e as extensões dos lagos são muito variáveis. Geralmente, são alimentados por um ou mais rios afluentes. Possuem também rios emissários, o que evita o seu transbordamento [...]” (p.20).
- ✓ “Lagoa – Depressão de formas variadas – principalmente tendendo a circulares – de profundidades pequenas e cheia de água doce ou salgada. As lagoas podem ser definidas como lagos de pequena extensão e profundidade [...]” (p.20).
- ✓ Riachão – Termo regional, utilizado na Região Nordeste como aumentativo de Riacho, sem alteração conceitual significativa. Riacho grande. Existem ocorrências nos Estados do Maranhão, Piauí e Ceará.” (p.26).
- ✓ “Riacho – Termo regional de ocorrência na Região Nordeste do Brasil e que se traduz num curso de água ou corrente de água, que flui ou desemboca no oceano, num lago ou noutra curso de água.” (p.26).
- ✓ “Ribeirão – Termo regional de ocorrência no Rio de Janeiro (normalmente próximo à fronteira com Minas Gerais), São Paulo (interior), Goiás e Mato Grosso e que se traduz num curso de água ou corrente de água, que flui ou desemboca no oceano, num lago ou noutra curso de água.” (p.26).
- ✓ “Rio – Corrente líquida resultante da concentração do lençol de água num vale. Um curso de água pode, em toda sua extensão, ser dividido em três partes: 1– curso superior; 2– curso médio; e 3 – curso inferior [...]” (p.26).

4.3 Procedimentos para registro e arquivamento dos dados

A etapa de catalogação dos dados apresentou-nos alguma dificuldade no que diz respeito às fontes pretéritas, em especial aos mapas, pois, em alguns deles, devido à sua resolução ou mesmo em função da disposição e da ortografia dos nomes dos elementos nos próprios mapas, a extração do dado se tornou mais difícil.

Depois da etapa de catalogação, foi feito o registro dos dados na Ficha Lexicográfico-Toponímica. Essa ficha nos foi cedida pelo Projeto Atlas Toponímico de Mato Grosso do Sul - ATEMS¹³, que, por sua vez, elaborou-a com base no modelo proposto por Dick (2004) (*cf.* Anexo 06).

Considerando nosso objeto de estudo e nossos objetivos, julgamos necessário fazer algumas alterações na Fica do ATEMS¹⁴, de modo a adaptá-la a nossos propósitos. São estas as modificações: (i) não consideramos os campos *Contexto*, destinado “a algum aspecto relevante sobre a motivação do topônimo” (ISQUERDO, 2011, p. 38) às informações sobre a motivação do hidrônimo, tendo em vista que decidimos registrar essas informações no campo *Informações Enciclopédicas; Tipo de elemento (físico/humano)*, uma vez que os elementos alvo de nosso estudo pertencem todos à mesma tipologia, são elementos físicos, e *Coordenador*, já que em nosso caso não há a figura do coordenador, e (ii) substituímos os termos *acidente geográfico* por *elemento geográfico*, seguindo a orientação da Geografia atual, e *topônimo* por *hidrônimo*, tendo em vista que nosso foco são apenas os elementos físicos hidrográficos.

Para efeito de ilustração, selecionamos a Ficha Lexicográfico-Toponímica de um dos rios mais importantes da área objeto de nosso estudo e a apresentamos, a seguir, devidamente preenchida.

Ficha Lexicográfico-Toponímica

Localização/Município: Itapecuru Mirim
Mesorregião: Norte Maranhense
Microrregião: Miranda do Norte
Elemento Geográfico: Rio
Hidrônimo: Itapecuru
Variante Cartográfico-Lexical: Taboucourou, Tapicuru, Tapucuru, Itapocuru, Itapicuru
Área (rural/urbana): Rural e Urbana

¹³ O Projeto ATEMS encontra-se em desenvolvimento, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a coordenação da professora doutora Aparecida Negri Isquerdo.

¹⁴ A Ficha original do ATEMS encontra-se no Anexo 07.

Classificação Taxionômica: Fitotopônimo
Língua de Origem: indígena
Etimologia: *itapecuru (Ita + apecurũ) = laje, travessão de cascalho;
Entrada Lexical: Itapecuru
Estrutura Morfológica do Hidrônimo:
Histórico: “Taboucourou - rivière – Itapicuru, na topônimo atual. Nas crônicas e mapas se escreve variamente: Tapicuru, Tapucuru, Itapocuru, Itapicuru, etc. [...] pode derivar de itapé, pedra chata, laje, e curu, cascalho, seixo, exprimindo seixos de laje [...]. (2008, p. 180) (Notas do tradutor)**
Informações Enciclopédicas: ‘Rio - Os invasores franceses, em seus escritos, ora chamavam - Tapucuru, ora Maranhão a este rio. / Tem as suas nascentes em um buritizal nas fraldas da serra do mesmo nome; nas primeiras 30 léguas de seu curso, que no total conta 250 léguas em todas as suas voltas, não é navegável, e só começa a sê-lo na altura da nova vila do Mirador, porém custosamente até à confluência do Alpercatas, não tanto pela cachoeirinha de Santa’Ana, que não é mais do que um pequeno raso de poucas e miúdas pedras, como porque, sendo estreito, as árvores que as invernadas continuamente derrubam, obstruem o seu leito.’(p. 667)***
Fonte: IBGE 2010
Referências bibliográficas: *Gregório, ** D’Abbeville,***Marques
Pesquisador: Edson Lemos
Revisor: Conceição Ramos
Data de coleta do hidrônimo: 05 de maio de 2016

Fonte: Adaptada da Ficha Lexicográfico-Toponímica do Projeto ATEMS

Como vimos, a Ficha Lexicográfico-Toponímica é composta pelos campos descritos a seguir. No que diz respeito à localização mais geral do hidrônimo, a ficha apresenta três campos: Localização/Município, Mesorregião e Microrregião, que são assim entendidos:

- Mesorregião – subdivisão dos estados brasileiros organizada pelo IBGE, e que comporta os municípios de uma área em que os aspectos econômicos e geográficos são semelhantes; Microrregião – agrupamento dos municípios limítrofes, também com semelhança de aspectos econômicos e geográficos; Município – divisão administrativa do Estado com autonomia administrativa.

Complementam a ficha os seguintes campos:

- Hidrônimo – refere-se ao nome próprio do elemento físico recolhido nos mapas do IBGE.
Ex.: Itapetininga
- Elemento Geográfico – corresponde ao elemento genérico designado.
Ex.: rio, córrego, lagoa, lago
- Variante Cartográfico-Lexical – campo destinado ao registro das variantes lexicais ou fonéticas, com sua representação ortográfica.
Ex.: Taboucourou, Tapicuru, Tapucuru, Itapocuru, Itapicuru
- Área – campo destinado à localização do hidrônimo em termos de área urbana e/ou rural;

- Classificação Taxionômica – campo destinado à taxa do hidrônimo, conforme a classificação de Dick (1990).
Ex: Bacanga – Fitotopônimo
- Língua de Origem – campo destinado à filiação linguística do hidrônimo, se de origem portuguesa, indígena ou mesmo híbrida ou desconhecida ou não encontrada (cf. item 3.1.2 deste trabalho). Neste último caso, incluem-se os hidrônimos que não puderam ter a filiação identificada.
Ex.: Rio Quindiuá – Tupi; Riacho Uriti – Não encontrado
- Etimologia – campo destinado ao registro do significado da palavra que origina o hidrônimo ou dos elementos que o constituem.
Ex.: ICATU – de y-catu, água boa (TIBIRIÇA, 1985, p. 57)
- Entrada Lexical – campo destinado ao registro do hidrônimo, com base na ortografia adotada nos mapas do IBGE (cf. item 3.1.1 desta dissertação).
Ex.: Itapecuru
- Estrutura Morfológica do Hidrônimo – campo destinado à classificação do hidrônimo em: (i) simples – constituído por um só elemento¹⁵ – e (ii) composto – constituído por mais de um elemento. Tanto os simples como os compostos podem ser híbridos – constituídos por mais de um elemento de línguas diferentes – ou não-híbridos.
Ex.: Carnaúba (simples), Itapecuru-Mirim (composto), Carnaubal (simples híbrido) e Riacho Baixão do Buritizal (composto híbrido).
- Histórico – campo destinado aos dados sobre o porquê do nome, isto é, sobre sua história;
- Informações enciclopédicas – campo destinado ao registro das demais informações a respeito dos topônimos, inclusive da sua motivação. Para coleta dessas informações, foram usadas obras como *Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão*, de César Augusto Marques ([1870]

¹⁵ Convém enfatizar que alguns elementos de origem indígena que já fazem parte de nosso cotidiano, estão em nosso falar, podem ser percebidos pelos falantes como um único elemento, isto é, como elemento simples, embora sejam compostos, como atesta sua etimologia, a exemplo de Itapecuru (**itapé** + **curu**, lage enrugada, ondulada. (TIBIRIÇA, 1985, p.67)).

2008) e a, *Poranduba Maranhense*, de Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres Maranhão. ([1891] 1946)¹⁶

- Fonte – neste campo são apresentados os documentos de onde foram coletados os hidrônimos.
Ex.: fonte primária – mapas;
- Referências Bibliográficas – campo destinado ao registro das obras que subsidiaram a pesquisa, no que diz respeito à etimologia e à estrutura morfológica dos hidrônimos.
- Responsável pela coleta – o pesquisador que fez o levantamento dos dados da pesquisa.
- Revisor – a pessoa que revisa as fichas com os dados da pesquisa.
- Data da coleta – dia, mês e ano em que foram coletados os dados.

Para o preenchimento do campo *Classificação Taxionômica* recorreremos à proposta de Dick (1990), que sumarizamos a seguir.

4.4 Classificações dos topônimos: a proposta das taxionomias de Dick

O Modelo Tipológico de Dick (1990) é composto por 27 categorias distributivas ou taxes léxico-semânticas, divididas em dois grupos: (i) as de natureza física, com um total de 11 taxes relacionadas com o ambiente, e (ii) as de natureza antropocultural, que somam 16 taxes, vinculadas aos aspectos sócio-histórico-culturais.

Nos Quadros 02 e 03, a seguir, apresentamos as taxes, suas fontes motivadoras/geradoras e exemplos de cada uma delas. Os exemplos, sempre que possível, foram extraídos do *corpus* que coletamos ao longo de nossa pesquisa. Quando a busca de ilustrações em nosso *corpus* foi improdutiva, recorreremos aos exemplos de Dick (1990), que se encontram identificados por meio da indicação (Dick, 1990), colocada ao lado do exemplo em questão.

¹⁶ A obra foi escrita na primeira metade do século XIX, provavelmente entre os anos de 1819 e 1820, sendo publicada pela primeira vez em 1891, na Revista Trimestral do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Quadro 02: Taxionomias de natureza Física

Taxionomia de natureza física		
Taxionomia	Fonte motivadora/geradora	Exemplo
Astrotopônimos	os corpos celestes em geral	rio da Estrela (ES) (Dick, 1990)
Cardinotopônimos	as posições geográficas em geral	Igarapé Centro da Mata (Icatu)
Cromotopônimos	a escala cromática	Rio Preto (Itapecuru Mirim)
Dimensiotopônimos	as características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, grossura, altura, profundidade	Riacho Fundo (Itapecuru Mirim)
Fitotopônimos	os vegetais	Igarapé Carnaubal (Bequimão)
Geomorfotopônimos	as formas topográficas	Riacho do Brejo (Morros)
Hidrotopônimos	os elementos hidrográficos em geral	Igarapé Ribeirão (Axixá)
Litotopônimos	os elementos minerais, relativos à constituição do solo	Rio Itapetininga (Bequimão)
Meteorotopônimos	os fenômenos atmosféricos	Igarapé do Pôr do Sol (Monção)

Fonte: Adaptado de Dick (1990)

Quadro 03: Taxionomias de natureza Antro-Cultural

Taxionomias de natureza Antropo-Cultural		
Taxionomia	Fonte motivadora/geradora	Exemplo
Animotopônimos ou Nootopônimos	a vida psíquica, a cultura espiritual, abrangendo todos os produtos do psiquismo humano	Rio das Almas (Serrano do Maranhão)
Antropotopônimos	os nomes próprios individuais	Rio Rafael (Presidente Sarney)
Axiotopônimos	os títulos e dignidades que acompanham os nomes próprios individuais.	Presidente Prudente (AH SP) (Dick, 1990)
Corotopônimos	os nomes de cidades, países, estados, regiões, continentes	Rio Filadélfia (São João Batista)
Cronotopônimos	os indicadores cronológicos representados, em toponímia, pelos adjetivos novo/nova, velho/velha	Riacho Mundo Novo (Santo Amaro do Maranhão)
Ecotopônimos	as habitações de um modo geral	Riacho Tapera (Miranda do Norte)
Ergotopônimos	os elementos da cultura material	Rio Maracaçumé (Maracaçumé)
Etnotopônimo	os elementos étnicos, isolados ou não	Rio Tapuio (Pirapemas)
Dirrematotopônimos	constituídos por frases ou enunciados linguísticos	Igarapé Vale Quem Quer (Santa Rita)
Hierotopônimos	os nomes sagrados de diferentes crenças: as associações religiosas; as efemeridades religiosas. Apresentam duas subdivisões: Hagiotopônimos – topônimos relativos aos Santos e Santas do hagiológico romano. Ex.: Rio Santa Rosa (Viana) Mitotopônimos – topônimos relativos às entidades mitológicas. Ex.: Anhagá (BA) (DICK, 1990)	
Historiotopônimos	os movimentos de cunho histórico-social e seus membros, assim como as datas correspondentes	rio 7 de Setembro (MT) (Dick, 1990)
Hodotopônimos (Odotopônimos)	as vias de comunicação rural ou urbana	Riacho da Ponte (Vargem Grande)

Numerotopônimos	os adjetivos numerais	Igarapé Duas Irmãs (Bela Vista do Maranhão)
Poliotopônimos	os vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial.	Baia do Arraial (Rosário)
Sociotopônimos	as atividades profissionais, os locais de trabalho e os pontos de encontro dos membros de uma comunidade	Riacho Soldado (Vargem Grande)
Somatotopônimos	empregados em relação metafórica às partes do corpo humano ou do animal	Igarapé Braço (São José de Ribamar)

Fonte: Adaptado de Dick (1990)

CAPÍTULO V

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo apresentamos os dados juntamente com sua análise e evidenciamos que o registro ortográfico dos hidrônimos, presentes nos quadros ilustrativos, é a mesma adotada pelo IBGE (2010) em seus mapas, estes, por sua vez, subsidiaram o regaste histórico de algumas denominações. Além da apresentação dos dados, faremos a análise dos dados das fichas lexicográfico-toponímicas, trataremos da língua de origem dos hidrônimos elencados, das taxionomias predominantes em cada mesorregião, da natureza dos hidrônimos e de sua estrutura morfológica.

5.1 Apresentação dos dados

Para melhor compreensão dos dados coletados e posterior enfoque, no capítulo V, da hidronímia indígena, apresentamos os hidrônimos em quadros que foram organizados por microrregião e que contemplam assim as seis que compõem a mesorregião da pesquisa, como visto no capítulo II, item 2.2.1. Apresentamos, ainda, notas referentes apenas aos hidrônimos de origem tupi, tendo em vista que os objetivos nosso do trabalho.

Vale ressaltar que optamos por incluir nos quadros todas as ocorrências de um mesmo hidrônimo, tanto quando este se refere a um mesmo elemento físico que ocorre em espaços geográficos diferentes (*Igarapé Combique*), que foi registrado nos municípios de Paço do Lumiar, Raposa e São José de Ribamar – quando nos casos em que se refere a elementos físicos diferentes (*Raposa*), que nomeia um igarapé e um rio.

Quadro 04 – Hidrônimos da microrregião Aglomeração Urbana de São Luís, conforme IBGE (2010).

Elemento geográfico	Hidrônimo	Língua de Origem	Taxionomia	Estrutura morfológica
rio	Paciência	LP	Animotopônimo	Simple
rio	Paciência	LP	Animotopônimo	Simple
rio	Paciência	LP	Animotopônimo	Simple
igarapé	Nunca Mais	LP	Dirrematotopônimo	Composto
rio	Tibiri ¹⁷	LT	Ecotopônimo	Composto
rio	Anil	LP	Fitotopônimo	Simple
rio	Bacanga ¹⁸	LT	Fitotopônimo	Composto

¹⁷ tibiri (t'yby+r'y) = rio da sepultura. (GREGÓRIO, 1980, p. 1284).

¹⁸ Bacanga - ybá-canga, fruto seco, бага, coquinho. (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 27).

igarapé	Cajueiro ¹⁹	LP+LP	Fitotopônimo	Composto
rio	da Maioba ²⁰	LT	Fitotopônimo	Simple
igarapé	Maracujá ²¹	LT	Fitotopônimo	Simple
igarapé	Pindoba ²²	LT	Fitotopônimo	Simple
rio	Santo Antônio	LP	Hagiotopônimo	Composto
riacho	das Pedrinhas	LP	Litotopônimo	Simple
rio	Prata	LP	Litotopônimo	Simple
igarapé	Combique	NE	NC	NC
igarapé	Combique	NE	NC	NC
igarapé	Combique	NE	NC	NC
igarapé	do Sabião	NE	NC	NC
igarapé	Urinemos	NE	NC	NC
braço	do Curupu ²³	LT	Somatopônimo	Simple
braço	do Curupu	LT	Somatopônimo	Simple
igarapé	Arapapá ²⁴	LT	Zootopônimo	Simple
riacho	dos Cachorros	LP	Zootopônimo	Simple

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 05: Hidrônimos dos municípios da microrregião Baixada Maranhense coletados nos mapas dos IBGE (2010)

Elemento geográfico	Hidrônimo	Língua de Origem	Taxionomia	Estrutura morfológica
lago	Acará-mirim ²⁵	LT	Zootopônimo	Composto
lago	Açu ²⁶	LT	Dimensiotopônimo	Simple
igarapé	Água Azul	LP	Hidrotopônimo	Composto

¹⁹ Acaju - caju (a = fruto + Cayu), fruto do cajueiro, árvore da família das Anacardiáceas. (GREGÓRIO, 1980, p. 344).

²⁰ MAYOÛE – rio e vila; nome de certas folhas de árvores que são fortes longas e largas (Tradução nossa) – Maïobe e Mayobe em Y.d'Evreux; mas, conforme a explicação do texto, deve ser Taioba. (Caladium), composto de taya, como em Taiapouan, e oba, folha. (D'ABBEVILLE, 2008, p. 109).

²¹ MARACUJÁ (maracujá); nome de trepadeira da família das Passifloráceas; é sedativo, calmante e hipnótico; (GREGÓRIO, 1980, p. 896).

²² PINDOBA, pindó (guarani) = palma, palmeira. (GREGÓRIO, 1980, p. 1041).

²³ [Do tupi.]1. Bras. AM Pulsação dos vasos periféricos, visível em certas pessoas que sofrem de distúrbios cardíacos. (Aurélio Online).

²⁴ ARAPAPÁ - tamatiá ou socó-de-bico-largo; nome de ave da família dos Ardeídeos, impropriamente chamado colhereiro; de bico grande, largo; nome de Ilha do Rio Branco, à jusante da confluência com o Catrimani, no Território de Roraima e nome de lago da margem direita do Amazonas, no município de Urucurituba. (GREGÓRIO, 1980, p. 458).

²⁵ ACARÁ, cará; peixe geralmente de nome genérico de peixes de água doce e salgada, dizendo que têm dentes finos e flexíveis como fios de seda ou pelos de animais (sic); não consta que sejam assim. (GREGÓRIO, p. 355, 1980).

²⁵ GUAÇU, açu, uçu (guarani e nheengatu), buçu, lagoa; chega ao tamanho de uma mão espalmada. O Dicionário Brasileiro, pág. 162, refere-se ao acará como nome genérico de peixes de água doce e salgada, dizendo que têm dentes finos e flexíveis como fios de seda ou pelos de animais (sic); não consta que sejam assim. (GREGÓRIO, p. 355, 1980).

²⁶ GUAÇU, açu, uçu (guarani e nheengatu), buçu, turuçu = grande (com substantivos) e muito (com verbos); grosso, largo; animal de vulto; guaçu = veado, no guarani. (GREGÓRIO, p. 707, 1980).

lago	Água Preta	LP	Hidrotopônimo	Composto
lagoa	Alegre	LP	Animotopônimo	Simple
igarapé	Amapá ²⁷	LT	Fitotopônimo	Simple
rio	Aninga ²⁸	LT	Fitotopônimo	Simple
lago	Aquiri ²⁹	LT	Zootopônimo	Composto
lago	Aterradinho	LP	Geomorfotopônimo	Simple
rio	Aura ³⁰	LT	Zootopônimo	Simple
rio	Aurá	LT	Zootopônimo	Simple
igarapé	Bacabalzinho ³¹	LT+LP	Fitotopônimo	Composto Híbrido
rio	Bacuri ³²	LT	Fitotopônimo	Composto
lago	Baixo Arroz	LP+LP	Geomorfotopônimo	Composto
lago	Belém	LP	Corotopônimo	Simple
lago	Belém	LP	Corotopônimo	Simple
lago	Bexigoso	LP	Somatotopônimo	Simple
rio	Boca Velha	LP	Dirrematopônimo	Composto
igarapé	Boi Baiano	LP	Zootopônimo	Composto
rio	Bamburral	LP	Fitotopônimo	Simple
rio	Bonfim	LP	Antropotopônimo	Simple
rio	Bonfim	LP	Antropotopônimo	Simple
rio	Bonfim	LP	Antropotopônimo	Simple
rio	Bonfim	LP	Antropotopônimo	Simple
igarapé	Boqueirão	LP	Geomorfotopônimo	Simple
igarapé	Boqueirão	LP	Geomorfotopônimo	Simple
igarapé	Boqueirão	LP	Geomorfotopônimo	Simple
igarapé	Braço	LP	Somatotopônimo	Simple
igarapé	Bueira	LP	NC	Simple
igarapé	Cajapió ³³	LT	Fitotopônimo	Composto

²⁷ AMAPÁ = grande árvore da família das Apocináceas; árvore que dá leite, látex (borracha) e suco leitoso medicinal, muito abundante na Amazônia e por isso não há família que não tenha em casa uma garrafinha de leite de amapá como peitoral e cicatrizantes; "fruto comestível" (E. Stradelli-41a); de madeira branca, apreciada nas serrarias, nome de Território Brasileiro, desmembrado do Estado do Pará, e de cidade à margem direita do Rio Amapá Pequeno, antiga Montenegro, Veiga Cabral. Para A. Levy Cardoso - 182a e b, que melhor estudou o termo, viria do galibi (cariba) amapá (*Hancornia amapá* Hub.), talvez uma Apocinácea; (GREGÓRIO, p. 391, 1980).

²⁸ aninga (s.) - ANINGA, planta da família das aráceas [*Montrichardia linifera* (Arruda) Schott.] (*Piso, De Med. Bras.*, 197). (NAVARRO, 2013, p. 42).

²⁹ Acre (do ipuriná aquiri, por uaqiri (...)). (GREGÓRIO, 1980, p. 361).

³⁰ AURA (...) este topônimo não tem significado, salvo se for corruptela de aruá ou uruá, certo molusco de água doce do gênero Paludina. (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 26).

³¹ bacabal = grande quantidade de bacaba (coco); nome de cidade do Maranhão, na Zona do baixo Mearim. (GREGÓRIO, p. 1267, 1980).

³² bacuri (ybá + curi = ligeiro) = fruta que amadurece ou que cai logo; "o que frutifica apressado" (T. Sampaio - 1b); nome de árvore da família das Gutíferáceas, dá boa madeira; tem oleaginosas e dá óleo medicinal; nome de vários topônimos do Norte do Brasil e de cidade do Maranhão, Zona Litoral Norte. (GREGÓRIO, p. 1267, 1980).

³³ CAJAPIÓ (...) de cajá-pyoca, polpa de caju, essência de cajá. (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 34).

lagoa	Cajari ³⁴	LT+LT	Fitotopônimo	Composto
lagoa	Cajari	LT+LT	Fitotopônimo	Composto
lagoa	Camacaoca ³⁵	LT	Ecotopônimo	Composto
lago	Camilo	LP	Antropotopônimo	Simple
lago	Campo Novo	LP+LP	Geomorfotopônimo	Composto
igarapé	Cantagalo	LP	Dirrematopônimo	Simple
rio	Capivara ³⁶	LT	Zootopônimo	Composto
rio	Carará ³⁷	LT	Zootopônimo	Simple
lago	Caravana	LP	Sociotopônimo	Simple
rio	Cebolas	LP	Fitotopônimo	Simple
rio	Certo	LP	Animotopônimo	Simple
igarapé	Cipru	NE	NC	NC
igarapé	Coivaras ³⁸	LT	Fitotopônimo	Composto
lagoa	Comprida	LP	Dimensiotopônimo	Simple
lago	Coqueiro	LP	Fitotopônimo	Simple
lago	Coqueiro	LP	Fitotopônimo	Simple
lago	Corredor	LP	Dimensiotopônimo	Simple
igarapé	Corrimão	LP	Ergotopônimo	Simple
lago	da Barriguda	LP	Somatotopônimo	Simple
Brejo	da Bela Vista	LP+LP	Animotopônimo	Composto
Brejo	da Bela Vista	LP+LP	Animotopônimo	Composto
rio	da Boca Velha	LP+LP	Dirrematopônimo	Composto
lago	da Bombinha	LP	Ergotopônimo	Simple
igarapé	da Cachoeira	LP	Hidrotopônimo	Simple
rio	da Canarana ³⁹	LT+LT	Fitotopônimo	Composto
igarapé	da Chapadinha	LP	Geomorfotopônimo	Simple
rio	da Criança	LP	Cronotopônimo	Simple
lago	da Égua	LP	Zootopônimo	Simple
rio	da Estiva	LP	Sociotopônimo	Simple
igarapé	da Estiva	LP	Sociotopônimo	Simple
rio	da Estiva	LP	Sociotopônimo	Simple
rio	da Estiva	LP	Sociotopônimo	Simple
rio	da Fonte	LP	Hidrotopônimo	Simple

³⁴ CAJARI (...) caajar-y, rio do louva-Deus; ou cajar-ry, rio do cajá. (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 34).

³⁵ CAMACAOCA (MA). De *Kamakã* (v. *camacã*) + oka: *oca dos camacãs*. (NAVARRO, 2013, p. 551)
CAMACAOCA (1) - Ca, ta + macaoca (aldeia + fortificação, fortaleza), aldeia fortificada ou fortificação ou fortaleza)? - caá+macaoca (mato, pau+fortificação), fortaleza ou fortificação de páus, palicada (3) (LOPES, 1950, p. 83).

³⁶ CAPIVARA - (...) de capiü-tinga, comedor de capim, nome de grande roedor. (TIBIRIÇA, 1985, p. 38)

³⁷ CARARÁ - Mergulhão (ave) (MARANHÃO, 1891, p. 204).

³⁸ COIVARA (MA). De KÓ + 'yb/a +ar + -a= cata-paus de roça, técnica indígena de plantio; ramagens emplinhadas para queimada após limpeza da terra. (NAVARRO, 2013, p. 557).

³⁹ CANARANA (cana + rana) + hibridismo; cana falsa: capim aquático, boa forragem; nome de cidades do Amazonas e da Bahia, Zona da Chapada Diamantina. (GREGÓRIO, 1980, p. 1105).

lago	da Gameleira	LP	Sociotopônimo	Simple
lago	da Juçara ⁴⁰	LT	Fitotopônimo	Simple
lago	da Lontra	LP	Zootopônimo	Simple
igarapé	da Mamona	LP	Fitotopônimo	Simple
lago	da Mata	LP	Fitotopônimo	Simple
igarapé	da Picada	LP	Hodotopônimo	Simple
rio	da Pindova ⁴¹	LT	Fitotopônimo	Simple
rio	da Piranha	LP	Zootopônimo	Simple
igarapé	da Providência	LP	Animotopônimo	Simple
rio	da Raposa	LP	Zootopônimo	Simple
igarapé	da Raposa	LP	Zootopônimo	Simple
lagoa	da Santa Maria	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
lago	da Santa Rosa	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
rio	da Serra	LP	Geomorfotopônimo	Simple
lago	da Taboca ⁴²	LT+LT	Fitotopônimo	Composto
grotta	da Tapagem	LP	Ergotopônimo	Simple
rio	da Telha	LP	Ergotopônimo	Simple
lago	da Violência	LP	Animotopônimo	Simple
lago	das Itãs ⁴³	LT	Litotopônimo	Simple
rio	das Minas	LP	Litotopônimo	Simple
ribeirão	das Pacas ⁴⁴	LT	Zootopônimo	Simple
igarapé	das Sete Voltas	LP	Numeropônimo	Composto
igarapé	de Dentro	LP	Cardinotopônimo	Simple
lago	de Dentro	LP	Cardinotopônimo	Simple
lago	de Fora	LP	Cardinotopônimo	Simple
rio	de Pedra	LP	Litotopônimo	Simple
lago	de Viana	LP	Corotopônimo	Simple
igarapé	de Mata-Fome	LP+LP	Dirrematopônimo	Composto
lago	do Abordo	LP	Animotopônimo	Simple
igarapé	do Açude	LP	Hidrotopônimo	Simple
lagoa	do Alegre	LP	Animotopônimo	Simple
igarapé	do Américo	LP	Antropotopônimo	Simple
lago	do Aquiri ⁴⁵	LT+LT	Hidrotopônimo	Composto
rio	do Barro	LP	Litotopônimo	Simple
rio	do Barro	LP	Litotopônimo	Simple
igarapé	do Bate-Boca	LP+LP	Dirrematopônimo	Composto
lagoa	do Bebe-Fumo	LP+LP	Dirrematopônimo	Composto

⁴⁰ JUÇARA - (...) de jyssara, nome de uma palmeira de onde se extrai o palmito. (TIBIRIÇÁ, 1895, p. 77).

⁴¹ PINDOBA, pindó (guarani) = palma, palmeira (GREGÓRIO, 1980, p. 1041).

⁴² TABOCA (tá+b'oca)= haste furada; taboca; (GREGÓRIO, 1980, p.1127).

⁴³ ITÃS = conchas (GREGÓRIO, 1980, p. 786).

⁴⁴ PACA = o que é ágil, esperto; mamífero roedor, caça estimada. (GREGÓRIO, 1980, p. 986).

⁴⁵ Acre (do ipurinã aquiri, por uaquiri (...)) (GREGÓRIO, 1980, p. 361).

rio	do Bem-Posta	LP+LP	Dirrematotopônimo	Composto
rio	do Boi	LP	Zootopônimo	Simple
lago	do Bolívia	LP	Corotopônimo	Simple
rio	do Brejeiro	LP	Hidrotopônimo	Simple
rio	do Brejeiro	LP	Hidrotopônimo	Simple
lago	do Caboclo Morto	LP+LP	Etnotopônimo	Composto
igarapé	do Cajá ⁴⁶	LT	Fitotopônimo	Simple
lagoa	do Canhega	LP	Animotopônimo	Simple
igarapé	do Cansado	LP	Animotopônimo	Simple
igarapé	do Cansado	LP	Animotopônimo	Simple
igarapé	do Capim-Açu ⁴⁷	LT	Fitotopônimo	Composto
igarapé	do Cascudo	LP	Zootopônimo	Simple
igarapé	do Cascudo	LP	Zootopônimo	Simple
igarapé	do Cedro	LP	Fitotopônimo	Simple
rio	do Coelho	LP	Zootopônimo	Simple
lago	do Encontro	LP	Animotopônimo	Simple
enseada	do Espírito Santo	LP+LP	Hierotopônimo	Composto
rio	do Estirão	LP	Dimensiotopônimo	Simple
rio	do Estirão	LP	Dimensiotopônimo	Simple
rio	do Estirão	LP	Dimensiotopônimo	Simple
igarapé	do Felipe	LP	Antropotopônimo	Simple
rio	do Galo	LP	Zootopônimo	Simple
igarapé	do Horror	LP	Animotopônimo	Simple
igarapé	do Horror	LP	Animotopônimo	Simple
lago	do Jadoel	LP	Antropotopônimo	Simple
igarapé	do Jatinho	LP	Ergotopônimo	Simple
igarapé	do Jeju ⁴⁸	LT	Zootopônimo	Simple
igarapé	do Limoeiro	LP	Fitotopônimo	Simple
igarapé	do Marfim	LP	Litotopônimo	Simple
igarapé	do Mata-Pi ⁴⁹	LT	Ergotopônimo	Simple
igarapé	do Mateus	LP	Antropotopônimo	Simple
igarapé	do Meio	LP	Cardinotopônimo	Simple
rio	do Meio	LP	Cardinotopônimo	Simple
rio	do Meio	LP	Cardinotopônimo	Simple
rio	do Meio	LP	Cardinotopônimo	Simple

⁴⁶ ACAJÁ, cajá = fruto da cajazeira. (GREGÓRIO, 1980, p. 342).

⁴⁷ [Do tupi, 'folha delgada'.] (Aurélio Online) + Açu.

⁴⁸ JEJU 1. Bras. Zool. Peixe teleosteo, caraciforme, caracídeo (*Hoplerthrinus unitaeniatus*), dos rios Amazonas, Paraguai e São Francisco, de coloração semelhante à da traíra, com faixa preta ao longo da linha lateral, e comprimento de até 30cm. É carnívoro e pode resistir por longo tempo à escassez de oxigênio e à dessecação. [Sin.: traíra-pixuna, traíra-pixúria, jiju.] (Aurélio Online).

⁴⁹ MATAPI *sm* (tupi *matapi*) Covo, oblongo ou cônico, feito de jacita e com abertura na base. (MICHAELIS, 1997, p. 1334).

rio	do Meio	LP	Cardinotopônimo	Simple
igarapé	do Meio	LP	Cardinotopônimo	Simple
igarapé	do Olaria	LP	Sociotopônimo	Simple
igarapé	do Olho-d'Água	LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
rio	do Pacheco	LP	Antropotopônimo	Simple
lago	do Palmeiral	LP	Fitotopônimo	Simple
lago	do Pau d'arco	LP+LP	Fitotopônimo	Composto
igarapé	do Pilão	LP	Ergotopônimo	Simple
rio	do Poção	LP	Hidrotopônimo	Simple
igarapé	do Pôr do Sol	LP+LP	Meteorotopônimo	Composto
igarapé	do Pôr do Sol	LP	Geomorfotopônimo	Simple
laguinho	do Sabino	LP	Etnotopônimo	Simple
igarapé	do Salvador	LP	Hierotopônimo	Simple
igarapé	do São Benedito	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
igarapé	do Sapo	LP	Zootopônimo	Simple
rio	do Serraria	LP	Sociotopônimo	Simple
lago	do Silveira	LP	Antropotopônimo	Simple
lago	do Silveira	LP	Antropotopônimo	Simple
lagoa	do Sorocaba ⁵⁰	LT+LT	Geomorfotopônimo	Composto
rio	do Uruçu ⁵¹	LT+LT	Zootopônimo	Composto
igarapé	do Velho Bento	LP	Cronotopônimo	Composto
rio	do Vivo	LP	Animotopônimo	<u>Simple</u>
lago	dos Patos	LP	Zootopônimo	Simple
lago	dos Paus	LP	Fitotopônimo	Simple
lagoa	dos Peixes	LP	Zootopônimo	Simple
lagoa	dos veados	LP	Zootopônimo	Simple
igarapé	Duas Irmãs	LP	Númerotopônimo	Composto
rio	Emprensa	LP	Sociotopônimo	Simple
igarapé	Faviana	LP	Antropotopônimo	Simple
lago	Feio	LP	Animotopônimo	Simple
rio	Filadélfia	LP	Corotopônimo	Simple
lago	Fogoso	LP	Animotopônimo	Simple
rio	Fortaleza	LP	Corotopônimo	Simple
rio	Fula	LP	Animotopônimo	Simple
rio	Fundo	LP	Dimensiotopônimo	Simple
lago	Galego	LP	Hagiotopônimo	Simple
igarapé	Goiabal	LP	Fitotopônimo	Simple
rio	Grajaú ⁵²	LT+LT	Zootopônimo	Composto
rio	Grajaú	LT+LT	Zootopônimo	Composto

⁵⁰ SOROCABA (çoroca+aba) = ruptura rasgão (em topografia); (GREGÓRIO, 1980, p. 606).

⁵¹ URUÇU (uru+uçu) = galinha ou (irá+uçu) = gavião real grande (GREGÓRIO, 1980, p. 1208).

⁵² GRAJAÚ (guajá+u) = rio dos caranguejos; nome de tribo indígena e planta. (GREGÓRIO, 1980, p. 713).

lago	Grajaú	LT+LT	Zootopônimo	Composto
rio	Grajaú	LT+LT	Zootopônimo	Composto
igarapé	Grande	LP	Dimensiotopônimo	Simple
rio	Grande	LP	Dimensiotopônimo	Simple
igarapé	Grande	LP	Dimensiotopônimo	Simple
rio	Grande	LP	Dimensiotopônimo	Simple
rio	Grande	LP	Dimensiotopônimo	Simple
rio	Grande	LP	Dimensiotopônimo	Simple
rio	Grande	LP	Dimensiotopônimo	Simple
lago	Grande de Tranqueira	LP+LP	Dimensiotopônimo	Composto
Lago	Grande de Tranqueira	LP+LP	Dimensiotopônimo	Composto
rio	Grota Grande	LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
rio	Igarapé-Açu	LT	Hidrotopônimo	Composto
igarapé	Inferno	LP	Hidrotopônimo	Simple
lago	Intã ⁵³	LT	Litotopônimo	Simple
igarapé	Ipiranga ⁵⁴	LT	Hidrotopônimo	Composto
igarapé	Ipixuna ⁵⁵	LT	Hidrotopônimo	Composto
igarapé	Ipixuna	LT	Hidrotopônimo	Composto
lago	Ipixuna	LT	Hidrotopônimo	Composto
rio	Italiano	LP	Etnotopônimo	Simple
lago	Jacarei	LT	Hidrotopônimo	Composto
igarapé	Jarna	NE	NC	NC
lago	Jatobá ⁵⁶	LT	Fitotopônimo	Composto
lago	Jejuí ⁵⁷	LT	Fitotopônimo	Composto
lago	Jiquiri do Meio ⁵⁸	LT+LP	Fitotopônimo	Composto
igarapé	Junduaba	NE	NC	NC
rio	Juraraitá	NE	NC	NC
lagoa	Laranjal	LP	Fitotopônimo	Simple
igarapé	Limoeiro ou Crauaçu	LP	Fitotopônimo	Simple
igarapé	Lontra	LP	Zootopônimo	Simple
lago	Mal Assombrado	LP+LP	Animotopônimo	Composto
rio	Manival	LT+LP	Fitotopônimo	Simple híbrido

⁵³ ITÃ = pedra, rocha; ferro, metal. (GREGÓRIO, 1980, p. 759).

⁵⁴ Ipiranga (y + piranga) = rio vermelho. (GREGÓRIO, 1980, p. 1243).

⁵⁵ IPIXUNA (y + pixuna, brasileiro) = água escura, rio preto (GREGÓRIO, 1980, p. 1244).

⁵⁶ JATOBÁ (já+atã+oba) = o que tem casca dura, rugosa, espessa; árvore da família das Cesal pináceas, de casca medicinal; contra diarreia, disenteria e usada no tratamento de doenças de bexiga (cistites); a resina tem ação balsâmica, indicada nas tosses, asma, etc. (GREGÓRIO, 1980, p. 816).

⁵⁷ JEJUÍ (MA). De îeîu + 'y: jiju, jeju, var. de peixes. (NAVARRO, 2013, p. 581).

⁵⁸ YUKI'RI planta da família das leguminosas, em que o el. Inicial é *yu* 'espinho'; *adp. tb. ao port.* Jiquiri, jucuri, juqueri, xuqueri; (HOUAISS, 2001, p. 1692).

lago	Maracaçumé ⁵⁹	LT	Ergotopônimo	Composto
rio	Maracu ⁶⁰	LT	Hidrotopônimo	Composto
rio	Marajá ⁶¹	LT	Fitotopônimo	Simple
igarapé	Marcolino	LP	Antropotopônimo	Simple
lago	Marimba	LP	Ergotopônimo	Simple
rio	Mearim ⁶²	LT	Sociotopônimo	Composto
rio	Mearim	LT	Sociotopônimo	Composto
rio	Mearim	LT	Sociotopônimo	Composto
igarapé	Novo	LP	Cronotopônimo	Simple
lago	Novo	LP	Cronotopônimo	Simple
igarapé	o Bate-estaca	LP	Dirrematopônimo	Composto
rio	Pacheco	LP	Antropotopônimo	Simple
rio	Pacová ⁶³	LT	Fitotopônimo	Simple
igarapé	Paraqueú	NE	NC	NC
igarapé	Paraqueuzinho	NE	NC	NC
lago	Pedrinhas	LP	Litotopônimo	Simple
rio	Pericumã	LT	Fitotopônimo	Composto
rio	Pericumã	LT	Fitotopônimo	Composto
rio	Pericumã	LT	Fitotopônimo	Composto
rio	Peri-Mirim ⁶⁴	LT	Fitotopônimo	Composto
rio	Pimenta	LP	Fitotopônimo	Simple
rio	Pindaré ⁶⁵	LT	Etnotopônimo	Simple
rio	Pindaré	LT	Etnotopônimo	Simple
rio	Pindaré Mirim	LT	Etnotopônimo	Composto
rio	Pindaré Mirim	LT	Etnotopônimo	Composto
rio	Pindaré-mirim	LT	Etnotopônimo	Composto
rio	Pindova ⁶⁶	LT	Fitotopônimo	Simple
rio	Pindova	LT	Fitotopônimo	Simple
rio	Pindoval	LT	Fitotopônimo	Simple híbrido
lago	Porno-Açu	LP+LT	Ergotopônimo	Composto híbrido
igarapé	Prequeú	NE	NC	NC
igarapé	Quirinzal	LT	Fitotopônimo	Simple híbrido
rio	Rafael	LP	Antropotopônimo	Simple

⁵⁹ maracaçumé (maracá + Sumé) = o sino de Sumé (Tomé, ver sumé) (GREGÓRIO, 1980, p. 895).

⁶⁰ MARACU - alt. de mbará-cu, pará-cu, língua de mar, pequeno pântano formado próximo às praias, pela invasão das águas do mar. (TIBIRIÇA, 1985, p. 83).

⁶¹ MARAJÁ: nome de palmeira do gênero *Bactris*, chamada ainda *tcumã*; (GREGÓRIO, 1980, p. 899).

⁶² MEARIM - (...) mbiar-y, rio da caça. (TIBIRIÇA, 1985, p. 86).

⁶³ PACOBA, pacova, pacob (guarani) = banana-do-brejo; bananeira; sinônimo de palerma. (GREGÓRIO, 1980, p. 991).

⁶⁴ Peri, pery, piri=junco (GREGÓRIO, 1980, p.1066).

⁶⁵ pindaré: nome de tribo indígena do Maranhão: (GREGÓRIO, 1980, p.1040).

⁶⁶ PINDOBA, pindó (guarani) = palma, palmeira (GREGÓRIO, 1980, p. 1041).

lago	Redondo	LP	Morfotopônimo	Simples
rio	Ribeirão	LP	Hidrotopônimo	Simples
igarapé	Santa Cruz	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
lago	Santa Maria	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
rio	Santa Rita	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
rio	Santa Rosa	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
Lago	Santa Rosa	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
rio	Santo Antônio	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
rio	Santo Antônio	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
rio	São Caetano	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
rio	São Miguel	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
lago	Seco	LP	Dimensiotopônimo	Simples
rio	Sem Pindova	LP+ LT	Dirrematopônimo	Composto híbrido
igarapé	Serraria	LP	Sociotopônimo	Simples
igarapé	Soledade	LP	Animotopônimo	Simples
igarapé	Sorocaba ⁶⁷	LT	Geomorfotopônimo	Composto
lago	Sumaúma ⁶⁸	LT	Fitotopônimo	Simples
igarapé	Trepador	LP	Sociotopônimo	Simples
igarapé	Troita	NE	NC	NC
rio	Uru ⁶⁹	LT	Zootopônimo	Simples
igarapé	Urucurana ⁷⁰	LT	Fitotopônimo	Composto
igarapé	Urucurana	LT	Fitotopônimo	Composto
rio	Velha Joana	LP+LP	Cronotopônimo	Composto
igarapé	Velho	LP	Cronotopônimo	Simples
lago	Verde	LP	Cromotopônimo	Simples
rio	Vitória	LP	Animotopônimo	Simples

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 6: Hidrônimos dos municípios da microrregião Itapecuru Mirim coletados nos mapas dos IBGE (2010)

Elemento geográfico	Hidrônimo	Língua de Origem	Taxionomia	Estrutura morfológica
riacho	Angical ⁷¹	LT +LP	Fitotopônimo	Simples Híbrido
Lagoa	Bonita	LP	Animotopônimo eufórico	Simples

⁶⁷ sorocaba (çoroca+aba) = ruptura rasgão (em topografia); (GREGÓRIO, 1980, p. 606).

⁶⁸ Bras. Amaz. Guin. Bot. Árvore gigantesca, da família das bombacáceas (*Ceiba pentandra*), das florestas inundáveis, de tronco imenso e com raízes tubulares, folhas com cinco a sete folíolos oblongos, e flores alvas, vistosas e fasciculadas. As cápsulas estão cheias de paina, que serve para fazer salva-vidas. Com a madeira, branca e leve, fabricam-se caixotes, brinquedos e jangadas. [Var.: *samaúma*. Sin.: *sumaúma-da-várzea*, *sumaumeira*.] (Aurélio online).

⁶⁹ URU: nome comum a galináceos; ave da família dos Odontofídeos: (GREGÓRIO, 1980, p. 1204).

⁷⁰ urucurana (urucu+rana) = semelhante ao urucu; grande árvore da família das Euforbiáceas; seiva cor de sangue; madeira usada pelos índios para tirar fogo; licurana. (GREGÓRIO, 1980, p. 1214).

⁷¹ Angico (...) alt. de anjyca(...) ang(g) e jynca, literalmente designaria: árvore fibrosa, resistente. (TIBIRIÇA, 1985, p.157).

riacho	Cachimbo	LP	Ergotopônimo	Simple
igarapé	Cantagalo	LP	Dirrematopônimo	Simple
riacho	Cantagalo	LP	Dirrematopônimo	Simple
igarapé	Carema	LP	Cronotopônimo	Simple
igarapé	Companhia	LP	Animotopônimo	Simple
igarapé	Cova	LP	Ergotopônimo	Simple
riacho	Cruz Velha	LP	Hierotopônimo	Simple
rio	da Água Fria	LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
riacho	da Carnaubinha	LT +LP	Fitotopônimo	Simple híbrido
riacho	da Cruz	LP	Hierotopônimos	Simple
riacho	da Demora	LP	Animotopônimo	Simple
riacho	da Estiva	LP	Sociotopônimo	Simple
riacho	da Gangorra	LP	Ergotopônimo	Simple
igarapé	da Mata	LP	Fitotopônimo	Simple
riacho	da Melancia	LP	Fitotopônimo	Simple
lagoa	da Olaria	LP	Sociotopônimo	Simple
riacho	da Ponte	LP	Hodotopônimo	Simple
riacho	da Santa Rosa	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
riacho	da Santa Rosa	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
riacho	da Tapera ⁷²	LT	Ecotopônimo	Composto
riacho	das Balsas	LP	Ergotopônimo	Simple
riacho	das Cajazeiras	LT +LP	Fitotopônimo	Simple
riacho	das Palmeiras	LP	Fitotopônimo	Simple
riacho	das Palmeiras	LP	Fitotopônimo	Simple
igarapé	de Pedra	LP	Litotopônimo	Simple
riachão	do Abel	LP	Antropotopônimo	Simple
riacho	do Bacabal ⁷³	LT+LP	Fitotopônimo	Simple híbrido
igarapé	do Boi	LP	Zootopônimo	Simple
igarapé	do Bom Galho	LP+LP	Animotopônimo	Composto
lagoa	do Bom Galho	LP+LP	Animotopônimo	Composto
igarapé	do Cocal	LP	Fitotopônimo	Simple
riacho	do Jacazeiro	LP	Sociotopônimo	Simple
igarapé	do Leão	LP	Zootopônimo	Simple
riacho	do Leão	LP	Zootopônimo	Simple
riacho	do Leão	LP	Zootopônimo	Simple
riacho	do Marimbondo	LP	Zootopônimo	Simple
riacho	do Mata Moleque	LP+LP	Dirrematopônimo	Composto

⁷² tapera, (gurani), tapuera (taba + puera) = o que foi aldeia, ruína; casa; engenho, fazenda, núcleos de povoamento abandonados ou em via de desmoroamento; nome de vários topônimos brasileiros e de cidade do Rio Grande do Sul, Zona de Planalto Médio. (GREGÓRIO, p.1136, 1980).

⁷³ bacabal = grande quantidade de bacaba (coco); nome de cidade do Maranhão, na Zona do baixo Mearim. (GREGÓRIO, p.1267, 1980).

igarapé	do Meio	LP	Cardinotopônimo	Simple
riacho	do Mocambo	LP	Ecotopônimo	Simple
riacho	do Mocambo	LP	Ecotopônimo	Simple
riacho	do Mocambo	LP	Ecotopônimo	Simple
riacho	do Mouzinho	LP	Antropotopônimo	Simple
Riacho	do Parazinho	LT +LP	Hidrotopônimo	Simple
Riachão	do Venceslau	LP	Antropotopônimo	Simple
riacho	Dom Quer	LP	Dirrematopônimo	Composto
igarapé	Dona Joana	LP	Dirrematopônimo	Composto
igarapé	dos Barros	LP	Litotopônimo	Simple
riacho	dos Poços	LP	Hidrotopônimo	Simple
riacho	dos Remédios	LP	Hagiotopônimo	Simple
riacho	Estiva	LP	Sociotopônimo	Simple
riacho	Faveira	LP	Fitotopônimo	Simple
igarapé	Fecheira	NE	NC	NC
riacho	Forte	LP	Animotopônimo	Simple
igarapé	Fugido	LP	Animotopônimo	Simple
igarapé	Fundo	LP	Dimensiotopônimo	Simple
riacho	Fundo	LP	Dimensiotopônimo	Simple
Lagoa	Grande	LP	Dimensiotopônimo	Simple
rio	Guará	LT	Zootopônimo	Simple
igarapé	Guarila	NE	NC	NC
riacho	Iguará	LT	Hidrotopônimo	Composto
igarapé	Ipiranga	LT	Hidrotopônimo	Composto
rio	Itapecuru ⁷⁴	LT	Litotopônimo	Composto
rio	Itapecuru	LT	Litotopônimo	Composto
rio	Itapecuru	LT	Litotopônimo	Composto
igarapé	Itapecuruzinho	LT	Litotopônimo	Composto
riacho	Jabuti	LT	Zootopônimo	Composto
riacho	Juçaral	LT	Fitotopônimo	Simple híbrido
igarapé	Jundiaí ⁷⁵	LT	Zootopônimo	Composto
igarapé	Jundiaí	LT	Zootopônimo	Composto
igarapé	Maniva ⁷⁶	LT	Fitotopônimo	Simple
igarapé	Mocambo	LP	Ecotopônimo	Simple
igarapé	Morada Nova	LP	Ecotopônimo	Composto
rio	Munim ⁷⁷	LT	Animotopônimo	Simple
rio	Munim	LT	Animotopônimo	Simple

⁷⁴ Taboucourou - rivièrre – Itapicuru, na topônimia atual. Nas cônicas e mapas se escreve variamente: Tapicuru, Tapucuru, Itapocuru, Itapicuru, etc. [...] pode derivar de itapé, pedra chata, laje, e curu, cascalho, seixo, esprimindo seixos de laje [...]. (D'ABBEVILLE, 2008, p. 180) (Notas do tradutor).

⁷⁵ jundiaí (jundiá +y) = rio dos jundiás (GREGÓRIOS, 1980, p.848).

⁷⁶ Maniva (RJ). De mani'yba, var. de mandioca. (NAVARRO, 2013, p. 585).

⁷⁷ Munim: Monim, Enrugar, encrespar, escolher. (BORDONI, s/d, p. 399).

rio	Munim	LT	Animotopônimo	Simple
riacho	Murici ⁷⁸	LT	Fitotopônimo	Simple
igarapé	Pacas ⁷⁹	LT	Zootopônimos	Simple
igarapé	Passarinha	LP+LP	Zootopônimo	Simple
riacho	Paulica	LP	Fitotopônimo	Simple
riacho	Paulica	LP	Fitotopônimo	Simple
rio	Peritoró ⁸⁰	LT	Hidrotopônimo	Composto
rio	Peritoró	LT	Hidrotopônimo	Composto
igarapé	Picadinha	LP	Hodotopônimo	Simple
rio	Pirapemas ⁸¹	LT	Zootopônimo	Composto
igarapé	Pitomba ⁸²	LT	Fitotopônimo	Simple
igarapé	Poço da Onça	LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
riacho	Poço de Pedra	LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
igarapé	Ponte Grande	LP+LP	Hodotopônimo	Composto
igarapé	Ponte Grande	LP+LP	Hodotopônimo	Composto
rio	Preto	LP	Cromotopônimo	Simple
igarapé	Quebra-coco	LP+LP	Dirrematopônimo	Composto
igarapé	Quebra	LP	Animotopônimo	Simple
igarapé	Riachão	LP	Hidrotopônimo	Simple
rio	Riachão	LP	Hidrotopônimo	Simple
rio	Santa Bárbara	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
riacho	São José	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
riacho	São José	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
igarapé	São Raimundo	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
lagoa	Seca	LP	Dimensiotopônimo	Simple
lagoa	Seca	LP	Dimensiotopônimo	Simple
riacho	Soldado	LP	Sociotopônimo	Simple
rio	Tapuio ⁸³	LT	Etnotopônimo	Simple
riacho	Tuíca	LP	Antropotopônimo	Simple
igarapé	Vaca Branca	LP+LP	Zootopônimo	Composto

Fonte: Elaborado pelo autor.

⁷⁸ murisi (s.) MURICI, MURICI, 1) nome comum a várias árvores e arbustos do cerrado brasileiro, da família das malpigiáceas do gênero *Byrsonima*, de fruto comestível e propriedades medicinais. (NAVARRO, 2013, p.319).

⁷⁹ PACA = o que é ágil, esperto, mamífero roedor, caça estimada: (GREGÓRIO, 1980, p. 986).

⁸⁰ PERITORÓ - (...); de piri-tororó, brejo barulhento, brejo tronitroante (com o cantar de rãs e grilos) (TIBIRIÇÁ, 1985, p.95).

⁸¹ PIRAPEMA (pirá+pema) peixe fluvial (GREGÓRIO, 1980, p.1058).

⁸² PITOMA, pitomba = fruto da pitombeira (GREGÓRIO, 1980, p.1069).

⁸³ TAPUIA = escravo (Anchieta), gentio; bárbaro (...) índios que não falavam tupi (GREGÓRIO, 1980, p. 1254).

Quadro 7: Hidrônimos dos municípios da microrregião Lençóis Maranhenses coletados nos mapas dos IBGE (2010)

Elemento geográfico	Hidrônimo	Língua de Origem	Taxionomia	Estrutura morfológica
riacho	Acauã ⁸⁴	LT	Zootopônimo	Simple
riacho	Achuí ⁸⁵	LT	Zootopônimo	Composto
riacho	Água Fria	LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
riacho	Água Rica	LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
riacho	Água Rica	LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
igarapé	Água-pé	LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
igarapé	Alagoinha	LP	Hidrotopônimo	Simple
rio	Alegre	LP	Animotopônimo	Simple
riacho	Angelim	LP	Fitotopônimo	Simple
riacho	Araras ⁸⁶	LT	Zootopônimo	Composto
rio	Axuí ⁸⁷	LT	Zootopônimo	Composto
rio	Bacaba ⁸⁸	LT	Fitotopônimo	Composto
rio	Bacabinha	LT +LP	Fitotopônimo	Simple híbrido
riacho	Baixa do Cavalo	LP	Geomorfotopônimo	Composto
riacho	Baixa Funda	LP+LP	Geomorfotopônimo	Composto
riacho	Baixa Seca	LP+LP	Geomorfotopônimo	Composto
riacho	Baixão do Buritizal	LP+LT+LP	Geomorfotopônimo	Composto híbrido
riacho	Baixão do Cocal	LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
rio	Barro Duro	LP+LP	Litotopônimo	Composto
rio	Bom Gosto	LP+LP	Animotopônimo	Composto
riacho	Bom Pastor	LP+LP	Animotopônimo	Composto
riacho	Buriti ⁸⁹	LT	Fitotopônimo	Composto
riacho	Cabeceira	LP	Hidrotopônimo	Simple
lagoa	Caetes ⁹⁰	LT	Etnotopônimo	Simple
lagoa	Caetés	LT	Etnotopônimo	Simple

⁸⁴ ACAUÃ, cauan, uacuan, macauã, macaá = vocábulo onomatopaico; espécie de gavião que come cobras; é lendário e supersticioso, fato já registrado pelos cronistas do Brasil: Yves D'Evreux, Jean de Léry, Gabriel Soares de Sousa, etc. (GREGÓRIO, 1980, p.359).

⁸⁵ ACHUÍ (pov., i, ig., r.) - A + chuii, chuí (o segundo elemento é onomatopeia) o passarinho + água, água ou rio do passarinho. A+ chui, xui + y/ abelha + água), água ou rio da exú -?- ACHUÍ DE FORA (pov.), (r.), ACHUÍ GRANDE (pov.) (LOPES, 1947, p.17).

⁸⁶ arara (ará + ará) = aumentativo; voz onomatopaica; (GREGÓRIO, p.444, 1980).

⁸⁷ Ver Achuí.

⁸⁸ bacaba (ybá + caba = gordura) = fruto carnudo e polposo da bacabeira, nome de palmeira do Amazonas, rival do açaí, a bacaba ou bacabeira. (GREGÓRIO, p.1266, 1980).

⁸⁹ Buriti, meriti, miriti (mburi+t'y)= buri que solta líquido (GREGÓRIO, 1980, p.933).

⁹⁰ caetés: nome de tribo tupi, primitivamente habitado o litoral brasileiro compreendido entre o Rio São Francisco e Paraíba no Norte; nome de cidade de Pernambuco, Zona do Agreste. (GREGÓRIO, 1980, p.499).

rio	Cajazeiras ⁹¹	LT +LP	Fitotopônimo	Simple
riacho	Cancela	LP	Ergotopônimo	Simple
rio	Cangatã ⁹²	LT+LT	Zootopônimo	Composto
rio	Cangatã	LT+LT	Zootopônimo	Composto
riacho	Canudos	LP	Ergotopônimo	Simple
rio	Caquira ⁹³	LT	Fitotopônimo	Composto
rio	Carrapato	LP	Zootopônimo	Simple
igarapé	Carnaubeira ⁹⁴	LT+LT	Fitotopônimo	Composto
rio	Carrapato	LP	Zootopônimo	Simple
riacho	Centro Velho	LP+LP	Dimensiotopônimo	Composto
riacho	Centro Velho	LP+LP	Dimensiotopônimo	Composto
rio	Cocal	LP	Fitotopônimo	Simple
rio	Cocal	LP	Fitotopônimo	Simple
riacho	Coroatã ⁹⁵	LT+LT	Fitotopônimo	Composto
igarapé	da Areinha	LP	Litotopônimo	Simple
barra	da Baleia	LP	Zootopônimo	Simple
riacho	da Barrinha	LP	Geomorfotopônimo	Simple
riacho	da Boneca	LP	Ergotopônimo	Simple
córrego	da Chapada do Meio	LP+LP	Geomorfotopônimo	Composto
lagoa	da Colher	LP	Ergotopônimo	Simple
rio	da Fome ou da Formiga	LP	Animotopônimo/Zootopônimo	Simple
rio	da Fome ou da Formiga	LP	Animotopônimo/Zootopônimo	Simple
riacho	da Grota	LP	Hidrotopônimo	Simple
riacho	da Mangueira	LP	Fitotopônimo	Simple
riacho	da Mata	LP	Fitotopônimo	Simple
riacho	da Mata	LP	Fitotopônimo	Simple
riacho	da Mata	LP	Fitotopônimo	Simple

⁹¹ cajazeira: nome de árvore da família das Anacardiáceas, chamada ainda cajá-mirim; fruto meio ácido, comestível, de que se faz apreciado doce e "vinho de taperebá", impropriamente falando. (GREGÓRIO, 1980, p.343).

⁹² Cangatã (...) m.q. *GUARIJUBA* (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 598) gurijuba (Güri+juba) = bagre amarelo, espécie de peixe do mar, da família dos Silurídeos; na época da desova adentra os rios e é base da alimentação ribeirinhas; (GREGÓRIO, 1980, p.735).

⁹³ Caquera, Caqueira (1) - Caá + Ker (mato, erva + dormir) dormideira; caquera, planta de casca medicinal. *Cassia cerifera*, *Cassia bicapsularis*, Lin. Cô + euera, quera (roça + que foi) roça velha, abandonada (1) (LOPES, 1950, p. 89).

⁹⁴ CARNAUBA (...) de caraná-yba, nome do tupi da carnaubeira. (TIBIRIÇÁ, 1985, p.40).

⁹⁵ caraguatã, craguatã, coroatã, gravatã (cara + guatã) = rizoma que rasteja; bromeliácea, uma das plantas mais características da floresta tropical brasileira; das 1.600 espécies conhecidas, cerca de mil são nativas do Brasil; não são parasitas, como supostos à primeira vista, mas sim epífitas; o fato de as suas folhas serem embainhadas e reterem água da chuva e por isso focos de mosquitos (malária) e insetos que constituem atrativos para rãs e sapos e, atrás deles as cobras; o povo teme em geral as bromeliáceas como plantas que dá cobra: (GREGÓRIO, 1980, p.560-561).

baixa	da Oiticica ⁹⁶	LT+LT	Fitotopônimo	Composto
riacho	da Onça	LP	Zootopônimo	Simple
riacho	da Ponte	LP	Hodotopônimo	Simple
riacho	da Prata	LP	Litotopônimo	Simple
rio	da Ribeira	LP	Hidrotopônimo	Simple
rio	da Ribeira	LP	Hidrotopônimo	Simple
riacho	da Santa Clara	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
riacho	da Tiúba ⁹⁷	LT	Zootopônimo	Simple
riacho	das Cacimbas	LP	Hidrotopônimo	Simple
rio	das Carneiras	LP	Zootopônimo	Simple
riacho	das Cotias ⁹⁸	LT	Zootopônimo	Simple
riacho	das Cotias	LT	Zootopônimo	Simple
igarapé	das Ovelhas	LP	Zootopônimo	Simple
riacho	das Pacas ⁹⁹	LT	Zootopônimo	Simple
rio	das Pedras	LP	Litotopônimo	Simple
rio	das Pedras	LP	Litotopônimo	Simple
riacho	das Tabocas ¹⁰⁰	LT+LT	Fitotopônimo	Composto
riacho	Dendê	LP	Fitotopônimo	Simple
rio	do Alegre	LP	Animotopônimo	Simple
igarapé	do Alexandre Antônio	LP	Antropotopônimo	Composto
lagoa	do Anil	LP	Cromotopônimo	Simple
lagoa	do Arapuã ¹⁰¹	LT+LT	Zootopônimo	Composto
igarapé	do Boiador	LP	Sociotopônimo	Simple
lagoa	do Bonzinho	LP	Animotopônimo	Simple
riacho	do Bosque	LP	Sociotopônimo	Simple
riacho	do Braçinho	LP	Somatotopônimo	Composto
riacho	do Braço	LP	Somatotopônimo	Simple
lagoa	do Caçó ¹⁰²	LT	Fitotopônimo	Composto
riacho	do Cambota	LP	Somatopônimo	Simple
igarapé	do Campo Novo	LP	Geomorfotopônimo	Composto

⁹⁶ Oiticica (Güiti + ycyca = resina) = oiti resinoso; nome de árvore de grande porte, nome de vila do Ceará, Município de Crateús. (GREGÓRIO, 1980, p.736).

⁹⁷ tiúba, tiúva, teúba ou vavá: abelha rajada, grande; dá no oco de pau, mel excelente; etc. (GREGÓRIO, 1980, p.1136).

⁹⁸ ACUTI = cutia, aguti; roedor da família dos Cavídeos (GREGÓRIO, 1980, p. 362).

⁹⁹ PACA = o que é ágil, esperto, mamífero roedor, caça estimada: (Gregório, 1980, p.986).

¹⁰⁰ taboca (tá+b'oca)= haste furada; taboca (GREGÓRIO, 1980, p.1127).

¹⁰¹ Arapuã [Var. de irapuã.] (Aurélio online) Irapuã 1. Bras. Zool. Abelha melipônida, meliponídea (*Trigona ruficus*), preta reluzente com pernas ocre-escuras, asas escuras com reflexos violáceos na base e mais claras nas pontas. É agressiva, produz mel de sabor desagradável, e constrói o ninho dependurado nas árvores. [Var.: arapuá, arapuã, irapuã. Sin.: abelha-cachorro, abelha-de-cachorro, mel-de-cachorro.] (Aurélio online).

¹⁰² CAÇÓ (lg., pov.) - caá + çoó (mato +velho) mato velho, mata antiga. Caá + cuera era (mato + sufixos para formação do plural os matos). (LOPES, 1950, p. 80).

igarapé	do Capim ¹⁰³	LT	Fitotopônimo	Simple
igarapé	do Carnalbal	LT+LP	Fitotopônimo	Composto
rio	do Cedro	LP	Fitotopônimo	Simple
riacho	do Cedro	LP	Fitotopônimo	Simple
riacho	do Centro Velho	LP+LP	Cardinotopônimo	Composto
rio	do Coqueiro	LP	Fitotopônimo	Simple
igarapé	do Curalinho	LP	Zootopônimo	Simple
lagoa	do Gengibre	LP	Fitotopônimo	Simple
riacho	do Gengibre	LP	Fitotopônimo	Simple
riacho	do Guarimã ¹⁰⁴	LT	Fitotopônimo	Simple
riacho	do Jacu ¹⁰⁵	LT	Zootopônimo	Simple
riacho	do Macaco	LP	Zootopônimo	Simple
riacho	do Mamuí ¹⁰⁶	LT	Fitotopônimo	Simple
riacho	do Mangal	LP	Fitotopônimo	Simple
riacho	do Manoelzinho	LP	Antrotopônimo	Simple
riacho	do Meio	LP	Cardinotopônimo	Simple
rio	do Meio	LP	Cardinotopônimo	Simple
riacho	do Meio	LP	Cardinotopônimo	Simple
riacho	do Meio	LP	Cardinotopônimo	Simple
lagoa	do Mocambo	LP	Ecotopônimo	Simple
baixão	do Móia ¹⁰⁷	LT	Zootopônimo	Simple
igarapé	do Papagaio	LP	Zootopônimo	Simple
rio	do Papagaio	LP	Zootopônimo	Simple
riacho	do Pirunga	LP	Fitotopônimo	Simple
riacho	do Poção	LP	Hidrotopônimo	Simple
igarapé	do Pontal	LP	Morfotopônimo	Simple
barra	do Pretinho	LP	Cromotopônimo	Simple
riacho	do Rodeador	LP	Sociotopônimo	Simple
riacho	do Santo Hilário	LP	Hagiotopônimo	Composto
rio	do Santo Inácio	LP	Hagiotopônimo	Composto
riacho	do São José	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
riacho	do Satuba ¹⁰⁸	LT	Zootopônimo	Composto
riacho	do Simplício	LP	Antrôtopônimo	Simple

¹⁰³ [Do tupi, 'folha delgada'.] (Aurélio Online) + Açú.

¹⁰⁴ ARUMÃ, guarumã: espécie de gramínea grande parecida com taquara, mas oca, chamada ainda caniço; serve para o fabrico de peneiras, caniças ou esteiras de carro de bois. (GREGÓRIO, 1980, p. 465).

¹⁰⁵ Jacu 1.Zool. Designação comum a várias aves galiformes, cracídeas, gênero Penelope, freqüentes nas matas primitivas do Brasil. Alimentam-se, sobretudo, de frutas e folhas. (Aurélio online).

¹⁰⁶ louro-mamuí (...) árvore de até 12m (*Ocotea barcelensis*) da fam. Das lauráceas, nativa do Brasil (AMAZ), com casca da qual se extrai óleo volátil, us. Para substituir querosene, folhas elípticas, pequeninas flores em panículas, e bagas subglobosas. (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1786).

¹⁰⁷ Móia 1.Bras. Zool. V. bóia2. [Cf. moia, s. f., e moía, do v. moer.] / bóia [Do tupi (v. mbóia).] (Aurélio Online) mbóia = cobra.

¹⁰⁸ Lugar abundante de em içá. ((i) çá+tuba) (dicionário informal online).

igarapé	do Siribá ¹⁰⁹	LT	Fitotopônimo	Simple
riacho	do Sucuriú ¹¹⁰	LT	Zootopônimo	Simple
riacho	do Tamboril	LP	Ergotopônimo	Simple
barra	do Tatu ¹¹¹	LT	Zootopônimo	Composto
lagoa	do Urubu-rei ¹¹²	LT+LP	Zootopônimo	Composto híbrido
barra	dos Veados	LP	Zootopônimos	Simple
igarapé	Fato de Fora	LP+LP	Dirrematopônimo	Composto
rio	Flecheira Grande	LP	Ergotopônimo	Composto
baixa	Funda	LP	Dimensiotopônimo	Simple
igarapé	Galinha	LP	Zootopônimo	Simple
igarapé	Gatinho	LP	Zootopônimo	Simple
riacho	Giramundo	LP	Dirrematopônimo	Simple
rio	Gotas das Palmas	LP	Hidrotopônimo	Composto
igarapé	Grande	LP	Dimensiotopônimo	Simple
rio	Grande	LP	Dimensiotopônimo	Simple
rio	Grande	LP	Dimensiotopônimo	Simple
lagoa	Grande	LP	Dimensiotopônimo	Simple
rio	Grande	LP	Dimensiotopônimo	Simple
Rio	Guaribas	LT	Zootopônimo	Composto
igarapé	Igapó ¹¹³	LT	Hidrotopônimo	Simple
rio	Juçaral ¹¹⁴	LT	Fitotopônimo	Simple híbrido
rio	Juçaral	LT	Fitotopônimo	Simple híbrido
riacho	Lagoa Grande	LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
rio	Maçangano	LP	Ergotopônimo	Simple
rio	Mamorana ¹¹⁵	LT	Fitotopônimo	Composto
riacho	Mamorana	LT	Fitotopônimo	Composto
rio	Manazaro	NE	NC	NC
rio	Marciano	LP	Antropotopônimo	Simple
igarapé	Maruim ¹¹⁶	LT	Zootopônimo	Simple

¹⁰⁹ siribá, siribóia, siribuna, siricandé (siri-cadeia), siriri, siri-uma: espécies de peixes . (GREGÓRIO, 1980, p.591).

¹¹⁰ sukuriú (s.) -SCURI, SUCURIJU, SUCURIU, nome comum a certos répteis ofídios da família dos boídes (NAVARRO, 2007, p. 448).

¹¹¹ tatu (ta+tu) = casco encorpado, segundo Batista Caetano-7; nome de mamífero da família dos Dasipodídeos; (GREGÓRIO, 1980, p. 1132).

¹¹² urubu (uru + b'ũ) = galinha preta, ave negra da família dos catartídeos (GREGÓRIO, 1980, p.1205).

¹¹³ Igapó (yapó) = água que transborda (GREGÓRIO, 1980, p.1234).

¹¹⁴ JUÇARA - (...) de jyssara, nome de uma palmeira de onde se extrai o palmito. (TIBIRIÇÁ, 1895, p. 77).

¹¹⁵ Mamorana [Do tupi amazonense *mamao rana* < port. mamão + -rana.].Bras. Amaz. Árvore da família das bombacáceas (*Pachyra aquatica*), originária da Amaz., muito empregada na arborização de ruas, com folhas compostas e amplas, flores muito grandes, alvacentas e ricas em estames, e frutos grandes, cápsulas ferrugíneas. (Aurélio online).

¹¹⁶ Maruim (SE). De marigûi: *maruins, mariguís, meruís, biriguís*, insetos ceratopogonídeos. (NAVARRO, 2013, p. 586).

rio	Mirim ¹¹⁷	LT	Dimensiotopônimo	Simple
rio	Mirim	LT	Dimensiotopônimo	Simple
rio	Mirim	LT	Dimensiotopônimo	Simple
riacho	Mirinzal	LT	Fitotopônimo	Simple híbrido
riacho	Mirinzal	LT	Fitotopônimo	Simple híbrido
rio	Miritibinha	LT	Fitotopônimo	Simple híbrido
riacho	Mundo Novo	LP	Dirrematopônimo	Composto
riacho	Mutamba	LP	Fitotopônimo	Simple
rio	Negro	LP	Cromotopônimo	Simple
rio	Negro	LP	Cromotopônimo	Simple
rio	Novo	LP	Cronotopônimo	Simple
riacho	Palmeirinha	LP	Fitotopônimo	Simple
riacho	Passagem	LP	Hodotopônimo	Simple
riacho	Passagem do Canto	LP+LP	Hodotopônimo	Composto
riacho	Passagem do Gado	LP+LP	Hodotopônimo	Composto
riacho	Passagem Funda	LP+LP	Hodotopônimo	Composto
riacho	Pedro Reira	LP+LP	Antropotopônimo	Composto
rio	Pequi ¹¹⁸	LT	Fitotopônimos	Simple
rio	Periá ¹¹⁹	LT	Fitotopônimo	Simple
rio	Periá	LT	Fitotopônimo	Simple
rio	Porto de Areia	LP+LP	Geomorfotopônimo	Composto
rio	Preguiças ¹²⁰	LP	Zootopônimo	Simple
rio	Preguiças ou Rio Grande	LP	Zootopônimo / Hidrotopônimo	Simple/composto
rio	Queixada	LP	Zootopônimo	Simple
rio	Queixada	LP	Zootopônimo	Simple
igarapé	Raposa	LP	Zootopônimo	Simple
lagoa	Salgadinho	LP	Animotopônimo	Simple
riacho	Santa Luzia	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
lago	Santo Amaro	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
riacho	Santo Antônio	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
igarapé	São Bento	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
riacho	São Bento	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
riacho	São Bento	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
riacho	São Bento	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto

¹¹⁷ MIRIM, mirĩ, mini= pequeno, miúdo, pouco; adjetivo próprio para formar diminutivos: (GREGÓRIO, 1980, p. 942).

¹¹⁸ Pequi, Rib. do (BA). De peke'i, árvores caricaráceas.(NAVARRO, 2013, p. 591).

¹¹⁹ piriá s.m. ANGIOS m.q. AÇAI (Euterpe oleracea) (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2224).

¹²⁰ preguiça (...) 5.Bras. Zool. Designação comum aos mamíferos desdentados, bradipodídeos, arborícolas, de pelagem muito densa e longa, membros muito desenvolvidos e cauda rudimentar, assim chamados pela notável lentidão de seus movimentos. Entre os seus pêlos vivem carrapatos e microlepidópteros ou traças. [Sin., nesta acepç.: *aí, aigue* e (PA e MG) *cabeluda*.].

rio	São Bernardo	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
riacho	São Domingos	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
rio	São João	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
riacho	São José	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
rio	São Pedro	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
igarapé	Soturno	LP	Animotopônimo	simples
riacho	Sucurijú ¹²¹	LT	Fitotopônimo	Simple
rio	Sucurijú	LT	Fitotopônimo	Simple
lago	Tábua	LP	Ergotopônimo	Simple
riacho	Tangidor	LP	Sociotopônimo	Simple
riacho	Tucuns ¹²²	LT	Fitotopônimo	Simple
rio	Tutoiá Velha ¹²³	LT+LP	Dirrematotopônimo	Composto híbrido
riacho	Uriti	NE	NC	NC
riacho	Varginha	LP	Geomofotopônimo	Simple
igarapé	Velho	LP	Cronotopônimo	Simple

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 08: Hidrônimos dos municípios da microrregião Litoral Ocidental Maranhense coletados nos mapas dos IBGE (2010)

Elemento geográfico	Hidrônimo	Língua de Origem	Taxionomia	Estrutura morfológica
rio	Açu ¹²⁴	LT	Dimensiotopônimo	Simple
rio	Amasatuba ou Santa Cruz	LP	Hierotopônimo	Composto
igarapé	Andorin	LP	Fitotopônimo	Simple
rio	Arapiranga ¹²⁵	LT	Zootopônimo	Composto
rio	Ararapiranga	LT	Zootopônimo	Composto
rio	Aura ¹²⁶	LT	Zootopônimo	Simple
rio	Aura	LT	Zootopônimo	Simple
rio	Bacabal ¹²⁷	LT+LP	Fitotopônimo	Simple híbrido

¹²¹ sucurijú -2 = nome de árvore da família das Anacardiáceas (Amazônia) (GREGÓRIO, 1980, p. 662).

¹²² TUCÛ, tucum = variedade de palmeira, tuicum, ou tucumã, as folhas dão ótima fibra para cordas de arcos, quando preparadas com resina de cipó almécega; também as folhas são usadas no fabrico de chapéus. (GREGÓRIO, 1980, p. 1170).

¹²³ TUTOIA (tutoi, interjeição equivalente a - oh! Linda, que beleza! Mont.), segundo T. Sampaio-Id, pág. 295); nome de cidade do Maranhão na baía do mesmo nome; antiga aldeia dos índios tremembés, Tutóia dos Índios. (GREGÓRIO, p.1177, 1980).

¹²⁴ GUAÇU, açu, uçu (guarani e nheengatu), buçu, turuçu = grande (com substantivos) e muito (com verbos); grosso, largo; animal de vulto; guaçu = veado, no guarani. (GREGÓRIO, 1980, p.707).

¹²⁵ arapiranga (ará + piranga) = papagaio vermelho; nome de vila do município de Rio de Contas, Bahia. (GREGÓRIO, p.453, 1980).

¹²⁶ AURA (...) este topônimo não tem significado, salvo se for corruptela de aruá ou uruá, certo molusco de água doce do gênero Paludina. (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 26).

¹²⁷ bacabal = grande quantidade de bacaba (coco); nome de cidade do Maranhão, na Zona do baixo Mearim. (GREGÓRIO, 1980, p.1267).

rio	Bacurituba ¹²⁸	LT+LT	Fitotopônimo	Composto
igarapé	Baiacu-Açu ¹²⁹	LT+LT	Zootopônimo	Composto
igarapé	Barra do Calhau	LP	Geomorfotopônimo	Composto
rio	Bizal ¹³⁰	LT	Fitotopônimo	Composto híbrido
rio	Boa Vista	LP+LP	Animotopônimo	Composto
igarapé	Boca de Areia	LP+LP	Dirrematopônimo	Composto
igarapé	Braga	LP	Antropotopônimo	Simple
rio	Cabelo de Velha	LP+LP	Dirrematopônimo	Composto
igarapé	Caiuana	NE	NC	NC
igarapé	Cajapió ¹³¹	LT+LT	Fitotopônimo	Composto
igarapé	Cajual	LT+LT+ LP	Fitotopônimo	Composto
barra	Calhau	LP	Litotopônimo	Simple
furo	Capexá	NE	NC	NC
igarapé	Carnaubal	LT+LP	Fitotopônimo	Simple híbrido
igarapé	Castelo	LP	Ecotopônimo	Simple
rio	Cepuba	NE	NC	NC
igarapé	Chapada do Sol	LP	Geomorfotopônimo	Composto
Lagoa	Comprida	LP	Dimensiotopônimo	Simple
igarapé	Comum	LP	Animotopônimo	Simple
rio	Curimatá ¹³²	LT	Zootopônimo	Simple
igarapé	Curuçá	LT	Hierotopônimo	Simple
Lagoa	da Cacimba	LP	Hidrotopônimo	Simple
igarapé	da Esperança	LP	Animotopônimo	Simple
Rio	da Esplenda	LP	Animotopônimo	Simple
rio	da Estiva	LP	Sociotopônimo	Simple
igarapé	da Fontinha	LP	Hidrotopônimo	Simple
rio	da Madragoa	LP	Ecotopônimo	Simple
rio	da Mata	LP	Fitotopônimo	Simple
rio	das Almas	LP	Animotopônimo	Simple
rio	das Almas	LP	Animotopônimo	Simple
igarapé	das Cabeceiras	LP	Hidrotopônimo	Simple
igarapé	das Macaca	LP	Zootopônimo	Simple
rio	de Nazaré	LP	Hierotopônimo	Simple
rio	de Pedra	LP	Litotopônimo	Simple

¹²⁸ Bacurituba (ybácuri + tuba) = bacurizal; nome de vila do município de Cajapió, Maranhão. (GREGÓRIO, 1980, p.1267).

¹²⁹ baiacu (mbaé + acu) cousa quente ou venenosa por causa do fel do peixe chamado ainda guamaiaçu, da família dos Tetraodontídeos, e variedade "sapo-do-mar" (GREGÓRIO, 1980, p. 913).

¹³⁰ BISAL (1.) - corr. De ibá + i (fruta + sufixo para formação do diminutivo + o sufixo português sal) lugar de muito fruto miúdo. Talvez corr. De abisal. (LOPES, 1947, p. 31).

¹³¹ CAJAPIÓ (...) de cajá-pyoca, polpa de caja, essência de cajá. (TIBIRIÇA, 1985, p. 34).

¹³² CURIMATÁ, curimatã, curimbatá, quirymatá (guarani), corumbatá = peixe de água doce, de carne tenra. Mas com gosto de Lodo, se vive em lagoas estagnadas. (GREGÓRIO, 1980, p. 643).

igarapé	do Alegre	LP	Animotopônimo	Simple
igarapé	do Arepartimento	LP	Animotopônimo	Simple
igarapé	do Baiacu Grande	LT+LP	Zootopônimo	Composto híbrido
rio	do Bizal	LT	Fitotopônimo	Composto híbrido
igarapé	do Brito	LP	Antropotopônimo	Simple
rio	do Caboclo	LP	Etnotopônimo	Simple
barra	do Calhau	LP	Litotopônimo	Simple
rio	do Garrotão	LP	Zootopônimo	Simple
igarapé	do Icatu ¹³³	LT	Hidrotopônimo	Composto
igarapé	do Jacaré ¹³⁴	LT	Zootopônimo	Composto
rio	do Jatibuca	NE	NC	NC
igarapé	do Machado	LP	Ergotopônimo	Simple
igarapé	do Mario	LP	Antropotopônimo	Simple
rio	do Mauricio	LP	Antropotopônimo	Simple
rio	do Peixe	LP	Zootopônimo	Simple
igarapé	do Pepital	ES+LP	Litotopônimo	Simple híbrido
igarapé	do Peru	LP	Zootopônimo	Simple
igarapé	do Peru	LP	Zootopônimo	Simple
igarapé	do Pirapema ¹³⁵	LT+LT	Zootopônimo	Composto
furo	do Porto do Meio	LP+LP	Geomorfotopônimo	Composto
igarapé	dos Carvalhos	LP	Fitotopônimo	Simple
Lagoa	Estreita	LP	Dimensiotopônimo	Simple
rio	Furo das Moças	LP	Hidrotopônimo	Composto
igarapé	Furo de Santa Clara	LP	Hagiotopônimo	Composto
rio	Gepuba	NE	NC	NC
Lagoa	Grande	LP	Dimensiotopônimo	Simple
rio	Grande	LP	Dimensiotopônimo	Simple
rio	Grande	LP	Dimensiotopônimo	Simple
rio	Guarapiranga ¹³⁶	LT	Zootopônimo	Composto
igarapé	Gurijuba ¹³⁷	LT	Fitotopônimo	Composto
rio	Gurutil	LP	Ergotopônimo	Simple
igarapé	Iatuaú	NE	NC	NC
igarapé	Ilha Verde	LP+LP	Geomorfotopônimo	Composto
igarapé	Imbotiua	NE	NC	NC
igarapé	Imbuaçu	LT	Hidrotopônimo	Composto
igarapé	Iriqui	LT	Hidrotopônimo	Composto
rio	Itapetiniga	LT	Litotopônimo	Composto

¹³³ Icatu (y+catu) = água boa, potável ou rio bom, seja piscoso, seja navegável (GREGÓRIO, 1980, p. 1232).

¹³⁴ Jacaré (já+caré, guarani) = o que é curvo; espécie de crocodilo (GREGÓRIO, 1980, p. 798).

¹³⁵ PIRAPEMA (pirá + pema) peixe fluvial (GREGÓRIO, 1980, p.1058).

¹³⁶ Guarapiranga (guara + piranga) = garça vermelha (GREGÓRIO, 1980, p.732).

¹³⁷ Gurijuba (guri + juba) = bagre amarelo, espécie de peixe do mar (GREGÓRIO, 1980, p.735).

igarapé	Jacaré	LT	Zootopônimo	Composto
rio	Jacarerana	LT	Zootopônimo	Composto
igarapé	Jacaretuia	LT	Zootopônimo	Composto
igarapé	Jacaretuia	LT	Zootopônimo	Composto
igarapé	Juquiruna	NE	NC	NC
igarapé	Juraraita	NE	NC	NC
igarapé	Juraraitá	NE	NC	NC
rio	Liconde	LP	Fitotopônimo	Simple
igarapé	Mãe Joana	LP+LP	Dirrematopônimo	Composto
rio	Novo	LP	Cronotopônimo	Simple
igarapé	Ouleiro	LP	Sociotopônimo	Simple
rio	Palacete	LP	Ecotopônimo	Simple
igarapé	Peixe Boi	LP+LP	Zootopônimos	Composto
rio	Peri-Açu ¹³⁸	LT	Fitotopônimo	Composto
rio	Pericumã	LT	Fitotopônimo	Composto
rio	Pericumã	LT	Fitotopônimo	Composto
rio	Pericumã	LT	Fitotopônimo	Composto
igarapé	Peri-mirim	LT	Fitotopônimo	Composto
igarapé	Perobá ¹³⁹	LT	Fitotopônimo	Composto
igarapé	Polacaia	NE	NC	NC
igarapé	Porto de Baixo	LP+LP	Geomorfotopônimo	Composto
igarapé	Porto do Meio	LP+LP	Geomorfotopônimo	Composto
rio	Pretitá	LP	Cromotopônimo	Simple
igarapé	Puca ¹⁴⁰	LT	Anomotopônimo	Simple
rio	Quebra-Costela	LP+LP	Dirrematopônimo	Composto
rio	Quindiuá	NE	NC	NC
rio	Raimundo do Sul	LP	Antropotopônimo	Composto
rio	Raimundo do Sul	LP	Antropotopônimo	Composto
igarapé	Remanso	LP	Animotopônimo	Simple
igarapé	Rio Grande	LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
igarapé	Rosa	LP	Fitotopônimo	Simple
rio	Salgado	LP	Animotopônimo	Simple
rio	Samaúna ¹⁴¹	LT	Fitotopônimo	Simple
igarapé	Santa Rita	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto

¹³⁸ Peri, pery, piri=junco (GREGÓRIO, 1980, p.1066).

¹³⁹ peroba (ype+roba) = casca de árvore amarga; nome de árvore da família das Apocináceas ou perobeira, a peroba do campo, a peroba rosa são madeiras de lei, inatacáveis pelo cupim: (GREGÓRIO, 1980, p. 1063).

¹⁴⁰ PUCA = rebentar, estourar, fender-se; fenda, ter buraco. (GREGÓRIO, 1980, p.1086).

¹⁴¹ Bras. Amaz. Guin. Bot. Árvore gigantesca, da família das bombacáceas (*Ceiba pentandra*), das florestas inundáveis, de tronco imenso e com raízes tubulares, folhas com cinco a sete folíolos oblongos, e flores alvas, vistosas e fasciculadas. As cápsulas estão cheias de paina, que serve para fazer salva-vidas. Com a madeira, branca e leve, fabricam-se caixotes, brinquedos e jangadas. [Var.: *samaúma*. Sin.: *sumaúma-da-várzea*, *sumaumeira*.] (Aurélio online).

igarapé	Santa Rosa	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
igarapé	São João de Melo	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
rio	Sapucaia ¹⁴²	LT	Fitotopônimo	Simple
rio	Serrano	LP	Geomorfotopônimo	Simple
rio	Siribeira	LT	Fitotopônimo	Simple Híbrido
igarapé	Tamanduá ¹⁴³	LT	Zootopônimo	Composto
igarapé	Tamanduá de Dentro	LT +LP	Zootopônimo	Composto híbrido
igarapé	Tiquara ¹⁴⁴	LT	Hidrotopônimo	Composto
rio	Tiquara	LT	Hidrotopônimo	Composto
igarapé	Tita	LP	Antropotopônimo	Simple
rio	Tungo	LP	Zootopônimo	Simple
rio	Turiaçu ¹⁴⁵	LT	Meteorotopônimo	Composto
rio	Uru ¹⁴⁶	LT	Zootopônimo	Simple
rio	Uru	LT	Zootopônimo	Simple
rio	Uru-mirim ou Uruminrim	LT	Zootopônimo	Composto
rio	Vitório	LP	Antropotopônimo	Simple

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 09: Hidrônimos coletados nos municípios da microrregião Rosário nos mapas dos IBGE (2010)

Elemento geográfico	Hidrônimo	Língua de Origem	Taxionomia	Estrutura morfológica
rio	Anajatuba ¹⁴⁷	LT+LT	Fitotopônimo	Composto
igarapé	Andirobal ¹⁴⁸	LT+LT+LP	Fitotopônimo	Simple híbrido
igarapé	Arruda	LP	Fitotopônimo	Simple
rio	Axuí	LT	Zootopônimo	Composto
rio	Bacaba ¹⁴⁹	LT+LT	Fitotopônimo	Composto
rio	Beira	LP	Dimensiotopônimo	Simple

¹⁴² SAPUCAIA [Do tupi = ‘fruto que faz saltar o olho’.] 1. Bras. N.E. a L. Bot. Árvore da família das lecitidáceas (*Lecythis pisonis*), da floresta atlântica, de folhas oblongas e acuminadas, flores grandes, carnosas, violáceo-pálidas, e com muitos estames fundidos, sendo os frutos enormes cápsulas lenhosas e cilíndricas, com grandes sementes oleaginosas, muito apreciadas como alimento saboroso, e a madeira ótima para obras externas. [Sin.: *cumbuca-de-macaco*, *quatetê*, *sapucaieira*.] (Aurélio Online).

¹⁴³ tamanduá (tamandua + ã) = pequeno tamanduá, o menor da família (*Cyclope didactylus*) com duas unhas na mão (como preguiça) e quatro nos pés; focinho curto; revestido de pêlo denso, ruivo sedoso e de cauda preênsive, pois é arbícola; só desce ao chão de passagem, pois nas árvores (embaúbas) encontra seu alimento: formigas, cupins, insetos, etc. (GREGÓRIO, 1980, p. 1146-1147).

¹⁴⁴ tiquara (t’y + cuara) = buraco d’água, poço; nome da bebida xibé feita de caju, manga e maracujá; o mesmo que icuara. (GREGÓRIO, 1980, p. 1254).

¹⁴⁵ turiaçu (tury+açu) = facho grande, incêndio (GREGÓRIO, 1980, p. 1177).

¹⁴⁶ URU: nome comum a galináceos; ave da família dos Odontofídeos: (GREGÓRIO, 1980, p. 1204).

¹⁴⁷ INAJATUBA (inajá + tuba) = abundância de inajá; nome de ilhas e lago da Amazônia. (GREGÓRIO, 1980, p.751).

¹⁴⁸ andiroba (nhandy + oba) = azeite amargo; andirobeira, de cujo frutos se extrai óleo, bom para lamparinas; (GREGÓRIO, 1980, p. 969).

¹⁴⁹ bacaba (ybá + caba = gordura) = fruto carnudo e polposo da bacabeira, nome de palmeira do Amazonas, rival do açaí, a bacaba ou bacabeira. (GREGÓRIO, 1980, p.1266).

lagoa	Boca da Mata	LP+LP	Dirrematotopônimo	Composto
riacho	Buritizal	LP + LP +LP	Fitotopônimo	Composto híbrido
igarapé	Caiçu ¹⁵⁰	LT	Dimensiotopônimo	Composto
igarapé	Carema	LP	Cronotopônimo	Simple
igarapé	Careminha	LP	Cronotopônimo	Simple
igarapé	Centro da Mata	LP+LP	Dimensiotopônimo	Composto
igarapé	Criminoso	LP	Animotopônimo	Simple
igarapé	da Ferrugem	LP	Cromotopônimo	Simple
riacho	da Ferrugem	LP	Cromotopônimo	Simple
riacho	da Grota Seca	LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
lagoa	da Lúcia	LP	Antropotopônimo	Simple
igarapé	da Mata	LP	Fitotopônimo	Simple
riacho	da Matinha	LP	Fitotopônimo	Simple
igarapé	da Palmeira	LP	Fitotopônimo	Simple
igarapé	da Passagem	LP	Hodotopônimo	Simple
riacho	da Pauzeira	LP	Hodotopônimo	Simple
lagoa	da Picada	LP	Hodotopônimo	Simple
igarapé	da Ponta Grossa	LP+LP	Dimensiotopônimo	Composto
igarapé	da Ribeira	LP	Hidrotopônimo	Simple
igarapé	da Volta	LP	Geomorfotopônimo	Simple
igarapé	das Areias	LP	Litotopônimo	Simple
igarapé	das Pacas ¹⁵¹	LT	Zootopônimo	Simple
riacho	das Pacas	LT	Zootopônimo	Simple
igarapé	das Pedras	LP	Litotopônimo	Simple
igarapé	das Pedras	LP	Litotopônimo	Simple
igarapé	do Atoleiro	LP	Geomorfotopônimo	Simple
riacho	do Barro Branco	LP	Litotopônimo	Composto
igarapé	do Boiador	LP	Sociotopônimo	Simple
riacho	do Brejo	LP	Hidrotopônimo	Simple
igarapé	do Cabral	LP	Antropotopônimo	Simple
lagoa	do Cedro	LP	Fitotopônimo	Simple
igarapé	do Contrato	LP	Animotopônimo	Simple
igarapé	do Encontro	LP	Animotopônimo	Simple
igarapé	do Gato	LP	Zootopônimo	Simple
igarapé	do Gavião	LP	Zootopônimo	Simple
igarapé	do Limoeiro	LP	Fitotopônimo	Simple
lagoa	do Meio	LP	Cardinotopônimo	Simple
rio	do Meio	LP	Cardinotopônimo	Simple
lagoa	do Meio	LP	Cardinotopônimo	Simple

¹⁵⁰ Caiçu (PR). De Ka'i + úasu: grandes (macacos) caís. (NAVARRO, 2013, p. 550).

¹⁵¹ PACA = o que é ágil, esperto; mamífero roedor, caça estimada. (GREGÓRIO, 1980, p. 986).

igarapé	do Meio	LP	Cardinotopônimo	Simple
riacho	do Mocambo	LP	Ecotopônimo	Simple
estreito	do Mojó	NE	NC	NC
igarapé	do Olho-d'Água	LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
igarapé	do Retiro	LP	Sociotopônimo	Simple
igarapé	do Saldanha	LP	Antropotopônimo	Simple
riacho	do Sangradouro	LP	Hidrotopônimo	Simple
igarapé	do Sertão Grande	LP	Dirrematopônimo	Composto
grota	do Supucaial	NE	NC	NC
lagoa	dos Picos	LP	Geomorfotopônimo	Simple
riacho	dos Picos	LP	Geomorfotopônimo	Simple
riacho	Escondido	LP	Animotopônimo eufórico	Simple
riacho	Forte	LP	Animotopônimo	Simple
lagoa	Grande	LP	Dimensiotopônimo	Simple
rio	Grande	LP	Dimensiotopônimo	Simple
lagoa	Grande	LP	Dimensiotopônimo	Simple
lagoa	Grande	LP	Dimensiotopônimo	Simple
lagoa	Grande	LP	Dimensiotopônimo	Simple
igarapé	Grota da Bábara	LP+LP	Hidrotopônimo	Composto
igarapé	Ipiranga	LT	Hidrotopônimo	Composto
rio	Itapecuru	LT	Litotopônimo	Composto
rio	Itapecuru	LT	Litotopônimo	Composto
rio	Itatuaba	LT	Litotopônimo	Composto
igarapé	Jacaraí	NE	NC	NC
igarapé	Jimbuça	NE	NC	NC
igarapé	João Mendes	LP+LP	Antropotopônimo	Composto
rio	Mapari	LP	Etnotopônimo	Simple
riacho	Miritiba ¹⁵²	LT	Fitotopônimo	Composto
igarapé	Mojo Seco	NE	NC	NC
estreito	Mosquito	LP	Zootopônimo	Simple
rio	Munim ¹⁵³	LT	Animotopônimo	Simple
rio	Munim	LT	Animotopônimo	Simple
riacho	Mutum ¹⁵⁴	LT	Zootopônimo	Simple
igarapé	Nabíquim	NE	NC	NC
riacho	Patos	LP	Zootopônimo	Simple
rio	Periá ¹⁵⁵	LT	Fitotopônimo	Simple
igarapé	Peri-Juçara	LT	Fitotopônimo	Composto

¹⁵² miritiba (miriti+tyba) = miritizal ou abundância de buritis (GREGÓRIO, 1980, p.935).

¹⁵³ Munim: Monim, Enrugar, encrespar, escolher. (BORDONI, s/d, p. 399).

¹⁵⁴ Mutum - 1.Bras. Zool. Designação comum a várias aves galiformes cracídeas, gênero *Crax*, de penas da crista curvas na extremidade, e com seis espécies no Brasil, e *Mitu*, de penas retas e com apenas duas espécies. (Aurélio online).

¹⁵⁵ piriá s.m. ANGIOS m.q. AÇAI (*Euterpe oleracea*) (HOUAISS; VILLAR, 2001, p.2224).

rio	Piranj ¹⁵⁶	LT	Cromotopônimo	Simple
igarapé	Piranj	LT	Cromotopônimo	Simple
rio	Piriá	LT	Fitotopônimo	Simple
igarapé	Precaú Mirim	NE	NC	NC
igarapé	Quebra-Coco	LP+LP	Dirrematopônimo	Composto
igarapé	Recurso	LP	Animotopônimo	Simple
rio	Riachão	LP	Hidrotopônimo	Simple
riacho	Riachão	LP	Hidrotopônimo	Simple
igarapé	Ribeirão	LP	Hidrotopônimo	Simple
igarapé	Rosarinho	LP	Hierotopônimo	Simple
igarapé	Santana	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
igarapé	São Bento	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
igarapé	São Benedito	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
igarapé	São Brás	LP+LP	Hagiotopônimo	Composto
igarapé	Seco	LP	Dimensiotopônimo	Simple
igarapé	Sumauma ¹⁵⁷	LT	Fitotopônimo	Simple
igarapé	Sumauma	LT	Fitotopônimo	Simple
igarapé	Taperi ¹⁵⁸	LT	Hidrotopônimo	Composto
riacho	Taquara ¹⁵⁹	LT	Fitotopônimo	Composto
igarapé	Taquari ¹⁶⁰	LT	Fitotopônimo	Composto
igarapé	Tigibn	NE	NC	NC
igarapé	Tremendal	LP	Fitotopônimo	Simple
riacho	Trubó	NE	NC	NC
rio	Una ¹⁶¹	LT	Cromotopônimo	Simple
igarapé	Vale Quem Quer	LP	Dirrematopônimo	Composto

Fonte: Elaborado pelo autor.

5.2 Análise dos dados da Ficha Lexicográfico-Toponímica

Neste tópico, discutimos os dados com base no registro das fichas, concernentes aos campos: língua de origem, taxionomia, natureza e estrutura morfológica dos hidrônimos.

¹⁵⁶ piranji = (vermelhinho) (GREGÓRIO, 1980, p. 1065).

¹⁵⁷ Bras. Amaz. Guin. Bot. Árvore gigantesca, da família das bombacáceas (*Ceiba pentandra*), das florestas inundáveis, de tronco imenso e com raízes tubulares, folhas com cinco a sete folíolos oblongos, e flores alvas, vistosas e fasciculadas. As cápsulas estão cheias de paina, que serve para fazer salva-vidas. Com a madeira, branca e leve, fabricam-se caixotes, brinquedos e jangadas. [Var.: *samaúma*. Sin.: *sumaúma-da-várzea*, *sumaumeira*.] (Aurélio online).

¹⁵⁸ TAPERI (BA) De taperá + 'y: rio da tapera, i. e., da aldeia abandonada, da fazenda abandonada. (NAVARRO, 2013, p. 600).

¹⁵⁹ tacuara, taquara, tacuá (guarani), (ta+cuara) = haste furada; taboca, bambu do mato; planta da família da Gramíneas (GREGÓRIO, 1980, p. 1127).

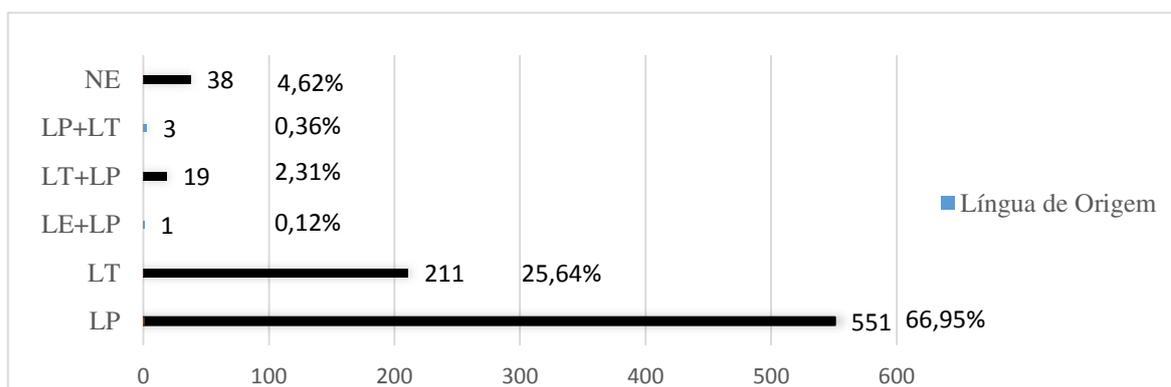
¹⁶⁰ taquari, taquarim (taquara+ĩ) = espécie de taquara (VLB); taquara fina; nome de pequena árvore da família das Euforbiáceas; seus brotos são ocos, semelhante à taquara, usados para cânulas de cachimbo; nome dado a uma espécie de socó, chamado ainda guacuru; (GREGÓRIO, 1980, p. 1130).

¹⁶¹ UNA = 1. = 'preto': *acaraúma*. (Aurélio Online).

5.2.1 Língua de origem

Foram registrados 823 hidrônimos na área compreendida pela MNM. No que tange à língua de origem, verificamos nos hidrônimos coletados que 551 são de origem portuguesa; 211 são de origem Tupi; 19 são híbridos Tupi/Português; três são híbridos Português/Tupi; um é híbrido Espanhol/Português e 38 não foram encontrados. O Gráfico 01 apresenta os percentuais relativos a esses resultados.

Gráfico 01: Percentual total das origens dos Hidrônimos

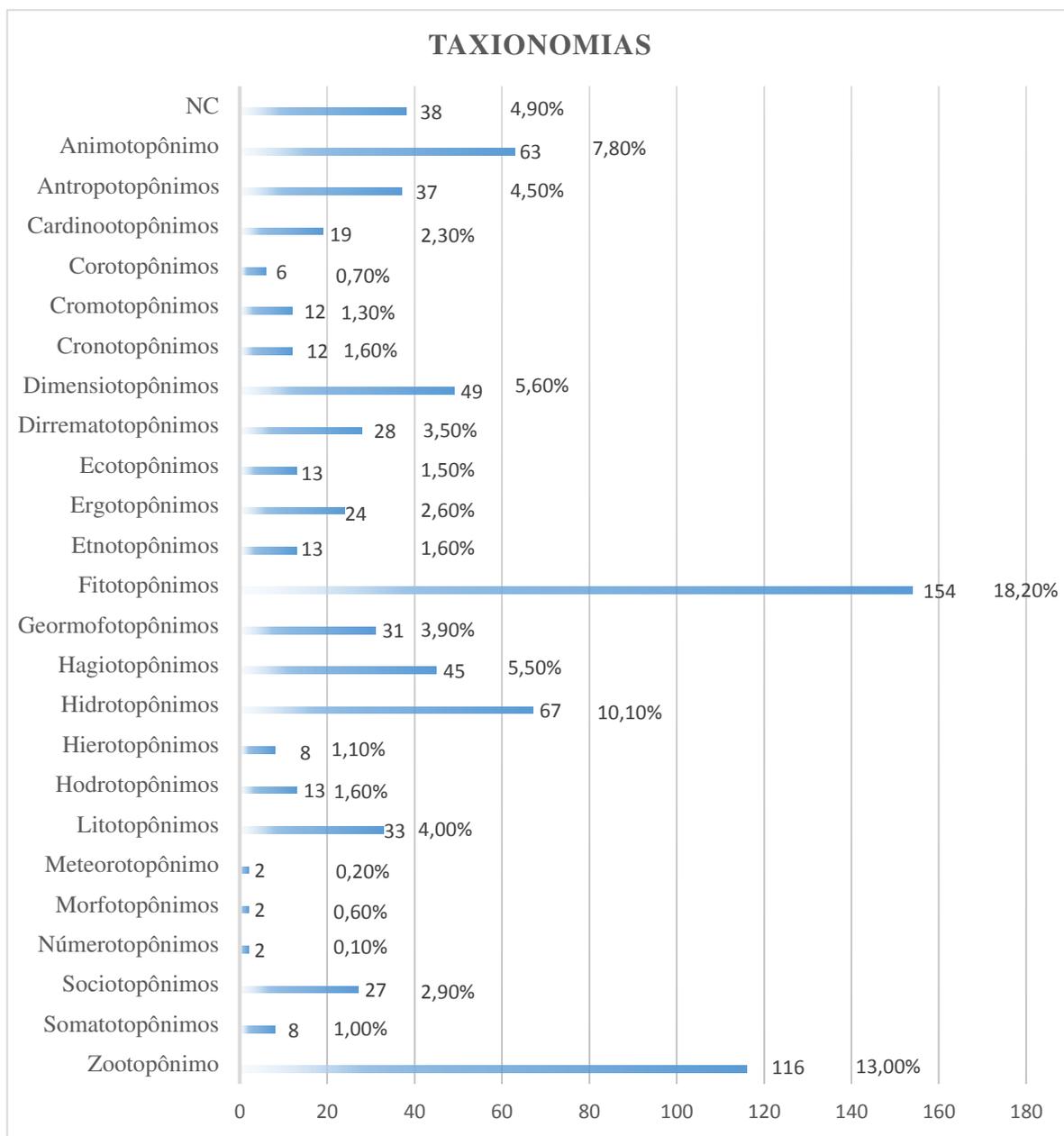


Fonte: Elaborado pelo autor.

5.2.2 Taxionomias predominantes

Quanto às taxionomias, observamos que as mais produtivas foram os fitotopônimos, perfazendo um total de 154 elementos; os zootopônimos, com 116 ocorrências; os hidrotopônimos, com 67; e os animotopônimos, com 63 ocorrências, como mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 02: Percentual total das taxionomias



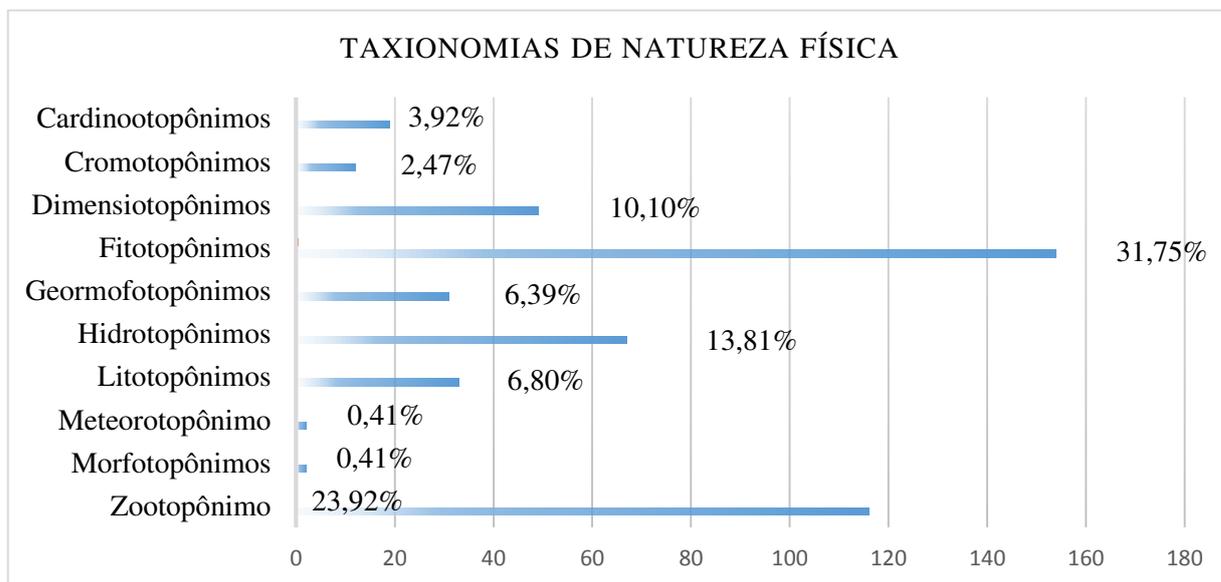
Fonte: Elaborado pelo autor.

5.2.3 Natureza dos hidrônimos

Em relação à natureza dos hidrônimos, constatamos o predomínio de termos de natureza física, em oposição aos de natureza antro-po-cultural. Foram coletados 486 nomes de natureza física, 299 antro-po-cultural e 38 não foram classificados, como visto nos Gráficos 03 e 04.

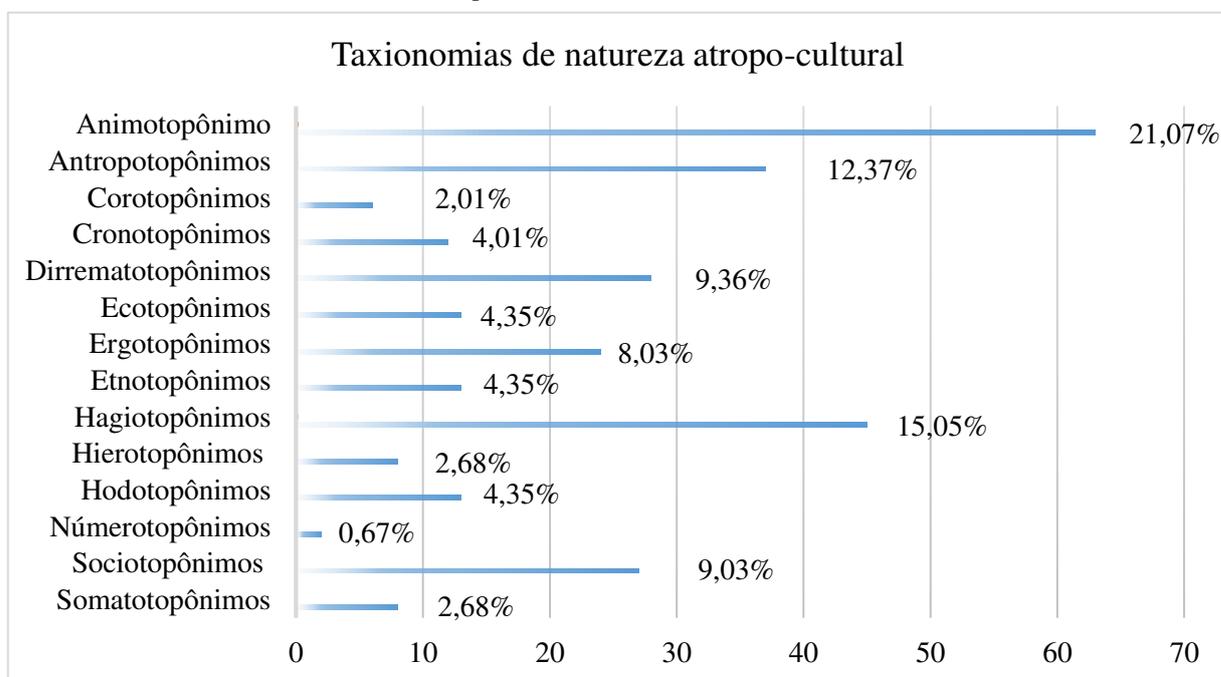
Com base desses dados, confirmamos as ideias de Sapir (1961) e de Biderman (2001), que afirmam que o ambiente físico se reflete no léxico da língua, servindo assim como elemento motivador de vários topônimos.

Gráfico 03: Taxionomias de natureza Física



Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 04: Taxionomias de natureza Antropo-cultural

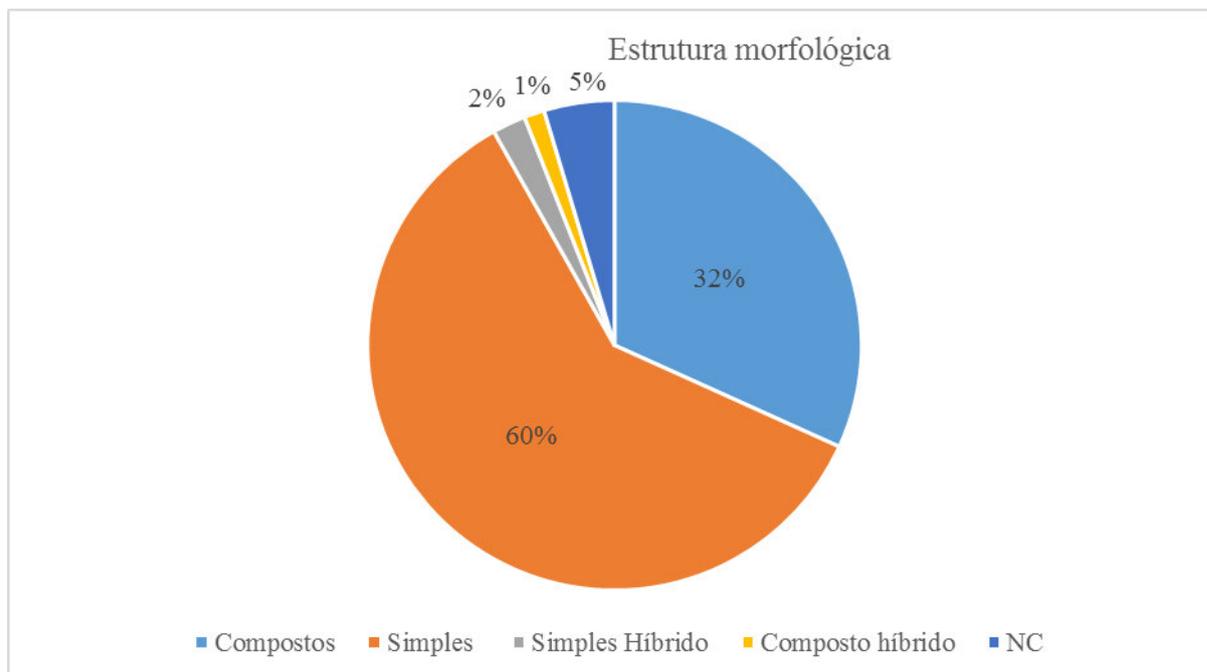


Fonte: Elaborado pelo autor.

5.2.4 Estrutura morfológica

Em relação à estrutura morfológica, identificamos 495 nomes compostos, 262 simples, 17 simples híbridos, 11 compostos híbridos e 38 não foram classificados, conforme o Gráfico 05.

Gráfico 05: Estrutura Morfológico dos hidrônimos



Fonte: Elaborado pelo autor.

CAPÍTULO VI

HIDRONÍMIA INDÍGENA

Neste capítulo, abordamos a hidronímia de origem indígena, buscando estabelecer uma relação dos hidrônimos com a língua, a cultura e o ambiente, com base no que foi visto nos capítulos I e II.

6.1 Registro do percurso onomástico

Realizamos o percurso onomástico dos hidrônimos encontrados nos relatos dos viajantes e em mapas dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX, para analisar as variações (ortográficas), as modificações (fonéticas) e as retenções linguísticas desses elementos.

6.1.1 O que mostram os relatos dos viajantes

A primeira obra analisada foi a *História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão e terras circunvizinhas*¹⁶² (2002[1612]), escrita pelo padre capuchinho francês Claude D'Abbéville, que participou da expedição de tentativa da colonização francesa e da criação da França Equinocial no Brasil. Nessa obra, D'Abbéville relata o trajeto de sua viagem, que durou quatro meses, realizada na Ilha do Maranhão e terras próximas, apresentando com riqueza de detalhes as coisas que viu, as aldeias, os índios e os lugares por onde ia passando.

A segunda foi a *Viagem ao norte do Brasil: feita nos anos de 1613 e 1614*¹⁶³ (2002[1615]), empreendida pelo também padre capuchinho francês Yves D'Évreux, que enfocou as coisas do Maranhão sobre as quais D'Abbéville não havia escrito.

A terceira foi a *Poranduba maranhense* (2012 [1891]) escrita pelo frei português Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres Maranhão, entre os anos de 1819 e 1820. Segundo o Parecerista da obra de Frei Francisco de S. José, a *Poranduba maranhense*

(...) contém uma relação histórica da descoberta, colonização, progresso e vicissitudes do Estado do Maranhão, onde igualmente se incluem os sucessos do Pará até a separação das duas províncias; e ao depois a continuação particular do governo do Maranhão até nosso tempo. (MARANHÃO, 2012, p. 17 [1819]).¹⁶⁴

¹⁶² Tradução da obra *Historie de la mission des pères capucins en l'isle de Marignon et terres circonvoisines*.

¹⁶³ Tradução da obra *Voyage dans le nord du Bresil fait durant les anneés 1613 e 1614 par le père Yves d'Évreux*.

¹⁶⁴ Este parecer, escrito em 1826, integra a obra de Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres Maranhão.

Frei Maranhão oferece, assim, ao leitor um conjunto de informações importantes e minuciosas sobre a Província do Maranhão, seus habitantes, costumes, sua língua, flora e fauna, além de um mapa particular da Província, por ele próprio elaborado, e que, lamentavelmente, se extraviou, e em Apêndice o *Dicionário Abreviado Tupinambá-Português*¹⁶⁵.

O Quadro 10, a seguir, apresenta registro dos hidrônimos nessas três obras.

Quadro 10: Registro dos hidrônimos coletados nos relatos dos viajantes

D'Abbéville (1612 – séc. XVII)		Yves D'Évreux (1615– séc. XVII)		Maranhão (1891 – séc. XIX)	
Elemento Geográfico	Hidrônimo	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Elemento Geográfico	Hidrônimo
Rio	Cumã	Rio	Comã	Rio	Cumã
Rio	Maracou	Rio		Rio	
Rio	Mayoüe	Rio		Rio	
Rio	Miary	Rio	Meary/Miary	Rio	Mearim
Rio	Mounin	Rio		Rio	Munin
Rio	Ouaieoup	Rio		Rio	
Rio	Pinaré	Rio	Pindaré	Rio	Pindaré
Rio	Taboucourou	Rio	Tabucuru	Rio	Itapicuru ou Itapecuru
		Rio	Bacanga		
				Rio	Peri

Fonte: Elaborado pelo autor.

6.1.2 O que mostram os mapas

XVII (1629) – O *Pequeno atlas do Maranhão e Grão-Pará*, elaborado pelo cartógrafo da Casa da Mina e Índia João Teixeira Albernaz I, possui três seções, que mostram os atuais estados do Ceará, Piauí, Maranhão, Pará, e ainda parte da Amazônia. Apresenta ainda aldeias, fortes e províncias indígenas.

¹⁶⁵ Segundo o próprio Frei Maranhão, o dicionário foi composto por um frade missionário de que só se conhece o prenome, Frei Onofre.

XVIII (1761) – *A Carta Geográfica da capitania do Piauí, e parte das adjacentes*, elaborada por João Antônio Galuci, apresenta muitos detalhes, como os limites da capitania, lugares, fazendas, freguesias, vilas, roças, sítios, rios.

XIX (1819) – *O Mappa Geographico da Capitania do Maranhão, que pode servir de Memoria sobre a População, Cultura, e Couzas mais notaveis da mesma Capitania* foi elaborado pelo Capitão Francisco de Paula Ribeiro, quando de suas várias expedições realizadas ao interior do Maranhão, a serviço da Coroa.

XX (1972) – *O Mapa da Diretoria de Serviços Geográficos* – DSG foi elaborado pelo Exército Brasileiro com o objetivo de coletar imagens, informações geográficas e meteorológicas dos estados da Federação, para organizá-las sob a forma de cartografia. Cabe, também, ao Exército fazer a manutenção desse material.

O Quadro 11, a seguir, apresenta registro dos hidrônimos nessas quatro obras.

Quadro 11: Registro dos hidrônimos coletados nos mapas

MAPAS							
Séc. XVII (1629)		Séc. XVIII (1761)		Séc. XIX (1819)		Séc. XX (1972)	
Elemento Geográfico	Hidrônimo						
Rio	Cumã	Rio	Cumá	Rio		Rio	Cumã
Rio	Maracu	Rio		Rio		Rio	Maracu
Rio	Meari	Rio	Mearim	Rio	Mearim	Rio	Mearim
Rio	Many	Rio	Meny	Rio	Muni	Rio	Munim
Rio	Pereya	Rio	Pinaré			Rio	Periá
Rio	Pinave	Rio		Rio	Pinaré	Rio	Pindaré
Rio	Tapocuru	Rio	Itapecuru	Rio	Itapecurú	Rio	Itapecuru
						Rio	Bacanga
						Rio	Maioba
				Rio	Grajaú		

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como visto, o percurso onomástico foi diversificado e seu registro, também, o foi, como podemos observar, principalmente, no que concerne às variações no âmbito da fonética. Com relação ao registro dos viajantes franceses, constatamos que os nomes de origem tupi foram grafados tendo como parâmetro a fonética francesa, o que deu aos hidrônimos uma forma francesa, em alguns casos, como em *Ouaieoup* (Grajaú), ou afrancesada, como em *Mounin* (Munim), sendo, pois, algumas vezes, como destaca Garcia (1944), *arbitrária e caprichosa*. Ainda segundo Garcia (1944, p. 132), “A tarefa de sua [dos nomes] restauração gráfica é fácil, relativamente, atendida à equivalência de som entre eles e seus correspondentes no Tupi dos catequistas ibéricos.” Exemplo disso encontramos na forma do hidrônimo *Itapecuru* grafado por D’Abbeville com *Taboucourou*, em que o segmento [ou] do francês tem como correspondente em português o segmento [u].

Apesar da expressiva influência da fonética francesa na grafia dos nomes, constatamos uma forte retenção nos nomes indígenas.

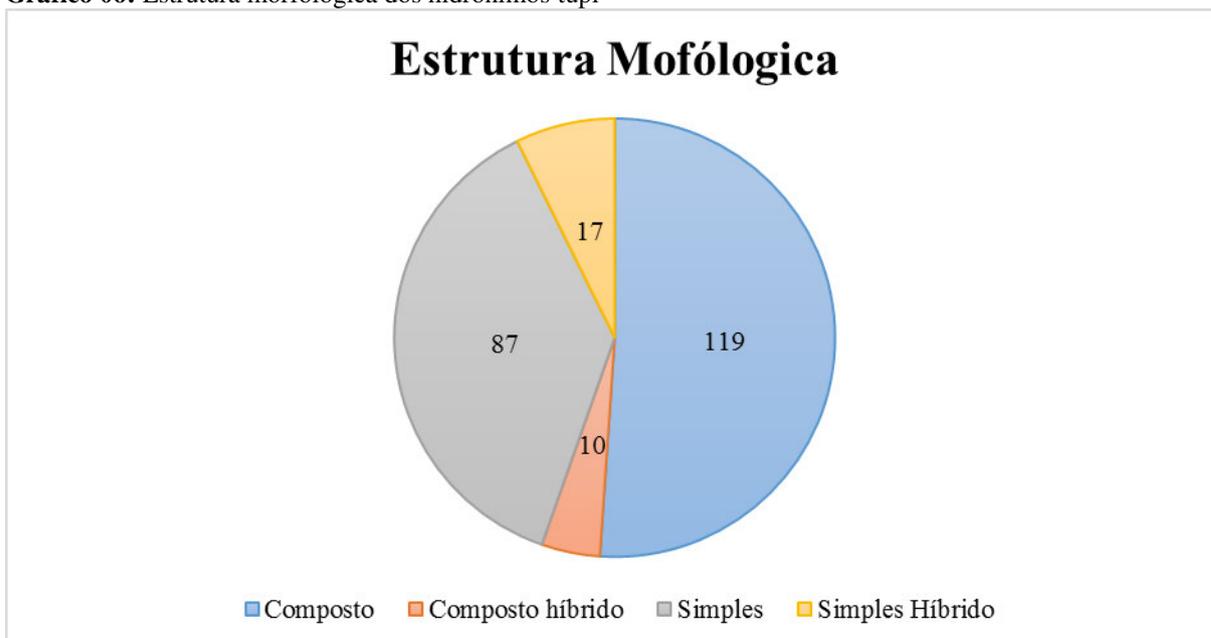
6.2 A hidronímia indígena: uma análise quantitativa

Neste tópico fazemos um recorte da análise geral dos hidrônimos apresentada no capítulo IV. Aqui, os hidrônimos indígenas constituem nosso foco: são objeto de uma análise quantitativa que considera as categorias taxionomia, estrutura morfológica e natureza, destacando, quando necessário, os percentuais por microrregião. Essa análise possibilitou examinar a relação dos hidrônimos com a língua, a cultura e o ambiente.

6.2.1 Estruturas morfológicas predominantes nos hidrônimos indígenas

Dos 823 hidrônimos recolhidos nos mapas do IBGE (2010), 233 são de origem indígena e apresentam a seguinte configuração estrutural: 119 compostos, 87 simples e 27 híbridos, dos quais 17 são simples, e 10 compostos como evidencia o Gráfico 11, a seguir.

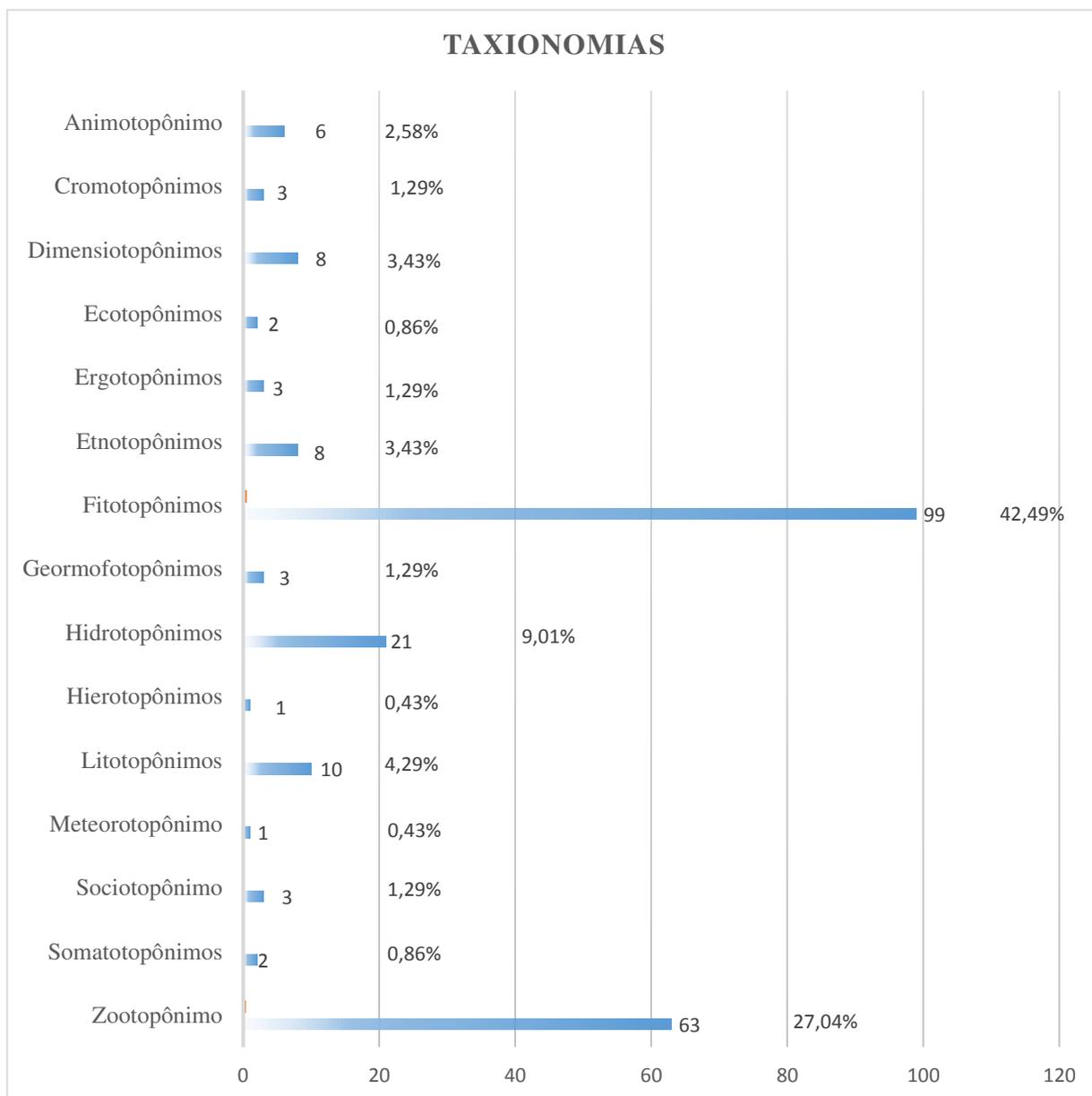
Gráfico 06: Estrutura morfológica dos hidrônimos tupi



6.2.2 Taxionomias predominantes nos hidrônimos indígenas

Como demonstra o Gráfico 07, as taxionomias mais predominantes foram Fitotopônimos, com 99 ocorrências; Zootopônimos, com 63 casos; Hidrotopônimos com 21 registros; e Litotopônimos, com 10 recolhas, totalizando 193 ocorrências. Os 40 hidrônimos restantes se distribuem de forma desigual, com percentuais inferiores a 4%, entre as seguintes taxas: Animotopônimo, Cromotopônimo, Dimensiotopônimo, Ecotopônimo, Ergortopônimo, Etnotopônimo, Geomofotopônimo, Hierotopônimo, Metereotopônimo, Sociotopônimo, Somatotopônimos. Esses dados confirmam a ideia defendida por Sapir (1961), ao afirmar que o léxico da língua sofre influência do ambiente. De acordo com nosso estudo, os hidrônimos de origem indígena, em sua maior parte, são de Natureza Física, conforme evidencia o Gráfico 08.

Gráfico 07: Percentual total das taxes



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em síntese, considerando os percentuais taxionômicos apresentados e as taxionomias vistas no capítulo V, constatamos que, entre os hidrônimos de origem tupi, as taxionomias mais recorrentes são: fitotopônimos, zootopônimos, hidrotopônimos e litotopônimos, conforme evidencia a tabela 04.

Tabela 04: número de taxionomia mais recorrentes de origem tupi em relação ao número total de hidrônimos.

Taxionomia	Total recolhido	Origem tupi
Fitotopônimo	150	99
Zootopônimos	107	63
Hidrotopônimos	83	21
Litotopônimos	33	10

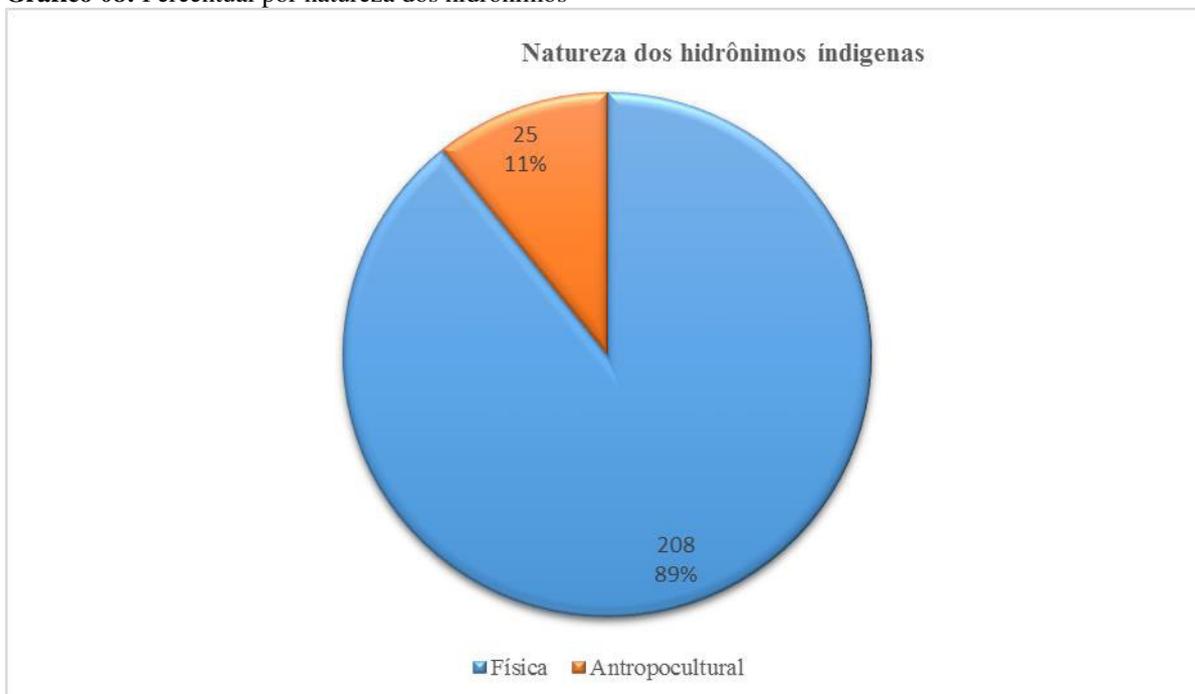
Fonte: Elaborado pelo autor.

Quando consideramos dentro do total de hidrônimos coletados (823) as taxes mais recorrentes – fitotopônimos, zootopônimos, hidrotopônimo e litotopônimos – e observamos no interior desses conjuntos os hidrônimos de origem tupi, temos a seguinte distribuição: 65% de fitotopônimos, 49% de zootopônimos, 46% de hidrotopônimo e 30% de litotopônimos.

6.2.3 Naturezas dos hidrônimos

Dos 233 hidrônimos indígenas recolhidos, 89% caracterizam-se como sendo de natureza física, enquanto somente 11% de natureza humana. Considerando o total geral de todos os hidrônimos coletados (de origem indígena e não-indígena), esse percentual corresponde a 44% hidrônimos de natureza física e 7% de natureza antropocultural.

Gráfico 08: Percentual por natureza dos hidrônimos



Fonte: Elaborado pelo autor.

6.2.4 Análise dos fatores extralinguísticos dos hidrônimos

Para efeito desta análise, consideramos as taxionomias por aparições nas microrregiões, pois assim foi possível identificar a relação ambiente, cultura e sua relação com os hidrônimos.

Como visto, as taxes Fitotopônimos e Zootopônimos foram as mais recolhidas em toda a MSN. Desse modo a flora e a fauna da região, e mais particularmente os nomes de origem indígena, foram significativas no ato de nomeação dos elementos físicos. Nesse sentido, convém observar o que afirmam Dietrich e Noll (2010, p. 90-91), ao estudarem a influência da língua brasílica no léxico do português falado no Brasil. Segundo esses pesquisadores,

A motivação dos falantes do português para adotarem termos das línguas brasílica, da língua geral paulista, da língua geral amazônica ou do nheengatu é dada pela necessidade de denominarem objetos e realidades desconhecidas na tradição portuguesa, mas típicas da natureza e da vida no Brasil. Assim é natural que a grande maioria dos termos de origem tupi pertença à linguagem setorial da fauna, flora, natureza e cozinha. Geralmente são nomes, poucas vezes adjetivos ou verbos.

Rodrigues (1986, p. 21) destaca a importância dessa herança linguística, dando exemplos de dados estatísticos referente ao léxico Tupi(nambá). Segundo o autor,

Uma das consequências da prolongada convivência do Tupinambá com o Português foi a incorporação a este último de considerável número de palavras daquele. Numa amostra de pouco mais de mil nomes brasileiros populares de aves, um terço, cerca de 350 nomes, são oriundos do Tupinambá. Numa outra área de fauna, em que a interação entre portugueses e índios deve ter sido mais intensa, pois uns e outros eram grandes pescadores, a participação do vocabulário do Tupinambá é ainda maior: numa amostra de 550 nomes populares de peixes, quase metade (225 ou 46%) veio da língua indígena. É notável a quantidade de lugares com nomes de origem Tupinambá, quase sem alteração de pronúncia, muitos deles dados pelos luso-brasileiros dos séculos passados a localidades onde nunca viveram índios Tupinambá.

Dessa forma, é notável a contribuição de nomes oriundos das línguas indígenas para a toponímia brasileira. Com isso, ao estudar a toponímia de uma dada localidade, podemos verificar vestígios que mostram que o ambiente está refletido na língua, por meio dos topônimos e aqui neste estudo pelos hidrônimos.

Dessa forma, em relação aos fitotopônimos, por microrregião temos a seguinte distribuição, conforme a tabela 05.

Tabela 05: Número de fitotopônimos recorrentes por microrregião.

Microrregião recorrente	Número de ocorrências
Baixada Maranhense	29
Lençóis Maranhenses	28
Litoral Ocidental Maranhenses	17
Rosário	12
Itapecuru Mirim	08
Aglomeracão Urbana de São Luís	05

Fonte: Elaborado pelo autor.

Podemos observar, conforme a tabela 05 e com base no que foi exposto *item 2.3*, que retrata as características socioculturais das microrregiões, que a ocorrência de fitotopônimos na Microrregião Aglomeração Urbana de São Luís é inexpressiva e isso, cremos, se deve ao fato das áreas de florestas terem dado espaço para os centros de comercialização e industrialização maranhense e, em alguns casos, em virtude do desaparecimento de muitos elementos da hidrográfica.

Com relação à Microrregião Lençóis Maranhenses, por ser uma área de extensos campos de dunas e costões rochosos foram predominantes fitotopônimos que têm características de lugares secos, como capim, oiticica, mirim, caquira.

Nas Microrregiões Baixada Maranhense e Litoral Ocidental, o predomínio da taxa fitotopônimo se dá pela vasta ocupação ainda de muitas florestas, pastagens e agricultura. Nessas Microrregiões, como visto no *item 2.2*, os rios desaguam na costa de inúmeras rias e sofrem influência das marés, ocasionando assim constantes alagamentos nessas áreas, o que e de suma importância nos processos de cultivo, consumo e decomposição, além de ajudar na troca de matéria e energia entre os organismos e o meio ambiente. O mesmo acontece na Microrregião de Itapecuru Mirim, onde temos bacabal, cajazeiras, juçaral.

Considerando o bioma que caracteriza essas áreas, entre os hidrônimos temos vegetais típicos de áreas alagadas, como é o caso da juçara, e de muitas espécies das florestas, como jatobá, pindoba, bacuri, bacaba, cajá, marajá.

Na Microrregião de Rosário, temos também plantas típicas das florestas, como buriti, andiroba, bacaba, anajá. Com relação aos hidrônimos Buriti, Adiroba e Anajá, podemos inferir que na época de nomeação havia grande quantidade dessas espécies, pois nesse hidrônimos foram utilizados os sufixos de quantidade *-al*, do português, e *tuba*, indígena que dá a ideia de grande quantidade.

Em relação aos Zootopônimos, por microrregião, temos a seguinte distribuição, conforme a tabela 06.

Tabela 06: Número de zootopônimos recorrentes por microrregião.

Microrregião recorrente	Número de ocorrências
Baixada Maranhense	10
Lençóis Maranhenses	19
Litoral Ocidental Maranhenses	23
Rosário	04
Itapecuru Mirim	06
Aglomerado Urbana de São Luís	01

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os resultados da tabela 06, com uma única ocorrência de zootopônimo na microrregião Aglomeração Urbana de São Luís, nos possibilitam estabelecer uma relação entre a presença de espécies animais – motivadora de zootopônimos – e a cadeia de elementos da flora – fonte geradora de fitotopônimos –, tendo em vista os hábitos alimentares dos animais.

Em relação aos zootopônimos, eles foram bem recorrentes na Microrregião Litoral Ocidental Maranhenses, por se tratar de localidades onde encontramos vilas de pescadores pelas rias, e extrativismo nos mangues. Os hidrônimos coletados têm relação com esse ambiente; algumas vezes nomes de peixes, como baiacu-açu, curimatá, pirapema; outras vezes, nomes de moluscos e anfíbios d'água doce, como aura e jacaré.

Na Microrregião Lençóis Maranhenses, por se tratar de áreas de dunas, é comum a presença de zootopônimos alusivos a nomes de cobra, sucuriú e móia. Como nessa área há cobras, há também animais que delas se alimentam, gerando assim uma cadeia de zootopônimos alusivos às cobras e aos animais que delas se alimentam, como é o caso de guaribas e acauãs.

Na Baixada Maranhense, que tem várias áreas alagadas e ainda florestas, surgiram hidrônimos bem característicos dessas regiões, que encontram sua motivação na presença de aves que vivem nos rios, *uru*, *carará*, e ainda de moluscos, como o *aurá*.

Nas demais microrregiões, não foi muito relevante o aparecimento de zootopônimos e isso ratifica nossa ideia de interligar zootopônimos aos ambientes em que aparece a taxa fitotopônimos, a exemplo do resultado apresentado na Microrregião Aglomeração Urbana de São Luís.

Em relação aos Hidrotopônimos, por microrregião, temos a seguinte distribuição, conforme a tabela 07.

Tabela 07: Número de hidrotopônimos recorrentes por microrregião.

Microrregião recorrente	Número de ocorrências
Baixada Maranhense	07
Lençóis Maranhenses	03
Litoral Ocidental Maranhenses	04
Rosário	03
Itapecuru Mirim	03
Aglomerado Urbana de São Luís	01

Fonte: Elaborado pelo autor.

A maior ocorrência dos hidrotopônimos foi nas Microrregiões Baixada Maranhense e Litoral Ocidental Maranhenses. Podemos dizer que esses níveis de ocorrência se deu pelas características já mencionadas, além de que nessas regiões passam grandes rios como o Maracu, Mearim, Pericumã, Pindaré.

A outra maior ocorrência dos hidrotopônimos foi na Microrregião Itapecuru Mirim, por onde passa o rio Itapecuru, que teve/tem grande importância dentro do Estado, pois em suas margens foram implantadas as primeiras fábricas açucareiras, sendo, portanto, ponto de assentamento dos açorianos, e hoje é a principal via de abastecimento capital do Estado. Nas outras microrregiões, os hidrotopônimos não foram muito significativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme exposto na introdução deste trabalho, o objetivo geral da pesquisa foi delinear tendências gerais da hidronímia maranhense, com ênfase nos nomes de origem indígena que se inserem na área delimitada para este estudo. Propusemos, ainda, inventariar, classificar e analisar os topônimos, segundo as categorias: origem, taxionomia e estrutura morfológica.

Após a recolha e análise dos dados, foi possível responder às perguntas que nortearam nosso trabalho, cujas respostas se encontram assim sintetizadas:

- i) é significativo o número de hidrônimos de origem indígena que compõem a densa rede hidrográfica maranhense na Mesorregião Norte Maranhense.
- ii) no âmbito da hidronímia verificamos a manutenção dos nomes mais antigos, a exemplo de Taboucourou > Tabucuru > Itapicuru > Tapocuru > Itapecuru > Itapecurú > Itapecuru, evidenciando assim que os nomes dos cursos d'água guardam, ao longo do tempo, a história de uma sociedade, pois sua substituição não é frequente.
- iii) a natureza linguística dos hidrônimos assinala a relação direta do nomeador, neste caso, o índio, com o ambiente, tendo em vista as amostras motivadoras que envolvem ocorrências significativas de Zootopônimos (Arapapá, Jeju, Uruçu, Grajaú, Uru...), Fitotopônimos (Bacanga, Maracujá, Pericumã, Pindova, Quirizal...) e Hidrotopônimos (Ipixuna, Parazinho, Igapó, Icatu).
- iv) Há uma estreita relação entre o batismo dos elementos hidrográficos e as características geofísicas, culturais, ambientais do espaço maranhense

Por fim, vale ressaltar que a temática *toponímia indígena maranhense*, mais precisamente a *hidronímia indígena*, não se esgota com os resultados obtidos neste estudo, pois aqui constatamos a expressividade da contribuição indígena para o batismo dos elementos físicos, o que requer a elaboração de mais estudos, de modo a contemplar outras mesorregiões do Estado, contribuindo assim para o conhecimento mais amplo da língua, cultura e história de outros povos indígenas, alguns dos quais já não se tem registros.

REFERÊNCIAS

- ANA – Agência Nacional de Águas. *Região Hidrográfica Atlântico Nordeste Ocidental*. Disponível em: www2.ana.gov.br/Paginas/portais/bacias/AtlânticoNordesteOccidental.aspx
- ANDRADE, K. S. *Atlas Toponímico de origem Indígena do Tocantins-Projeto ATITO*. São Paulo: USP, 2006. Tese (Doutorado).
- AULETE, Caldas. *Aulete Digital - Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Desenvolvido por Lexikon Editora Digital Ltda, 2006.
- _____. *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. / Caldas Aulete; [organizador Paulo Geiger]. – Rio de Janeiro: Lexikon, 2011. 1488p.
- BARBOSA, Padre A. Lemos. *Pequeno dicionário tupi-português*. Rio de Janeiro: São José, 1955.
- BORBA, Francisco S. (org.) 2004. *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*. São Paulo, Editora UNESP, 1470 p.
- BORDONI, Orlando. *A Língua Tupi na Geografia do Brasil*. – Dicionário. São Paulo: BANESTADO/Pontes Editores, n/d.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001, p.13-22.
- CARDOSO, Levy. *Toponímia Brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961.
- CASTRO, Maria Cecília Dias de. *Maranhão: sua toponímia, sua história*. Goiânia, 2012. 474f. Tese (Doutorado em letras e linguística) – Faculdade de letras, Universidade Federal de Goiás.
- CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- _____. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. São Paulo: Companhia Melhoramentos; Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- CURVELO, Heloísa Reis. *TOPÔNIMOS MARANHENSES: testemunhos de um passado ainda presente*. 2009. 282 f, Dissertação (Mestrado em linguística) – Universidade Federal do Ceará.
- CURVELO-MATOS, Heloísa Reis. *Análise toponímica de 81 bairros de São Luís/MA*. 2014. 347f. Tese (Doutorado em linguística) – Universidade Federal do Ceará.
- D'ABBEVILLE, Cláudio. *História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas*. São Paulo: Siciliano, 2002.
- D'EVREUX, Yves. *Viagem ao norte do Brasil: feita no ano de 1613 a 1614*. São Paulo: Siciliano, 2002.

DAUZAT, Albert. *Les noms de lieux*. Paris. Librairie Delagrave, 1926.

_____. *Dictionnaire Etymologique*. Paris. Librairie Larousse. 1938.

DIAS, Antônio Gonçalves. *Diccionario da lingua Tupy, chamada Lingua Geral dos indígenas do Brazil*. Lipsia: F. A. Brockhaus, 1958.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Atlas Toponímico do Brasil: teoria e prática II*. In: *Revista Trama*, v. 03, n. 05, p. 141-155, 2007a.

_____. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. II. Campo Grande: Editora. UFMS, 2004, p. 121-130.

_____. O português do Brasil no Período Colonial. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 05, 2001, Rio de Janeiro. *Cadernos...* Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos, 2001, p. 133-146.

_____. Contribuição do Léxico Indígena e Africano ao Português do Brasil. In: *CONGRESSO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS*, 1999, Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <http://www.geocities.com/ail_br/contribuicaodolexicoindigena.html>. Acesso em: 27 out. 15.

_____. Toponímia e Línguas Indígenas do Brasil. In: *Revista Estudos Avançados*. v. 08, n. 22, São Paulo: IEA-USP, p. 435-436, 1994.

_____. Tratamento lexicográfico toponímico do Estado de São Paulo. In: VIII ENCONTRO NACIONAL da ANPOLL. 1992, Porto Alegre. *Anais...* Goiânia: ANPOLL, 1992a, p. 675-679

_____. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições do Arquivo do Estado, 1990a. 387p.

_____. *Os vocabulários toponímicos básicos no “vocabulário na língua brasílica” e sua relação geográfica*. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros – IEB da Universidade de São Paulo*, São Paulo, n. 31, p. 95-111, 1990b.

_____. A Terminologia nas ciências onomásticas. Estudo de caso: o Projeto ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo). In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria, (Orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Volume III. Campo Grande: Editora da UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007, p. 459-471.

_____. Fundamentos teóricos da Toponímia. Estudo de caso: o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico de Estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (org.). *O léxico em Estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 91-117.

_____. Métodos e questões terminológicas na onomástica. Estudo de caso: o Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. In: *Investigações. Linguística e Teoria Literária*, vol. 9. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFPE, março de 1999.

_____. O léxico toponímico: marcadores e recorrências lingüísticas. (Um estudo de caso: a toponímia do Maranhão). In: *Revista Brasileira de Lingüística*. São Paulo: editora Plêiade. v. 8 – n. 1, 1995, p. 59-68

_____. O sistema onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e freqüência. In: PIRES DE OLIVEIRA, Ana Maria P.; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: editora da UFMS, 1998, p. 70-90.

_____; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Caminho das Águas, Povos dos Rios: Uma Visão Etnolingüística da Toponímia Brasileira. In: *Anais do V Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Rio de Janeiro: Série V, nº.06, UERJ, 2001. Disponível em: http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/cong_vcnlf06.html. Acesso 28 out. 15.

DURANTI, Alessandro. *Antropología lingüística*. Madrid; Cambridge University Press, [1997] 2000.

DRUMOND, Carlos. Contribuição bororo à toponímia brasílica. São Paulo: ed. da USP, 1965.

ELIA, Silvio. *A unidade lingüística do Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão. 1979. GARCÍA SÁNCHEZ Jairo Javier. Atlas toponímico de España. Arcos Liblos, 2007. Disponível em: <<http://www.arcomuralla.com/Arco/Shop/Detail.asp?IdProducts=652>>. Acesso em: 01 nov. 14.

FEITOSA, A. C. *Relevo do Estado do Maranhão: Uma nova proposta de Classificação Topomorfológica*. In: VI Simpósio Nacional de Geomorfologia, 2007, Goiânia. VI Simpósio Nacional de Geomorfologia – Anais. Goiânia: UFG, v. 1: 1-11.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Eletrônico versão 5.0 – o dicionário de língua portuguesa – Século XXI*, Curitiba: editora Positivo, 2004.

FIGUEIREDO, Cândido de. Dicionário da Língua Portuguesa. v. 1, Lisboa: Livraria Bertrand, 1949.

GOVERNO DO ESTADO DO MARANHÃO; NUGEO. *BACIAS HIDROGRÁFICAS: Subsídios para o Planejamento e a Gestão Territorial*. São Luís, 2011.

GREGÓRIO, Irmão José. *Contribuição indígena ao Brasil*. 3 vols. Belo Horizonte: União Brasileira de Educação e Ensino, 1980.

HOUAISS, A. e VILLAR, M. de S. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Elaborado no Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Glossário dos termos genéricos dos nomes geográficos utilizados no mapeamento sistemático do Brasil*. v. 1 Rio de Janeiro, 2010.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E DE ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br> >acesso em: abril/maio de 2016.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico regional e léxico toponímico: interfaces linguísticas, históricas e culturais. In: ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C. T. C. de. (Org.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. 1ª ed. Campo Grande - MS: Editora UFMS, 2012, v. VI, p. 115-139.

_____.; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Apontamentos sobre hidronímia e hidrotoponímia na fronteira entre os estados de Mato Grosso do Sul e Minas Gerais. In: Aparecida Negri Iquerdo; Lídia Almeida Barros. (Org.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. 1ª ed. Campo Grande - MS: EDUFMS, 2010, v. V.

_____. O caminho do rio, o caminho do homem, o caminho das palavras.... In: RIBEIRO, Silvana S. C., BORBA COSTA, Sônia B., CARDOSO, Suzana Alice M.. (Org.). *Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa. Homenagem a Jacyra Andrade Mota pela contribuição aos estudos dialetais*. 1ed.Salvador - BA: EDUFBA, 2009, v., p. 41-59.

_____. De Laguna de los Xarayes a Pantanal: mito e realidade impressos na Toponímia. In: Maria Cândida Trindade Costa de Seabra. (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, v., p. 119-135.

_____. ISQUERDO, Aparecida Negri et al. *Atlas Toponímico no Estado de Mato Grosso do Sul – ATEMS*. Vol. 1. Campo Grande: UFMS, 2011, p. 32-40 (inédito).

LODY, Raul. *Dicionário de Arte Sacra e Técnica Afro Brasileira*. Rio de Janeiro, Pallas, 2003, 324p.

LOPES, Antônio. Topônimos Tupis no Maranhão A/B. In: *Revista de Geografia e História do Maranhão*. 1947. p. 13-33.

LOPES, Nei. *Novo Dicionário Banto do Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

_____. Topônimos Tupis no Maranhão C. In: *Revista de Geografia e História do Maranhão*. 1950. p. 79-103.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 6ª Ed. v.1, Lisboa: Livros Horizonte, 1990.

MARANHÃO, Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres. Poranduba Maranhense. Separata de: *Revista de Geografia e História do Maranhão*. 3. ed. São Luís: Academia Maranhense de letras, ([1946] 2012)

MARQUES, César Augusto- 1826-1900. *Dicionário histórico-geográfico da Província do Maranhão/ César Augusto Marques; notas e apuração textual de Jomar Moraes*. – 3º Ed. – São Luís: Edições AML, 2008.

MATTOSO CÂMARA JUNIOR, Joaquim. *Dicionário de filologia e gramática*. 5. Ed. Rio de Janeiro: J. Ozon + Editor, 1973.

MELO, Magnólia Sousa Bandeira. *Índice toponímico de Centro histórico de São Luís*. São Luís: EDUFMA, 1990, 121p.

MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998 - (Dicionários Michaelis). 2259p.

MNA/SRH. Caderno da Região Hidrográfica Atlântico Nordeste Occidental. Brasília: MMA, 2006

MORALA, José R. Toponímia e geografía lingüística. Sobre leonés y castellano. . In: SOUSA FERNÁNDEZ, Xulio. (Ed.). *Toponímia e cartografía*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega; Instituto da Lingua Galega, 2010, p. 75-102.

MUJIKA ULAZIA, Nerea. Bilingüismo, toponímia y cartografía en la Comunidad Autónoma del País Vasco. In: SOUSA FERNÁNDEZ, Xulio. (Ed.). *Toponímia e cartografía*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega; Instituto da Lingua Galega, 2010, p. 75-102.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1999.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Método Moderno de Tupi Antigo*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

_____. *Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil*. – 1.ed – São Paulo: Global, 2013.

NOLL, Volker. Os primeiros empréstimos tupis no português do Brasil. In NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf. (Orgs.). *O Português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 105-117.

_____. O Brasil Colônia entre a língua geral e o português. In NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf.(Orgs.). *O Português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 105-117.

_____; DIETRICH, Wolf. O papel do tupi na formação do português do Brasil. In NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf. (Orgs.). *O Português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 81-103.

PEREIRA, Ana Amélia. *Arari: caracterização geográfico-histórico-social e toponímia*. Vitória do Mearim. 2003. 155f. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Letras) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

ROSSELLÓ I VERGER, Toponímia, geografía y cartografía. In: SOUSA FERNÁNDEZ, Xulio. (Ed.). *Toponímia e cartografía*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega; Instituto da Lingua Galega, 2010, p. 23-37.

RAMOS, Conceição de Maria de Araújo et. al. A presença das línguas indígenas na toponímia maranhense. In: RAMOS, Conceição de Maria de Araújo et. al. *O português falado no Maranhão: estudos preliminares*. São Luís: EDUFMA, 2005, p. 95-103.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, São Paulo, v. 6, 1902.

SAPIR, Edward. *A lingüística como ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. A formação e a fixação da língua Portuguesa em Minas Gerais: a Toponímia da região do Carmo. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, v. III; São Paulo: Humanitas, 2007, p. 93-103.

_____. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo*. 2004. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

_____. SANTOS, M. M. D. dos. Toponímia de Minas Gerais em registros cartográficos históricos. In: Aparecida Negri Isquerdo; Maria Cândida Trindade Costa de Seabra. (Org.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, lexicografia e terminologia*, v. VI. 1ed.Campo Grande - MS: Editora da UFMS, 2012, v., p. 245-260.

_____. M. C. T. C.. Toponímia Africana em Minas Gerais: região do Rio Doce. In: ISQUERDO, A. N.; FINATTO, M. J. B.. (Org.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, v. IV. 1ed.Campo Grande / Porto Alegre: Ed. UFMS / Ed. da UFRGS, 2008, v. IV, p. 145-160.

_____. M. C. T. C.. ATEMIG - Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais: variante regional do ATB. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (Org.). *Múltiplas perspectivas em Linguística*. Uberlândia/MG: EDUFU, 2006, v. 1, p. 1945-1952.

TIBIRIÇA, Luiz Caldas. *Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi*. Significado dos nomes geográficos de origem tupi. São Paulo: Traço Editora, 1985.

TROVÃO, José Ribamar. *O processo de ocupação do território maranhense*. São Luís: IMESC, 2008.

VASCONCELLOS, José Leite de. *Opúsculos*. v. III. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

VIEIRA FILHO, Domingos. *Breve história das ruas e praças de São Luís*. São Luís: Olímpica, 1971, 197 p.

ZAMARIANO, Márcia. REFLEXÕES SOBRE A QUESTÃO DO NOME PRÓPRIO NA TOPONÍMIA. In: *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: América Central e Caribe: múltiplos olhares*, n 351 o 45, 2012. p. 351-372

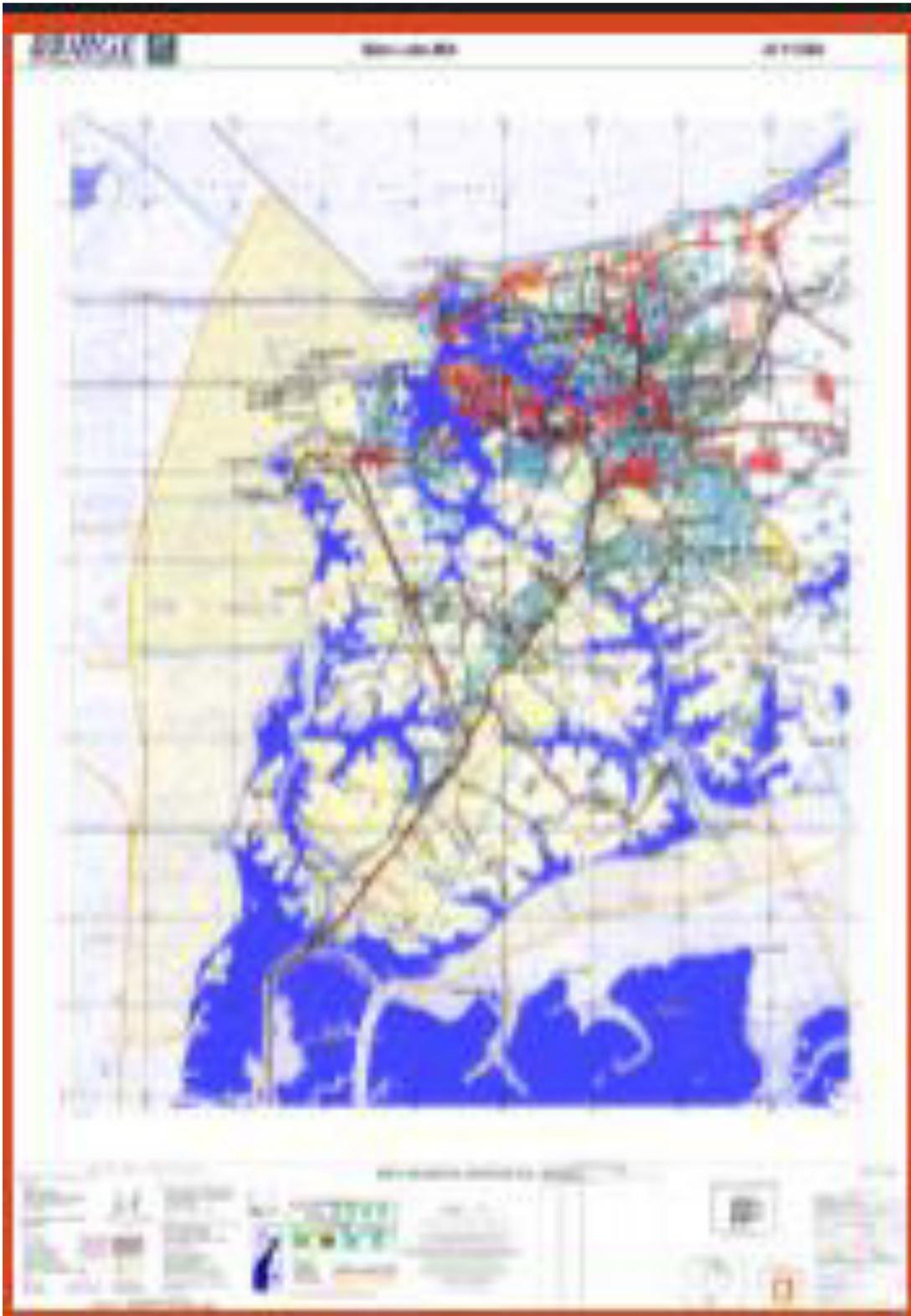
Anexos



Anexo 1: Pequeno atlas do Maranhão e Grão-Pará, elaborado pelo cartógrafo da Casa da Mina e Índia João Teixeira Albarnaz I



Anexo 2: Carta Geográfica da capitania do Piauí, e parte das adjacentes



Anexo 5: Mapas da cidade de São Luís, um dos 60 municípios da Mesorregião Norte, elaborados pelo IBGE

Localização – Município: _____
Topônimo: _____ A.G: _____ Taxionomia: _____
Etimologia: _____

Entrada Lexical: _____

Estrutura Morfológica: _____

Histórico: _____

Informações Enciclopédicas: _____

Contexto: _____

Fonte: _____
Pesquisador: _____ Revisor: _____
Data de Coleta: _____

Anexo 6: Ficha lexicográfico-toponímica DICK (2004)

Localização/Município
Mesorregião
Microrregião
Acidente
Topônimo
Variante cartográfico-lexical
Tipo de Acidente (físico/humano)
Área (rural/urbana)
Classificação taxionômica
Língua de origem
Etimologia
Entrada lexical
Estrutura Morfológica do topônimo
Histórico
Informações enciclopédicas
Contexto
Fonte
Referências bibliográficas
Coordenador
Pesquisador
Revisor
Data da coleta do topônimo

Anexo 7: Ficha lexicográfico-toponímica do Projeto ATEMS